

GEORGE R.R.
MARTIN

OS VENTOS DO INVERNO

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

LIVRO SEIS

leYa



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



OS VENTOS DO INVERNO
GEORGE R. R. MARTIN

Esse e-book apresenta 6 (seis) capítulos completos do livro, que foram divulgados oficialmente pelo próprio George R. R. Martin, através de seu site oficial e/ou app oficial.

Também apresenta 4 (quatro) outros capítulos de forma resumida e não-oficial, que foram transcritos de leituras realizadas pelo autor em eventos.

Todos os capítulos contidos nesse e-book, oficiais ou transcrições, foram traduzidos para o português por fãs, de forma colaborativa, partindo do original em inglês. Os créditos se encontram ao final do e-book, na sessão “*Fontes*”.

Índice

[Arianne I \(*completo*\)](#)

[Victarion \(*resumo*\)](#)

[Theon I \(*completo*\)](#)

[Arianne II \(*resumo*\)](#)

[Tyrion I \(*resumo*\)](#)

[Barristan I \(*completo*\)](#)

[Barristan II \(*resumo*\)](#)

[Tyrion II \(*completo*\)](#)

[Mercy \(*completo*\)](#)

[Alayne I \(*completo*\)](#)

[Fontes](#)

Arianne I (completo)

Na manhã em que ela partiu de Jardins de Água, seu pai se levantou de sua cadeira para beijá-la em ambas as bochechas. “O destino de Dorne parte com você, filha” ele disse, conforme pressionava o pergaminho em sua mão. “Vá rapidamente, vá segura, seja meus olhos, ouvidos e voz... mas, principalmente, cuide-se.”

“Eu vou, pai.” Ela não derramou uma lágrima. Arianne Martell era a princesa de Dorne e dorneses não desperdiçavam água facilmente. Entretanto, ela quase cedeu. Não fora os beijos de seu pai, nem suas palavras roucas que fizeram seus olhos lacrimejarem, mas o esforço que o pôs de pé, com suas pernas tremendo sobre ele, suas juntas inchadas pela gota. Ficar em pé era uma demonstração de amor, era um ato de fé.

Ele acredita em mim. Não vou decepcioná-lo.

Sete pessoas partiram juntas em sete garanhões dorneses. Um grupo menor viaja mais rápido que um grande, mas a herdeira de Dorne não cavalga sozinha. De Graçadivina veio o Sor Daemon Sand, o bastardo; antes escudeiro do Príncipe Obery, agora o escudo juramentado de Arianne. De Lançassolar vieram dois jovens ousados cavaleiros, Joss Hood e Garibald Shells, para juntar suas espadas às dele. De Jardins de Água, sete corvos e um jovem alto para cuidar deles. Seu nome era Nate, mas tinha passado tanto tempo cuidando de aves que todos o chamavam de Penas. E, como uma princesa deve ter mulheres para acompanhá-la, sua companhia incluía a bonita Jayne Ladybright e a selvagem Elia Sand, uma donzela de quatorze anos.

Eles seguiram para o norte pelo nordeste, através das terras secas, planícies ressecadas e areias pálidas em direção à Monte Espírito, sede da Casa Toland, onde o navio que os levaria através do Mar de Dorne esperava-os. “Mande um corvo em qualquer momento que tenha notícias”. Príncipe Doran disse: “mas só reporte o que você souber que é verídico. Nós estamos no escuro aqui, cercados de rumores, mentiras e contos de viajantes. Eu não me atreverei a agir até que eu tenha certeza do que está acontecendo.”

Guerra é o que está acontecendo, pensou Arianne, e desta vez Dorne não será poupada. “Destruição e morte estão por vir.” Ellaria Sand os alertou, antes que ela se despedisse do Príncipe Doran. “É tempo que as minhas pequenas serpentes se separem, o melhor para sobreviverem a carnificina.” Ellaria estava retornando para o assento de seu pai em Toca do Inferno. Com ela, partiu Loreza, que recentemente completou sete anos. Dorea permaneceu em Jardins de Água, uma criança entre cem. Obella foi mandada à Lançassolar para servir como

copeira para a mulher do castelão, Manfred Martell.

E Elia Sand, a mais velha das quatro meninas que Príncipe Oberyn teve com Ellaria, iria cruzar o Mar de Dorne com Arianne. “Como uma senhora, não uma lanceira” sua mãe disse firmemente. Mas como todas as Serpentes de Areia, Elia tinha sua própria opinião.

Eles cruzaram as areias em dois longos dias e a maior parte de duas noites, parando três vezes para trocar de montaria. Era um tempo solitário para Arianne, cercada por tantos estranhos. Elia era sua prima, mas ainda em parte uma criança, e Daemon Sand... as coisas nunca foram as mesmas entre eles desde que o seu pai negou sua mão ao Bastardo de Graçadivina. *Ele era um menino então e nascido bastardo, um consorte inadequado para a Princesa de Dorne, ele devia ter sabido melhor. E esta era a vontade de meu pai, não minha.* O resto de seus companheiros ela não conhecia direito.

Arianne sentia falta de seus amigos. Drey, Garin e a doce Sylva fizeram parte dela quando jovem, confidentes confiáveis que compartilhavam seus sonhos e segredos, alegravam-na quando estava triste, ajudavam-na a enfrentar seus medos. Um deles a traiu, mas ela sentia saudades mesmo assim. Era sua culpa. Arianne os fizera participar de um plano para sequestrar Myrcella Baratheon e coroá-la rainha, um ato de rebelião para forçar uma ação de seu pai, mas a língua solta de alguém estragara tudo. A desajeitada conspiração tinha resultado em nada, a não ser causado a perda de parte do rosto de Myrcella e a vida de Sor Arys Oakheart.

Arianne também sentia falta de Sor Arys, mais do que sequer pensara. *Ele me amou loucamente*, ela disse a si mesma, *ainda que eu não sentisse nada mais do que afeição por ele. Eu o usei em minha cama e no meu plano, peguei seu amor, sua honra e dei-lhe nada mais que meu corpo. No fim, ele não conseguia mais viver com o que tínhamos feito.* Por qual outro motivo poderia o seu cavaleiro branco ter se jogado na frente do machado de Areo Hotah, para morrer daquele jeito? *Eu fui uma garota tola, participando no jogo dos tronos como um bêbado jogando dados.*

O custo de sua empreitada tinha sido alto. Drey fora mandado ao outro lado do mundo, para Norvos, Garin exilado para Tyrosh por dois anos e sua doce e sorridente Sylva casada com Eldon Estermont, um homem velho o suficiente para ser seu avô. Sor Arys pagou com seu sangue e Myrcella com uma orelha.

Somente Sor Gerold Dayne havia escapado imaculado. *Estrela da Noite.* Se o cavalo de Myrcella não tivesse se movimentado naquele último instante, sua espada longa teria rasgado-a do peito à cintura ao invés de só ter tirado sua orelha. Dayne era seu pecado mais grave, aquele do qual ela mais se arrependia. Com um golpe de sua espada, ele tinha transformado seu plano malfeito em algo sangrento e abominável. Se os deuses eram bons, Obara Sand já teria achado-o com sua rapidez e dado cabo dele.

Ela disse isso a Daemon Sand na primeira noite em que eles montaram acampamento. “Seja cuidadosa com o que deseja, princesa” ele respondeu. “A Estrela da Noite poderia dar cabo da Senhora Obara tão facilmente como o contrário.”

“Ela tem Areo Hotah.” O capitão dos guardas de Príncipe Doran tinha vencido Sor Arys Oakheart com um único golpe, apesar da Guarda Real supostamente ser composta dos melhores cavaleiros do reino. “Nenhum homem pode vencer Hotah.”

“É isso que a Estrela da Noite é? Um homem?” Sor Daemon fez uma careta. “Um homem não faria o que ele fez à Princesa Myrcella. Sor Gerold é mais uma víbora do que seu tio jamais foi. Príncipe Oberyn podia ver que ele era veneno, disse mais de uma vez. É uma pena que ele nunca pôde matá-lo.”

Veneno, pensou Arianne. Sim. Um veneno bonito, entretanto. Foi assim que ele a enganou. Gerold Dayne era duro e cruel, mas tão bonito de se olhar que a princesa não acreditou na metade das histórias que lhe contaram. Meninos lindos sempre foram a sua fraqueza, principalmente aqueles que também eram escuros e perigosos. Isso foi antes, quando eu era apenas uma garota, disse a si mesma. *Eu sou uma mulher agora, a filha de meu pai. Eu aprendi essa lição.*

Com o raiar do dia, partiram novamente. Elia Sand liderava o caminho, com sua trança negra voando atrás dela conforme ela corria pelas secas e rachadas planícies e seguindo para o topo das colinas. A garota era doida por cavalos. Este podia ser o motivo pelo qual ela frequentemente cheirava como um, para o desespero de sua mãe. Às vezes Arianne sentia pena de Ellaria. Quatro meninas e, cada uma delas, filhas de seu pai.

O resto do grupamento seguia num ritmo mais leve. A princesa se pegou viajando ao lado de Sor Daemon, ele lembrando-a de outras cavalgadas quando eram mais jovens, e que geralmente terminavam em abraços. Quando ela percebeu que estava lançando olhares sobre ele, alto e galante na cela, Arianne se lembrou de que era herdeira de Dorne e ele nada mais que um escudo. “Diga o que sabe sobre esse Jon Connington” ela ordenou.

“Ele está morto” disse Daemon. “Ele morreu nas terras disputadas. Em decorrência da bebida, eu ouvi.”

“Então um morto bêbado lidera um exército?”

“Talvez esse Jon Connington seja filho do outro. Ou então esse é um mercenário sagaz que tomou o nome de um morto.”

“Ou ele nunca morreu.” Poderia Connington ter fingido estar morto todos esses anos? Isso exigiria paciência igual a de seu pai. O pensamento deixou Arianne apreensiva. Lidar com um homem tão sutil poderia ser perigoso. “Como ele era antes... antes de sua morte?”

“Eu era um menino em Graçadivina quando ele foi exilado. Eu nunca conheci o homem.”

“Diga-me o que ouviu sobre ele de outros.”

“Como a minha princesa ordena. Connington era o Senhor do Poleiro do Grifo quando este ainda era uma senhoria digna de possessão. Era o escudeiro do Príncipe Rhaegar ou um deles. Depois, amigo e companheiro de Rhaegar. O Rei Louco o nomeou Mão durante a Rebelião de Robert, mas ele foi derrotado no Septo de Pedra na Batalha dos Sinos e Robert escapou. Rei Aerys ficou irado e mandou Connington para o exílio. E, lá, ele morreu.”

“Ou não.” Príncipe Doran tinha lhe contado tudo isso. *Deve haver mais*. “Essas são somente as coisas que ele fez. Eu já sei tudo isso. Que tipo de homem era? Honesto e honrável, corruptível e ganancioso, orgulhoso?”

“Com certeza, orgulhoso. Até mesmo arrogante. Um amigo fiel de Rhaegar, mas espinhoso para outros. Robert era seu suserano, mas ouvi que Connington sofria em servir esse lorde. Até naquela época, Robert era conhecido por ter afeição a vinhos e putas.”

“Nenhuma puta para Lorde Jon, então?”

“Eu não saberia dizer. Alguns homens gostam de mantê-las em segredo.”

“Ele tinha uma mulher? Uma concubina?”

Sor Daemon encolheu os ombros. “Não que eu tenha ouvido falar.”

Isto também era problemático. Sor Arys Oakheart tinha quebrado seus votos por ela, mas não parecia que Jon Connington poderia ser tão facilmente enganado. *Como posso enfrentar um homem como ele com somente palavras?*

A princesa caiu em silêncio, todo o tempo pensando no que encontraria no fim de sua jornada. Quando levantaram acampamento naquela noite, ela entrou na barraca que compartilhava com Jayne Ladybright e Elia Sand e retirou o pergaminho de dentro de sua manga para ler as palavras novamente.

Para o Príncipe Doran da Casa Martell,

Você deve se lembrar de mim, espero. Eu conhecia sua irmã bem e fui um servo leal de seu cunhado. Eu sofro por eles tal como você. Eu não morri, assim como o filho de sua irmã. Para salvar sua vida permanecemos escondidos, mas esse tempo acabou. Um dragão retornou a Westeros para reivindicar seu direito de nascerça e buscar vingança pelo seu pai e pela Princesa Elia, sua mãe. Em nome dela eu me torno para Dorne. Não nos decepcione.

Jon Connington

Senhor do Poleiro do Grifo

Mão do Verdadeiro Rei

Arianne leu a carta três vezes, então enrolou-a e a guardou dentro de sua manga. Um dragão retornara a Westeros, mas não o dragão que seu pai estava esperando. Em lugar nenhum há uma menção a Daenerys, nascida da tormenta... nem do Príncipe Quentyn, seu irmão, que havia sido enviado para procurar a rainha Dragão. A princesa lembrou de como seu pai pressionava a

peça de cyvasse em sua palma, sua voz rouca e baixa enquanto ele confessava seu plano. *Um longa e perigosa viagem, com uma recepção incerta ao fim*, ele disse. *Ele foi trazer-nos de volta o desejo de nossos corações. Vingança. Justiça. Fogo e sangue.*

Fogo e Sangue era o que Jon Connington – se realmente era ele – também estava oferecendo. Será? “Ele vem com mercenários, mas sem dragões,” Príncipe Doran lhe contou, na noite em que o corvo chegou. “A Companhia Dourada é a melhor das companhias livres, mas dez mil mercenários não podem esperar conquistar os Sete Reinos. O filho de Elia... eu iria chorar de alegria se alguma parte de minha irmã sobrevivesse, mas que provas temos de que esse é Aegon?” Sua voz falhou quando disse isso. “Onde estão os dragões?” ele perguntou. “Onde está Daenerys?” e Arianne soube que o que ele realmente estava querendo dizer era “Onde está meu filho?”

No Caminho dos Ossos e na Passagem do Príncipe, dois exércitos se reuniram e ali sentaram, afiando suas lanças, polindo suas armaduras, jogando dados, bebendo, brigando, seus números diminuindo a cada dia, esperando, esperando, esperando que o príncipe de Dorne os soltassem sobre os inimigos da Casa Martell. *Esperando pelos dragões. Por sangue e fogo. Por mim.* Uma palavra dela e aqueles exércitos iam marchar... desde que a palavra fosse *dragão*. Se, em vez disso, a palavra fosse *guerra*, Lorde Yronwood, Lorde Fowler e seus exércitos permaneceriam ali. O príncipe de Dorne não era nada se não sutil; aqui *guerra* significava *espere*.

Ao meio-dia do terceiro dia, Monte Espírito levantava-se sobre eles, suas paredes branco-giz brilhando contra o profundo azul do Mar de Dorne. Das torres quadradas nas esquinas do castelo, voavam os estandartes da Casa Toland; um dragão verde comendo sua própria cauda sobre um campo dourado. O sol e lança da Casa Martell estavam hasteados no topo da grande fortaleza central, dourada, vermelha e laranja, desafiante.

Corvos tinham voado na frente para alertar a Senhora Toland de sua chegada, então os portões do castelo estavam abertos e a filha mais velha de Nymella cavalgou com o intendente para encontrá-los na base da colina. Alta e forte com mechas de um brilhante cabelo vermelho caindo por seus ombros, Valena Toland cumprimentou Arianne com um grito de “Finalmente chegou, não é? O quão lento são esses cavalos?”

“Rápidos o suficiente para vencer os seus até os portões do castelo.”

“Nós vamos ver.” Valena virou seu cavalo e pôs as esporas nele e, então, a corrida havia começado, por entre as poeirentas ruas da vila na base da colina, com galinhas e moradores se afastando de seus caminhos conforme passavam. Arianne estava há uma distância de três cavalos quando ela trotou sua égua, mas já tinha diminuído a distância para um na metade da subida. As duas estavam lado-a-lado conforme elas corriam para o portão, mas faltando poucos metros

Elia Sand veio voando de uma nuvem de poeira atrás dela para ultrapassá-las no seu cavalo negro.

“Você é metade cavalo, criança?” Valena perguntou, rindo, no pátio. “Princesa, você trouxe uma garota de estábulos?”

“Sou Elia,” a garota anunciou. “Senhora Lanceira.”

Quem quer que seja que tenha posto esse nome nela tem muito a responder. Como se não tivesse sido Príncipe Oberyn, entretanto, e a Víbora Vermelha não respondia a ninguém a não ser a si mesmo.

“A garota das justas,” Valena disse. “Sim, eu ouvi sobre você. Como você foi a primeira a chegar ao pátio, você ganhou a honra de dar água e refrear os cavalos.”

“E depois procurar a casa de banhos,” disse a princesa. Elia era giz e poeira da cabeça aos pés.

Naquela noite, Arianne e seus cavaleiros jantaram com a Senhora Nymella e suas filhas no grande salão do castelo. Teora, a mais jovem, tinha o mesmo cabelo rubro de sua irmã, mas no resto não poderia ser mais diferente. Pequena, rotunda e tão tímida que poderia se passar por uma muda. Ela demonstrava mais interesse no bife temperado e no pato ao mel que nos atraentes jovens cavaleiros na mesa e parecia estar contente que a senhora sua mãe e irmã falassem pela casa Toland.

“Ouvimos as mesmas histórias que ouviu em Lançassolar,” Senhora Nymella contou-lhes enquanto o servente lhes dava vinho. “Mercenários ancorando nas Terras da Tempestade, castelos sitiados ou sendo conquistados, colheitas destruídas ou queimadas. De onde esses homens vêm, e quem são, ninguém tem certeza.”

“Primeiro ouvimos que eram piratas e aventureiros” disse Valena. “Então supostamente eram a Companhia Dourada. Agora dizem que é Jon Connington, a Mão do Rei Louco, que voltou do túmulo para clamar seu direito de nascerça. Quem quer que seja, Poleiro do Grifo caiu perante eles. Casa de Chuva, Ninho do Corvo, Floresta da Névoa e até Pedraverde em sua ilha. Tudo tomado.”

Os pensamentos de Arianne se dirigiram a Sylva. “Quem iria querer Pedraverde? Houve uma batalha?”

“Não uma que tenhamos ouvido, mas os contos são confusos.”

“Tarth também caiu, alguns pescadores irão te dizer,” disse Valena. “Os mercenários agora possuem a maior parte de Cabo da Fúria e metade dos Passos de Pedra. Agora ouvimos falar de elefantes na Mata de Chuva.”

“Elefantes?” Arianne não sabia o que pensar daquilo. “Você tem certeza? Não dragões?”

“Elefantes,” Senhora Nymella disse firmemente.

“E lulas no Braço Quebrado, passando por baixo das galés prejudicadas,” disse Valena. “O sangue as atrai à superfície, nosso meistre diz. Há corpos na água,

alguns vieram parar na nossa costa. E essa não é nem a metade. Um novo reipirata se situou na Profundeza do Torturador. O Senhor das Águas, ele se nomeia. Este tem verdadeiros navios de guerra, monstruosamente grandes. Vocês foram sábios em não vir por mar. Desde que a frota Redwyne passou pelos Degraus, aquelas águas estão lotadas de velas estranhas, até o norte de Tarth e a Baía dos Naufrágios. Homens de Myr, Volantinos, Lysenos e até ladrões das Ilhas de Ferro. Alguns entraram no Mar de Dorne para desembarcar homens no sul da costa de Cape Wrath. Nós achamos um navio bom e rápido para você, como seu pai ordenou, mas, mesmo assim, tenha cuidado.”

É verdade então. Arianne queria perguntar sobre seu irmão, mas seu pai a alertou a tomar cuidado com todas as palavras. Se esses navios não haviam trazido Quentyn para casa com sua rainha Dragão, era melhor não mencioná-lo. Somente seu pai e outros poucos homens mais confiáveis conheciam a missão de seu irmão na Baía dos Escravos. Senhora Toland e suas filhas não estavam inclusas. Se fosse Quentyn, ele haveria trazido Daenerys para Dorne, certamente. Por que se arriscar em desembarcar dentre os Senhores da Tempestade?

“Dorne está em perigo?” Senhora Nymella perguntou. “Eu confesso que cada vez que vejo uma vela estranha meu coração sobe pela garganta. E se esses navios se virarem para o sul? A melhor parte das forças da Casa Toland está com Lorde Yronwood no Caminho de Ossos. Quem irá defender Monte Espírito contra esses estranhos se eles desembarcarem em nossas costas? Eu deveria chamar meus homens para casa?”

“Seus homens estão onde devem estar, minha senhora,” Daemon Sand lhe assegurou. Arianne rapidamente meneou. Qualquer outro conselho poderia muito bem fazer com que o exército de Lorde Yronwood se desfizesse como um tapete velho para que cada homem pudesse voltar para defender suas terras de homens que podem ou não vir. “Assim que não tivermos dúvidas se esses homens são amigos ou inimigos, meu pai saberá o que fazer,” disse a princesa.

Foi então que aquela pastosa e rechonchuda Teora levantou os olhos de seus bolos de creme no prato. “São dragões.”

“Dragões?” disse sua mãe. “Teora, não seja maluca.”

“Eu não sou. Eles estão vindo.”

“Como você poderia saber disso?” sua irmã perguntou, com um tom de desprezo na voz. “Um de seus pequenos sonhos?”

Teora meneou suavemente, seu queixo tremendo. “Eles estavam dançando. No meu sonho. E por onde quer que os dragões dançavam, pessoas morriam.”

“Os Sete nos salvem.” Senhora Nymella soltou um suspiro exasperado. “Se você não comesse tantos bolos de creme, você não teria esses sonhos. Comidas ricas não são para garotas de sua idade, quando seus humores estão desbalanceados. Mestre Toman diz --”

'Eu odeio o Mestre Toman,' Teora disse. Então ela saiu como um relâmpago da mesa, deixando sua mãe pedindo desculpas por ela.

"Seja gentil com ela, minha senhora" Arianne disse. "Eu lembro quando eu tinha a idade dela. Meu pai se desesperava comigo, tenho certeza."

"Eu posso afirmar isso." Sor Daemon bebeu um gole de vinho e disse, "A Casa Toland tem um dragão em seu estandarte."

"Um dragão comendo a própria cauda, sim." Valena disse. "Dos dias da Conquista de Aegon. Ele não conquistou aqui. Em outros lugares queimou seus inimigos, ele e suas irmãs, mas aqui nós desaparecemos diante deles, deixando somente pedra e areia para que queimassem. Em círculos, os dragões foram mordendo suas caudas por desejo de qualquer outro alimento, até que eles foram amarrados em nós."

"Nossos antepassados fizeram parte disso." disse orgulhosa a Senhora Nymella. "Ousadas ações foram feitas e homens corajosos morreram. Tudo foi escrito pelos mestres que nos serviam. Nós temos livros, se a minha princesa quiser saber mais."

"Em outra ocasião talvez." disse Arianne.

Conforme Monte Espírito dormia naquela noite, a princesa botou uma capa com um capuz contra o frio e andou pelo castelo para clarear sua mente. Daemon Sand a achou se inclinando sobre um parapeito e olhando para o mar, onde a lua estava dançando sobre a água. "Princesa" ele disse. "Você deveria estar na cama."

"O mesmo para você." Arianne virou para observar seu rosto. *Um bom rosto*, ela decidiu. *O menino que conhecia se tornou um homem belo*. Seus olhos eram azuis como um céu limpo, seu cabelo castanho claro como as areias por onde passaram. Uma barba rente seguia uma mandíbula forte, mas não podia esconder as covinhas quando sorria. *Eu sempre amei esse sorriso*.

O Bastardo de Graçadivina era uma das melhores espadas em Dorne, como era esperado de alguém que fora escudeiro da Víbora Vermelha e ungido cavaleiro por este. Alguns diziam que ele também tinha sido amante de seu tio, mas raramente em sua presença. Arianne não sabia se era verdade. Ele tinha sido *seu* amante, entretanto. Aos quatorze ela deu-lhe sua virgindade. Daemon não era muito mais velho que ela, então o ato foi desastrado, mas eles foram ardentes. E, apesar de tudo, fora doce.

Arianne lançou-lhe seu sorriso mais sedutor. "Nós poderíamos compartilhar uma cama juntos."

O rosto de Sor Daemon era pedra. "Você se esqueceu, minha princesa? Eu sou um bastardo." Tomou a mão dela nas suas. "Se eu não sou digno desta mão, como eu posso ser digno do seu sexo?"

Ela puxou sua mão de volta. "Você merece um tapa por isso."

"Meu rosto é seu. Faça o que desejar."

“O que desejo, você não quer, aparentemente. Que seja. Converse comigo então. Poderia este ser realmente Príncipe Aegon?”

“Gregor Clegane tirou Aegon dos braços de Elia e esmagou sua cabeça contra a parede.” Sor Daemon disse. “Se o príncipe de Lorde Connington tem um crânio fraturado, eu acredito que Aegon Targaryen retornou do túmulo. Se não, não acredito. Este é somente um menino falso, não mais. O objeto de um mercenário para ganhar suporte.”

Meu pai teme o mesmo. “Se não, entretanto... se esse é realmente Jon Connington e o menino é o filho de Rhaegar...”

“Você espera que ele seja, ou não?”

“Eu... daria muita alegria ao meu pai se o filho de Elia estivesse vivo. Ele amava muito sua irmã.”

“Eu perguntei sobre você e não sobre seu pai.”

Então foi. “Eu tinha sete quando Elia morreu. Dizem que segurei a sua filha, Rhaenys, uma vez, quando eu era jovem demais para recordar. Aegon será um estranho para mim, seja ele verdadeiro ou falso.” A princesa fez uma pausa. “Nós procuramos pela irmã de Rhaegar, não o seu filho.” Seu pai havia confidenciado tudo à Daemon quando o escolheu para ser o escudo de sua filha; com ele, pelo menos, ela podia falar livremente. “Preferiria que fosse Quentyn quem tivesse retornado.”

“É o que você diz” disse Daemon Sand. “Boa noite, princesa.” Ele curvou-se para ela e a deixou em pé ali.

O que ele quis dizer com aquilo? Arianne o observou, enquanto se afastava. *Que tipo de irmã eu seria se eu não quisesse que meu irmão voltasse?* Era verdade que ela sentiu ressentimento de Quentyn todos aqueles anos por achar que o seu pai queria nomeá-lo herdeiro em seu lugar, mas tudo isso acabou sendo um engano. Ela era a herdeira de Dorne, tinha a palavra de seu pai quanto a isso. Ele teria a sua rainha Dragão, Daenerys.

Em Lançassolar, havia uma pintura da Princesa Daenerys que veio a Dorne para casar um dos antepassados de Arianne. Em seus dias quando era jovem, Arianne passava horas olhando para ela, nos dias em que ela era uma rechonchuda de peito reto no raiar do seu status de donzela que orava toda noite para que os deuses a fizessem bonita. *Cem anos atrás, uma Daenerys Targaryen veio para Dorne para trazer a paz. Agora, outra vem para fazer a guerra e meu irmão será seu rei e consorte. Rei Quentyn.* Por que isso soava tão bobo?

Quase tão estúpido quanto Quentyn cavalgando num dragão. Seu irmão era um menino sério, bem-comportado e obediente, mas vazio. *E simples, tão simples.* Os deuses haviam dado a Arianne a beleza pela qual orou, mas seu irmão deve ter feito outra prece. Sua cabeça era gigante e meio quadrada, seu cabelo cor de lama seca. Seus ombros eram caídos e ele era grande demais no tronco. *Parece muito com o pai.*

“Eu amo meu irmão” disse Arianne, apesar de ninguém estar lá para ouvi-la. A bem da verdade, ela mal o conhecia. Quentyn fora criado por Lorde Anders da Casa Yronwood, o sangue-real, filho de Lorde Ormond Yronwood e neto de Lorde Edgar. Em sua juventude, seu tio Oberyn lutou um duelo com Edgar, dando-lhe um ferimento que gangrenou e o matou. Depois, os homens começaram a chamá-lo de “Víbora Vermelha” e falaram de veneno em sua lâmina. Os Yronwoods eram uma casa antiga, orgulhosa e poderosa. Antes da vinda dos roinares, eles tinham sido reis de metade de Dorne com domínios que diminuía aqueles da Casa Martell. Luta sangrenta e rebelião certamente teriam se sucedido a morte de Lorde Edgar, se o seu pai não tivesse agido rapidamente. A Víbora Vermelha foi para Vilavelha e depois para o outro lado do Mar Estreito, para Lys, apesar de ninguém ousar chamar isso de exílio. E com o tempo, Quentyn foi dado a Lorde Anders para criar como um sinal de confiança. Aquilo ajudou a reparar a falha entre Lançassolar e os Yronwoods, mas tinha criado outras entre Quentyn e as Serpentes de Areia... e Arianne tinha sempre sido mais próxima de suas primas do que de seu irmão distante.

“Nós somos do mesmo sangue” ela suspirou. “Claro que quero que meu irmão volte para casa. Eu quero.” O vento do mar estava arrepiando seus pelos nos braços. Arianne puxou sua capa e foi para sua cama.

Seu navio se chamava *Peregrino* e partiram na primeira hora da manhã. Os deuses foram bons com eles, o mar estava calmo. Mesmo com os bons ventos, a viagem demorou um dia e uma noite. Jayne Ladybright ficou enjoada e passou a maior parte da jornada vomitando, o que Elia Sand achou hilário. “Alguém precisa espancar essa criança” ouviram Joss Hood dizer... e Elia estava entre aqueles que ouviram.

“Eu sou quase uma mulher crescida, Sor.” ela disse arrogantemente. “Eu deixo você me espancar, entretanto... contanto que você entre numa justa comigo e me derrube do cavalo.”

“Nós estamos num navio e sem cavalos” Joss retrucou.

“E senhoras não justam,” insistiu Sor Garibald Shells, um jovem bem mais sério e correto que seu companheiro.

“Eu sim. Sou Senhora Lanceira.”

Arianne tinha ouvido bastante. “Você pode ser uma lanceira, mas não é nenhuma senhora. Vá para baixo e fique lá até que atraquemos.”

A não ser isso, a jornada foi monótona. No anoitecer, eles avistaram uma galé ao horizonte, mas ela estava se afastando e logo havia desaparecido. Arianne jogou cyvasse com Sor Daemon e outra vez com Garibald Shells e, de algum modo, ela perdeu ambas as vezes. Sor Garibald foi gentil em dizer que ela jogou galantemente, mas Daemon zombou dela. “Você tem outras peças além do dragão, princesa. Experimente movimentá-las de vez em quando.”

“Eu gosto do dragão.” Ela disse querendo tirar o sorriso de seu rosto com um

tapa. Ou talvez com um beijo. O homem era tão presunçoso quanto era atraente. *Entre todos os cavaleiros de Dorne, por que meu pai escolheu este para ser meu escudo? Ele sabe a nossa história.* “É só um jogo. Conte-me sobre o Príncipe Viserys.”

“O Rei Pedinte?” Sor Daemon pareceu surpreso.

“Todos dizem que Príncipe Rhaegar era belo. Viserys também era belo?”

“Acredito que sim. Ele era um Targaryen, afinal. Nunca vi o homem.”

O pacto secreto que o Príncipe Doran tinha feito todos esses anos era para casar Arianne ao Príncipe Viserys e não Quentyn e Daenerys. Tudo chegou ao fim no Mar Dothraki, onde ele foi assassinado. *Coroado com um pote de ouro derretido.* “Ele foi morto por um khal dothraki,” disse Arianne. “O marido da própria rainha Dragão.”

“Eu ouvi. E daí?”

“Apenas que... por que Daenerys deixou isso acontecer? Viserys era seu irmão. Tudo o que restava de seu sangue.”

“Os dothraki são um povo selvagem. Quem sabe por que matam? Talvez Viserys tenha limpado seu traseiro com a mão errada.”

Talvez, pensou Arianne, ou talvez Daenerys tenha percebido que assim que seu irmão fosse coroado e casado comigo, ela estaria condenada a passar o resto de sua vida dormindo numa tenda e cheirando a cavalo. “Ela é a filha do Rei Louco,” a princesa disse. “Como sabemos se ela não é --”

“Nós não sabemos,” Sor Daemon disse. “Só podemos ter esperança.”

Victarion (*resumo*)

A *Nobre Senhora* era como uma banheira de um navio, como gordura, chafurdando como as senhoras nobres das terras verdes.

Suas defesas eram enormes, e Victarion embalou-as com homens armados. Com ela navegariam os outros prêmios menores que a Frota de Ferro tinha tomado em sua longa viagem pela Baía dos Escravos, uma desajeitada variedade de engrenagens, engrenagens grandes, carracas e galeras comerciais com alguns barcos de pesca. Era uma frota gorda e fraca, prometendo muito na forma de lã, vinhos e outros bens comerciais, e pouco na forma de perigo. Victarion passou o comando para Wulf-uma-orelha.

"Os traficantes de escravos irão tremer quando virem suas velas saindo do mar", disse ele. "Mas uma vez que eles vejam vocês direito eles irão rir de seus medos. Comerciantes e pescadores, é tudo que vocês são. Qualquer homem pode ver isso. Vamos deixá-los chegar tão perto quanto queiram, mas manter os homens escondidos até que estejam prontos. Em seguida, fechar e atacar. Libertem os escravos e joguem os escravos no mar, mas tomem os navios. Teremos necessidade de cada casco para nos levar de volta para casa."

"Casa", Wulf sorriu. "Os homens irão gostar disso" Lorde Capitão. Primeiro os navios - depois quebramos estes yunkaítas. Aye "

A *Vitória de Ferro* foi amarrada ao lado da *Nobre Senhora*, os dois navios apertados com correntes e ganchos, uma escada estendida entre eles. O barco grande era muito maior que o navio de guerra e sentou-se na água. Ao longo das amuradas os rostos dos homens de ferro olharam para baixo, vendo como Victarion bateu no ombro de Wulf-uma-orelha e lhe enviou pela escada. O mar estava calmo, o céu brilhante de estrelas. Wulf ordenou que retirassem a escada e arrematassem as cadeias. O navio de guerra e o barco de pesca se separaram. À distância, o resto da famosa frota de Victarion foi levantando a vela. Um grito irregular subiu ecoando entre a tripulação da *Vitória de Ferro*, e foi respondido igualmente, pelos homens da *Nobre Senhora*.

Victarion tinha dado a Wulf seus melhores lutadores. Ele os invejava. Seriam os primeiros a chegar a um golpe, os primeiros a ver o olhar de medo dos inimigos. Enquanto ele estaria na proa do *Vitória de Ferro* vendo os navios mercantes de Uma-orelha desaparecerem um a um ao oeste, as faces dos primeiros inimigos que ele havia matado voltaram para Victarion Greyjoy. Pensou em seu primeiro navio, sua primeira mulher. A inquietação estava nele, uma fome pela madrugada e pelas coisas que este dia iria trazer. Morte ou glória, vou beber pelos dois hoje. A Cadeira de Pedra do Mar deveria ter sido sua quando Balon morreu, mas seu irmão Euron a roubou, assim como tinha roubado

sua esposa muitos anos antes. Ele a roubou e sujou-a, mas ele a deixou para que eu a matasse.

"Capitão". A voz pertencia a Longwater Pyke. "Os remadores estão aguardando."

Três deles, e fortes. "Mande-os para a minha cabine. Vou querer o sacerdote também."

Os remadores eram todos grandes. Um deles era um menino, um era um bruto, outro um bastardo de um bastardo. O menino tinha sido remador há menos de um ano, o bruto há 20. Eles tinham nomes, mas Victarion não os conhecia. Um veio de Lamentação, um de Falcão Pardal, outro de Beijo da Aranha. Ele não podia esperar para saber os nomes de cada escravo que já tinha puxado um remo na Frota de Ferro.

"Mostre-lhes o chifre", ele ordenou, quando os três foram conduzidos para sua cabine.

Moqorro trouxe, e a mulher morena levantou uma lanterna para dar uma olhada. À luz da lanterna o chifre parecia se contorcer nas mãos do sacerdote como uma serpente lutando para escapar. Moqorro era um homem de tamanho monstruoso - barrigudo, ombros largos, elevando-se - mas mesmo em suas mãos o chifre parecia enorme.

"Meu irmão encontrou essa coisa em Valíria", disse Victarion aos escravos. "Pense quão grande o dragão deve ter sido para suportar dois deles na cabeça. Maior do que Vhagar ou Meraxes, maior do que Balerion o Terror Negro. "Ele tomou o chifre de Moqorro e percorreu a palma da mão ao longo de suas curvas. "Na Assembleia de Homens Livres em Velha Wyk um dos mudos de Euron tocou este chifre. Alguns de vocês se lembram. Não era um som que qualquer homem que tenha ouvido possa esquecer. "

"Eles dizem que ele morreu", disse o menino, "aquele que tocou o chifre."

"Aye. O chifre fumeava. O mudo tinha bolhas nos lábios, e o pássaro tatuado em seu peito estava sangrando. Ele morreu no dia seguinte. Quando eles o cortaram, seus pulmões estavam negros. "

"O chifre é amaldiçoado", disse o Bastardo do Bastardo.

"O chifre de um dragão de Valíria", disse Victarion. "Sim, ele é amaldiçoado. Eu nunca disse que não era. "Ele passou a mão em uma das bandas de ouro vermelho e o glifo antigo pareceu cantar sob os seus dedos. Durante meio segundo ele queria nada mais do que tocá-lo. Euron foi um tolo em me dar isso, é uma coisa preciosa e poderosa. Com isso eu vou ganhar a Cadeira de Pedra, e então o Trono de Ferro. Com isso eu vou ganhar o mundo.

"Claggorn tocou a buzina três vezes e morreu por isso. Ele era tão grande quanto qualquer um de vocês, e forte como eu. Tão forte que ele poderia torcer cabeça de um homem sob seus ombros apenas com as mãos, e ainda assim o chifre o matou. "

"Ele vai matar-nos também, então", disse o menino.

Victarion não perdoava um escravo que falasse fora de hora, mas o menino era jovem, não tinha mais de 20, e logo morreria. Ele deixou passar.

"O mudo soou a buzina três vezes. Vocês três soarão apenas uma vez. Pode ser que morram, pode ser que não. Todos os homens morrem. A Frota de Ferro está navegando na batalha. Muitos neste navio estarão mortos antes do sol se pôr - esfaqueados ou cortados, eviscerados, afogados, queimados vivos - apenas os deuses sabem qual de nós ainda estará aqui amanhã. Toquem e vivam e eu vou fazer de vocês homens livres, um, dois ou todos os três. Eu vou dar-lhes esposas, um pouco de terra, um navio para navegar, escravos de sua preferência. Os homens vão conhecer os seus nomes. "

"Igual a você, Lorde Capitão?", perguntou o Bastardo do Bastardo.

"Aye".

"Eu vou fazer isso, então."

"E eu", disse o menino.

O Bruto cruzou os braços e balançou a cabeça.

Se isso fez os três corajosos acreditarem que tinham uma escolha, deixou-os se agarrarem a isso. Victarion pouco se importava com o que eles acreditavam, eram apenas escravos.

"Você vai velejar comigo na Vitória de Ferro", ele disse, "mas você não vai se juntar à batalha. Rapaz, você é o mais novo - você vai tocar primeiro. Quando chegar a hora você vai tocar por um bom tempo e alto. Eles dizem que você é forte. Toque até que esteja fraco demais para ficar de pé, até que o último resquício de fôlego tenha saído de você, até que seus pulmões estejam queimando. Deixe os libertos de Meereen ouvirem você, os traficantes de escravos em Yunkai, os fantasmas de Astapor. Deixe os macacos se cagarem com o som quando esse som chegar na Ilha de Cedros. Em seguida, passe o chifre para o próximo homem. Você pode me ouvir? Você entendeu o que fazer?"

O Menino e Bastardo do Bastardo puxaram seus topetes, o Bruto poderia ter feito o mesmo, mas ele era careca.

"Você pode tocar a buzina. Então vá".

Deixaram-no um a um. Os três Thralls e, em seguida Moqorro. Victarion não iria deixá-lo tomar o chifre.

"Eu vou mantê-lo aqui comigo, até que seja necessário."

"Como você preferir. Gostaria que eu sangrasse você?"

Victarion agarrou a mulher morena pelo pulso e puxou-a para ele. "Ela vai fazer isso. Vá orar ao seu deus vermelho. Acenda o fogo, e me diga o que você vê. "

Os olhos escuros de Moqorro pareciam brilhar. "Eu vejo dragões".

Theon I (completo)

A voz do rei estava sufocada pela raiva.

- Você é um pirata pior do que Salladhor Saan.

Theon Greyjoy abriu seus olhos. Seus ombros estavam pegando fogo e ele não podia mexer suas mãos. Por meio segundo ele temeu estar de volta em sua cela no Forte do Pavor, essa confusão de memórias em sua cabeça nada mais era do que o resultado de algum sonho febril. Eu estava dormindo, ele percebeu. Isso, ou eu desmaiei de dor. Quando ele tentou se mover, balançou de um lado para outro com suas costas raspando contra a pedra. Ele estava pendurado a uma parede dentro de uma torre, seus pulsos acorrentados a um par de algemas enferrujadas.

O ar fedia a turfa queimada. O chão estava completamente sujo. Degraus de madeira subiam em espiral pelas paredes até o teto. Ele não viu janelas. A torre estava úmida, escura e desconfortável. Sua única mobília era uma cadeira com encosto alto e uma mesa quebrada sustentada por três cavaletes. Nenhuma latrina estava à vista, porém Theon viu um penico em um canto escuro. A única luz vinha das velas na mesa. Seus pés bambolevam a um metro e oitenta do chão.

- As dívidas de meu irmão – o rei resmungou – de Joffrey também, apesar de que aquela abominação ilegítima não tem parentesco comigo.

Theon remexeu-se em suas correntes. Ele conhecia aquela voz. Stannis.

Theon Greyjoy riu. Um golpe de dor veio aos seus braços, de seus ombros aos seus pulsos. Tudo que ele fez, tudo o que ele sofreu, Fosso Cailin, Vilas Acidentadas e Winterfell, Abel e suas lavadeiras, Crowfood e Umbers, a dura caminhada através da neve, tudo isso apenas serviu para mudar de um atormentador ao outro.

- Vossa Graça – uma segunda voz disse suavemente – Perdoe-me, mas sua tinta está congelada. – O Bravosiano, Theon o conhecia. Qual era seu nome? Tycho... Tycho alguma coisa... – Talvez um pouco de calor...?

- Eu conheço um modo mais rápido – Stannis puxou sua adaga. Por um instante Theon pensou que ele pretendia apunhalar o banqueiro. Você nunca tirará uma gota de sangue desse aí, meu senhor, ele poderia ter dito a ele. O rei deitou a lâmina da faca contra a palma de seu polegar e cortou. – Pronto. Eu vou assinar com meu próprio sangue. Isso deve fazer com que seus mestres fiquem felizes.

- Se aprouver Vossa Graça, aprouverá o Banco de Ferro.

Stannis mergulhou uma pena no sangue de seu polegar e assinou seu nome através do pedaço de pergaminho.

- Você partirá hoje. Lorde Bolton poderá estar aqui em breve. Eu não terei você preso no meio da batalha.

- Essa será minha preferência também – O Bravosiano deslizou o rolo de pergaminho para dentro de um tubo de madeira – Eu espero ter a honra de encontrar Vossa Graça de novo quando o senhor estiver sentado no seu trono de ferro.

- Você espera ter o seu ouro, você quer dizer. Poupe-me de seus gracejos. É de ouro que eu preciso de Bravos, não de cortesias vazias. Diga ao guarda na saída que eu preciso de Justin Massey.

- Será um prazer. O Banco de Ferro está sempre contente em servir. – O banqueiro curvou-se.

Assim que ele saiu, outro entrou, um cavaleiro. Os cavaleiros do rei tinham ido e vindo durante toda a noite, Theon lembrava-se vagamente. Este parecia ser da família do rei. Magro, cabelos negros, olhar duro, sua face desfigurada por marcas de varíola e antigas cicatrizes, ele usava uma capa desbotada bordada com três mariposas.

- Majestade – ele anunciou – o meistre está à porta. E Lorde Arnolf informa que ele se deleitará em tomar café da manhã com o senhor.

- O filho também?

- E os netos. Lorde Wull procura por uma audiência também. Ele quer...

- Eu sei o que ele quer – O rei apontou a Theon – Ele. Wull quer ele morto. Flint, Norrey...todos eles querem ele morto. Pelos garotos que ele assassinou. Vingança pelo precioso Ned.

- Você vai dar-lhes isso?

- Por enquanto, o vira-casaca tem mais uso a mim vivo. Ele tem conhecimentos que talvez precisaremos. Mande entrar esse meistre. – O rei tirou um pergaminho de cima da mesa e deu uma olhadela sobre ele. Uma carta, Theon sabia. Seu selo quebrado era de cera negra, brilhante. Eu sei o que ela diz, ele pensou, dando risadinhas.

Stannis olhou para cima.

- O vira-casaca está animado.

- Theon. Meu nome é Theon. – Ele precisava lembrar-se do nome.

- Eu sei seu nome. Eu sei o que você fez.

- Eu a salvei. – O exterior da muralha de Winterfell tem vinte e quatro metros de altura, mas embaixo do lugar onde ele tinha pulado a neve tinha acumulado mais de doze. Um gelado travesseiro branco. A garota tinha recebido o pior. Jeyne, seu nome é Jeyne, mas ela nunca irá falá-los isso. Theon tinha caído em cima dela, e quebrado algumas de suas costelas. – Eu salvei a garota – ele disse.

– Nós voamos.

Stannis bufou.

- Vocês caíram. Umber salvou ela. Se Mors Crowfood e seus homens não

estivessem fora do castelo, Bolton teria capturado os dois em pouco tempo.

Crowfood. Theon lembrava-se. Um homem velho, imenso e vigoroso, com um rosto sadio e uma felpuda barba branca. Ele estava em cima de um cavalo, vestido com pele de urso gigante da neve, sua cabeça era seu capuz. Por baixo ele usava um tampão de olho em couro branco desbotado que lembrava a Theon seu tio Euron. Ele queria arrancar o tampão do rosto de Umber, para ter certeza que por trás havia apenas um buraco vazio, e não um olho negro brilhando com malícia. Ao invés disso ele queixou-se através de seu dente quebrado e disse:

- Eu sou...

- Um vira-casaca e um assassino de parentes – Crowfood finalizou. – Você vai segurar essa sua língua ou irá perdê-la.

Mas Umber olhou para a garota de perto, de cima a baixo com seu olho bom.

- Você é a filha mais nova?

Jeyne assentiu.

- Arya. Meu nome é Arya.

- Arya de Winterfell, sim. Uma vez quando eu estava dentro dessas muralhas, seu cozinheiro serviu-nos fatia de carne e torta de rim. Feita com cerveja, eu acho, a melhor que eu já comi. Qual era o seu nome, o do cozinheiro?

- Gage – Jeyne disse de uma vez – Ele era um bom cozinheiro. Ele fazia bolo de limão para a Sansa sempre que tínhamos limão.

Crowfood apalpou sua barba.

- Morto, eu suponho. Aquele seu ferreiro também. Um homem que conhecia aço. Qual era seu nome?

Jeyne hesitou. Mikken, Theon pensou. Seu nome era Mikken. O ferreiro do castelo nunca havia feito bolos de limão para a Sansa, o que fazia dele menos importante do que o cozinheiro do castelo no doce mundinho que ela tinha dividido com sua amiga Jeyne Poole. Lembre-se, maldita seja. Seu pai era o mordomo, ele tomava conta de todos os negócios domésticos. O nome do ferreiro era Mikken, Mikken, Mikken. Eu mandei matá-lo na minha frente!

- Mikken – Jeyne disse.

Mors Umber grunhiu.

- Sim.

O que ele poderia ter dito ou feito em seguida Theon nunca soube, pois nesse momento o menino correu para cima, segurando uma lança e gritando que a porta levadiça no portão principal de Winterfell estava levantando. E como o Crowfood tinha sorriso.

Theon mexeu-se em suas correntes, e olhou abaixo para o rei.

- Crowfood nos achou, sim, ele nos mandou aqui para você, mas fui eu quem a salvou. Pergunte a ela. – Ela diria a ele.

- Você me salvou – Jeyne tinha sussurrado, enquanto ele estava carregando-a pela neve.

Ela estava pálida de dor, mas ela tinha passado uma mão sobre sua bochecha e sorrido.

- Eu salvei Lady Arya. – Theon tinha sussurrado de volta.

E de repente todas as lanças de Mors Umber estavam em volta deles.

- Esse é meu agradecimento?. – Ele perguntou ao Stannis, chutando debilmente a parede.

Seus ombros estavam em agonia. Seu próprio peso estava furioso nas algemas. Por quanto tempo ele estivera pendurado ali? Ainda era noite lá fora? A torre não tinha janelas, ele não tinha como saber.

- Me desacorrente e eu servirei você.

- Do mesmo modo que serviu Roose Bolton e Robb Stark? – Stannis bufou. – Acho que não. Nós planejamos um final quente para você, vira-casaca. Mas não até termos terminado com você.

Ele planeja me matar. O pensamento foi estranhamente reconfortante. Morte não assustava Theon Greyjoy. Morte significaria um fim à dor.

- Acabe comigo então. – Ele ansiou ao rei. – Arranque minha cabeça e a coloque em uma lança. Eu matei os filhos de Lorde Eddard, eu tenho que morrer. Mas faça logo. Ele está vindo.

- Quem está vindo? Bolton?

- Lorde Ramsay – Theon sibilou. – O filho, não o pai. Você não pode deixar ele me pegar. Roose... Roose está seguro dentro das muralhas de Winterfell com sua nova mulher gorda. Ramsay está vindo.

- Ramsay Snow, você quer dizer. O bastardo.

- Nunca o chame assim! – Borrifos de saliva saíram dos lábios de Theon. – Ramsay Bolton, e não Ramsay Snow, nunca Snow, nunca, você precisa lembrar o nome dele, ou ele te machuca.

- Ele é bem-vindo para tentar. Qualquer que seja seu nome.

A porta abriu com uma rajada de vento gelado e um redemoinho de neve. O cavaleiro das mariposas tinha voltado com o mestre que o rei mandou buscar, seu manto cinza estava escondido embaixo de uma pesada pele de urso. Atrás deles vinham outros dois cavaleiros, cada um carregando um corvo em uma gaiola. Um deles era o homem que estava com Asha quando o banqueiro o entregou a ela, um homem robusto com um porco alado em seu casaco. O outro era mais alto, com ombros largos e musculosos. O peitoral da armadura do homem grande era aço prateado marchetado com esmalte negro. Apesar de arranhado e com marcas de golpes, ainda brilhava na luz da vela. A capa que ele usava por cima era presa com um coração flamejante.

- Mestre Tybald. – Anunciou o cavaleiro das mariposas.

O mestre ajoelhou-se. Ele tinha cabelos ruivos e ombros caídos, com olhos muito próximos que permaneciam olhando para Theon pendurado na parede.

- Vossa Graça. Como posso servi-lo?

Stannis não respondeu de imediato. Ele estudou o homem a sua frente, com sua testa enrugada.

- Levante-se. – O meistre levantou. – Você é meistre no Forte do Pavor. Porque você está aqui conosco?

- Lorde Arnolf trouxe-me para cuidar de seus feridos.

- Seus feridos? Ou seus corvos?

- Os dois, Vossa Graça.

- Os dois. – Stannis falou de forma ríspida. – Um corvo de meistre voa apenas a um lugar. Isso está correto?

O meistre secou o suor de sua testa com sua manga.

- Não completamente, Vossa Graça. A maioria, sim. Alguns conseguem aprender a voar para dois castelos. Essas aves são extremamente estimadas. E mais raramente, nós encontramos um corvo que consiga aprender o nome de três ou quatro ou cinco castelos, e voar a cada um deles quando ordenado. Aves inteligentes assim aparecem apenas uma vez a cada cem anos.

Stannis apontou para as aves negras nas gaiolas.

- Essas duas não são tão inteligentes, eu presumo.

- Não, Vossa Graça. Isso é correto.

- Diga-me então. Para onde essas duas estão treinadas a voar?

Meistre Tybald urinou em suas vestes. Theon não podia ver a mancha escura espalhando-se de onde ele estava pendurado, mas o cheiro de mijo estava agudo e forte.

- Meistre Tybald perdeu sua língua. – Stannis observou aos seus cavaleiros. – Godry, quantas gaiolas você encontrou?

- Três, Vossa Graça – disse o cavaleiro grande na armadura prateada. – Uma estava vazia.

- Vossa Graça, minha ordem é juramentada para servir, nós...

- Eu sei tudo sobre seus votos. O que eu quero saber é o que estava escrito na carta que você enviou a Winterfell. Você por acaso contou ao Lorde Bolton onde nos encontrar?

- Majestade. – Tybald ergueu-se orgulhosamente. – As regras da minha ordem me proíbem de dividir o conteúdo das cartas de Lorde Arnolf.

- Seus votos são mais fortes que sua bexiga, eu vejo.

- Vossa Graça precisa entender.

- Preciso? – O rei encolheu os ombros. – Se você diz. Você é um homem estudado, afinal. Eu tive um meistre em Pedra do Dragão que era quase um pai para mim. Eu tenho um grande respeito por sua ordem e seus votos. Sor Clayton, porém, não divide esses sentimentos. Ele aprendeu tudo o que sabe nos becos de Flea Bottom. Devo colocá-lo em sua responsabilidade, ele talvez lhe estrangule com sua própria corrente ou arranque seu olho com uma colher.

- Apenas um, Vossa Graça – voluntariou-se o cavaleiro careca, o do porco

alado. – Eu deixaria o outro.

- Quantos olhos um mestre precisa para ler uma carta? – perguntou Stannis. – Um deve ser suficiente, eu penso. Eu não gostaria de deixar você inválido para suprir seus deveres com seu Lorde. Os homens de Roose Bolton podem estar no caminho para nos atacar agora, portanto você deverá entender se eu faltar com certas cortesias. Eu vou lhe perguntar uma vez mais. O que continha a mensagem que você enviou a Winterfell?

O mestre estremeceu.

- Um m-mapa, Vossa Graça.

O rei inclinou-se para trás em sua cadeira.

- Tire-o daqui – ele comandou. – Deixe os corvos. – Uma veia estava palpitando em seu pescoço. – Prenda esse patife cinza em uma de nossas cabanas até que eu decida o que deve ser feito com ele.

- Será feito – o grande cavaleiro declarou.

O mestre desapareceu em outra rajada de frio e neve. Apenas o cavaleiro das mariposas permaneceu.

Stannis olhou fixamente para onde Theon estava pendurado.

- Você não é o único vira-casaca aqui, me parece. Eu gostaria que todos os lordes dos Sete Reinos tivessem um único pescoço, para que eu pudesse cortar todas as cabeças em um único golpe... - Ele virou-se ao seu cavaleiro. – Sor Richard, enquanto eu estiver tomando café com Lorde Arnolf, você deverá desarmar seus homens e os levar em custódia. Muitos estarão dormindo. Não os machuque, exceto se resistirem. Pode ser que eles não sabiam. Interrogue alguns..., porém suavemente. Se eles não tiverem conhecimento dessa traição, eles terão a chance de provar sua lealdade. – Ele o dispensou com a mão. – Mande entrar Justin Massey.

Outro cavaleiro, Theon sabia, quando Massey entrou. Este era formoso, com uma limpa e arrumada barba loira e cabelo liso e denso tão pálido que parecia mais branco do que dourado. Sua túnica trazia o espiral triplo, um símbolo ancião para uma casa anciã.

- Eu fui informado de que Vossa Graça precisava de mim. – Ele disse, sobre um joelho.

Stannis assentiu.

- Você irá escoltar o banqueiro Bravosiano de volta a muralha. Escolha seis bons homens e leve doze cavalos.

- Para cavalgar ou comer?

O rei não achou divertido.

- Eu quero que você vá antes do meio-dia, Sor. Lorde Bolton poderá chegar a qualquer momento, e é imperativo que o banqueiro retorne a Bravos. Você deverá acompanhá-lo através do mar estreito.

- Se haverá uma batalha, meu lugar é aqui com o senhor.

- Seu lugar é aonde eu disser que é. Eu tenho quinhentas espadas tão boas quanto você, ou melhor, mas você tem um jeito agradável e uma língua loquaz, e isso me será mais útil em Bravos do que aqui. O Banco de Ferro abriu os seus cofres a mim. Você irá coletar o dinheiro deles e contratar navios e mercenários. Uma companhia de boa reputação, se você conseguir encontrar uma. A Companhia Dourada seria minha primeira escolha, se eles já não estiverem sob contrato. Procure por eles nas Terras Disputadas, se for necessário. Mas primeiro contrate quantas espadas conseguir encontrar em Bravos, e me envie-as por Atalaiaeste. Arqueiros também, nós precisamos de mais arcos.

O cabelo de Sor Justin tinha caído sobre um olho. Ele puxou para trás e disse:

- Os capitães das companhias livres irão se juntar a um lorde mais rapidamente do que a um mero cavaleiro, Vossa Graça. Eu não tenho terras nem títulos, porque deveriam eles vender suas espadas a mim?

- Vá a eles com suas duas mãos cheias de Dragões de Ouro. – O rei disse com um tom ácido. – Isso deve se provar persuasivo. Vinte mil homens deve ser o suficiente. Não retorne com menos.

- Majestade, posso falar honestamente?

- Contanto que seja rápido.

- Vossa Graça deveria ir para Bravos com o banqueiro.

- É este o seu conselho? Que eu deveria fugir? – O rosto do rei escureceu. – Este foi o seu conselho na Água Negra também, se bem me lembro. Quando a batalha se virou contra nós, eu deixei você e Horpe levarem-me de volta a Pedra do Dragão igual a um cão de rua chicoteado.

- O dia estava perdido, Vossa Graça.

- Sim, isso foi o que você disse. “O dia está perdido, majestade. Recue agora, e você poderá lutar de novo.” E agora você me quer correndo através do mar estreito...

- ...para erguer um exército, sim. Como Açoamargo fez depois da Batalha do Campo da Grama Vermelha, quando Daemon Blackfyre caiu.

- Não tagarele história a mim, Sor. Daemon Blackfyre era um rebelde e usurpador, Açoamargo um bastardo. Quando ele fugiu, ele jurou que voltaria para colocar o filho de Daemon no Trono de Ferro. Ele nunca o fez. Palavras são vento, e o vento que sopra os exilados para o mar estreito raramente os sopra de volta. Aquele garoto Viserys Targaryen falou de retornar também. Ele escorregou pelos meus dedos em Pedra do Dragão, apenas para passar sua vida bajulando atrás de mercenários. “O Rei Pedinte” eles o chamavam nas cidades livres. Enfim, eu não imploro, nem irei fugir de novo. Eu sou o herdeiro de Robert, o rei de direito de Westeros. Meu lugar é com os meus homens. O seu é em Bravos. Vá com o banqueiro, e faça como eu ordeno.

- Como comanda. – Sor Justin disse.

- Pode ser que venhamos a perder essa batalha. – O rei disse severamente. –

Em Bravos você poderá ouvir que eu estou morto. Pode ser até que venha a ser verdade. Você deverá encontrar mercenários mesmo assim.

O cavaleiro hesitou.

- Vossa Graça, se o senhor estiver morto...

- Você se vingará de minha morte, e sentará minha filha no Trono de Ferro.

Ou morrerá tentando.

Sor Justin colocou uma mão no cabo de sua espada.

- Por minha honra como cavaleiro, o senhor tem minha palavra.

- Oh, e leve a garota Stark com você. Entregue-a ao Lorde Comandante Snow em seu caminho a Atalaialeste. – Stannis bateu no pergaminho que estava em sua frente. – Um rei verdadeiro paga suas dívidas.

Paga, sim, pensou Theon. *Paga com moeda falsa*. Jon Snow veria através da impostora facilmente. O emburrado bastardo de Lorde Stark tinha conhecido Jeyne Poole, e ele tinha sempre sido amoroso com sua meia irmãzinha Arya.

- Os irmãos negros irão te acompanhar até Castelo Negro. – O rei continuou. – Os homens de ferro devem permanecer aqui, supostamente para lutar por nós. Outro presente de Tycho Nestoris. De qualquer maneira, eles apenas te atrasariam. Homens de ferro foram feitos para navios, não cavalos. Senhora Arya deverá ter uma companhia feminina também. Leve Alysane Mormont.

Sor Justin empurrou seu cabelo para trás novamente.

- E a Senhora Asha?

O rei considerou por um momento.

- Não.

- Um dia Vossa Graça precisará tomar as Ilhas de Ferro. Isso será muito mais fácil com a filha de Balon Greyjoy como aliada, com um de seus leais homens como o seu lorde marido.

- Você? – O rei franziu a testa. – A mulher é casada, Justin.

- Um casamento representado, nunca consumado. Facilmente posto de lado. Além disso o noivo é velho. Deve morrer em breve.

Por uma espada através de sua barriga se você tiver a oportunidade, Sor verme. Theon sabia como esses cavaleiros pensavam.

Stannis pressionou seus lábios.

- Sirva-me bem neste assunto dos mercenários, e você talvez venha a ter o que deseja. Até lá, a mulher precisa permanecer como minha cativa.

Sor Justin reverenciou com a cabeça.

- Eu entendo.

Isso apenas pareceu irritar o rei.

- Seu entendimento não é necessário. Apenas sua obediência. Siga seu caminho, Sor.

Desta vez, quando o cavaleiro saiu, o mundo além da porta parecia mais branco do que preto.

Stannis Baratheon começou a andar. A torre era pequena, úmida e apertada. Poucos passos trouxeram o rei perto de Theon.

- Quantos homens Bolton têm em Winterfell?

- Cinco mil. Seis. Mais. – Ele deu ao rei um sorriso desagradável, dentes quebrados e lascados. – Mais do que você.

- Quantos desses ele deverá mandar contra nós?

- Não mais do que a metade. – Isso era um palpite, admitidamente, mas pareceu certo a ele. Roose Bolton não era um homem de se arriscar cegamente na neve, com ou sem mapa. Ele seguraria sua força principal, manteria os melhores homens com ele, e ficaria atrás da massiva muralha dupla de Winterfell. – O castelo está muito cheio. Homens estavam nas gargantas uns dos outros, os Manderlys e Freys especialmente. Eram eles que nosso lorde mandaria atrás de você, eles que ele dispensaria.

- Wyman Manderly. – A boca do rei torceu-se em desprezo. – Lorde Muito-Gordo-Para-Andar-A-Cavalo. Muito gordo para vir até mim, mesmo assim ele veio a Winterfell. Muito gordo para dobrar o joelho e jurar-me sua espada, mesmo assim ele empunhou sua espada para Bolton. Eu mandei meu Cavaleiro das Cebolas para tratar com ele, e o Lorde Muito-Gordo o assassinou e colocou sua cabeça e mãos nas muralhas de Porto Branco para os Freys regozijarem-se. E os Freys...teria o Casamento Vermelho sido esquecido?

- O norte se lembra. O Casamento Vermelho, os dedos de Lady Hornwoods, a devastação de Winterfell, Bosque Profundo e Praça de Torrhen, eles se lembram de tudo isso. – Bran e Rickon. Eles eram apenas garotos do moleiro. – Frey e Manderly nunca irão juntar suas forças. Eles virão para você, mas separados. Lorde Ramsay não estará longe atrás deles. Ele quer sua noiva de volta. Ele quer o seu Fedor. – A risada de Theon foi meio nervosa, meio queixosa. – Lorde Ramsay é quem Vossa Graça deveria temer.

Stannis indignou-se.

- Eu derrotei seu tio Victarion e sua Frota de Ferro na Ilha Justa, a primeira vez que o seu pai se coroou. Eu segurei Ponta da Tempestade contra a força da Campina por um ano, e tomei Pedra do Dragão dos Targaryens. Eu esmaguei Mance Rayder na Muralha, apesar de ele ter vinte vezes o meu número. Diga-me, vira-casaca, que batalhas o bastardo do Bolton alguma vez ganhou para que eu o tema?

Você não deve chamá-lo assim! Uma onda de dor passou por Theon Greyjoy. Ele fechou seus olhos e fez uma careta. Quando ele os abriu novamente, ele disse:

- Você não o conhece.

- Não mais do que ele me conhece.

- *Me conhece.* – Gritou um dos corvos do meistre que ficaram para trás. Bateu suas grandes asas negras contra as barras da gaiola.

- *Conhece*. – Gritou de novo.

Stannis virou-se.

- Pare com esse barulho.

Atrás dele, a porta se abriu. Os Karstarks tinham chegado.

Curvado e torcido, o castelão de Karhold apoiava-se pesadamente em sua bengala enquanto ele andava até a mesa. A capa de Lorde Arnolf era de uma excelente lã cinza, com a borda em zibelina negra e com uma fivela com uma estrela de prata. *Um magnífico vestuário*, Theon pensou, *em um homem sem valor*. Ele já tinha visto aquela capa antes, ele sabia, assim como ele já tinha visto o homem que a vestia. Em Forte do Pavor. Eu me lembro. Ele sentou-se e ceou com Lorde Ramsay e Whoresbane Umber, na noite em que eles trouxeram Fedor de sua cela.

O homem ao lado dele só poderia ser seu filho. Cinquenta, Theon julgou, com um rosto redondo e suave como seu pai, se Lorde Arnolf fosse gordo. Atrás deles vinham três homens mais jovens. Os netos, ele supôs. Um usava uma cota de malha. O resto estava vestido para café da manhã, não para batalha. Tolos.

- Vossa Graça. – Arnolf Karstark reverenciou com a cabeça. – Uma honra. – Ele procurou por um assento. Ao invés disso, seus olhos acharam Theon. – E quem é esse? – O reconhecimento veio um segundo depois. Lorde Arnolf ficou pálido.

Seu estúpido filho continuou absorto.

- Não há cadeiras. – O imbecil observou. Um dos corvos gritou dentro de sua gaiola.

- Apenas a minha. – O rei Stannis sentou-se. – Não é o Trono de Ferro, mas aqui e agora serve. – Uma dúzia de homens tinha aparecido através da porta da torre, liderados pelo cavaleiro das mariposas e o grande homem na armadura prateada. – Você é um homem morto, entenda isso. – O rei continuou. – Apenas a maneira de sua morte ainda não foi determinada. Você está sendo avisado a não gastar meu tempo se negando. Confesse, e você terá o mesmo fim rápido que o Jovem Lobo deu a Lorde Rickard. Minta, e você queimará. Escolha.

- Eu escolho isso. – Um dos netos apanhou o cabo da espada, e começou a puxar.

Isso provou-se uma pobre escolha. A lâmina do neto ainda nem tinha saído da bainha quando dois cavaleiros do rei estavam nele. Terminou com seu antebraço caindo na sujeira e sangue jorrando de seu coto, e um de seus irmãos tropeçando pelas escadas, apertando um ferimento no abdômen. Ele cambaleou seis degraus antes de cair.

Nem Arnolf Karstark nem seu filho se mexeram.

- Levem eles embora. – O rei ordenou. – A visão deles embrulha meu estômago. – Em segundos, os cinco homens tinham sido amarrados e removidos. O que tinha perdido seu braço da espada tinha desmaiado pelo sangue perdido,

mas seu irmão com o ferimento no abdômen gritava alto suficiente pelos dois. – É assim que eu lido com traição, vira-casaca. – Stannis informou Theon.

- Meu nome é Theon.

- Como queira. Diga-me, Theon, quantos homens Mors Umber tinha com ele em Winterfell?

- Nenhum. Sem homens. – Ele sorriu por sua sabedoria. – Ele tinha garotos. Eu vi eles. – Tirando um sargento meio aleijado, os guerreiros que Crowfood tinha trazido de Última Lareira eram dificilmente velhos o suficiente para se barbearem. – Suas lanças e machados eram mais velhos do que as mãos que seguravam eles. Era Whoresbane Umber quem tinha homens, dentro do castelo. Eu os vi também. Velhos, todos eles. – Theon riu. – Mors pegou os garotos verdes e Hother pegou os velhotes. Todos os homens de verdade foram com Grande Jon e morreram no Casamento Vermelho. É isso que o senhor queria saber, Vossa Graça?

O rei Stannis ignorou o gracejo.

- Garotos. – Foi tudo o que disse, com nojo. – Garotos não segurarão o Lorde Bolton por muito tempo.

- Não por muito tempo. – Theon concordou. – Não por muito tempo.

- *Muito tempo.* – gritou o corvo da gaiola.

O rei olhou irritado para a ave.

- Aquele banqueiro Bravosiano alegou que Sor Aenys Frey está morto. Algum garoto fez isso?

- Vinte garotos verdes, com espadas. – Theon disse a ele. – A neve caiu pesada por dias. Tão pesada que você não podia ver as muralhas do castelo a três metros de distância, não mais do que os homens que estavam nas ameias podiam ver o que estava acontecendo além daquelas muralhas. Então Crowfood colocou seus garotos para cavar fossas fora dos portões do castelo, e aí soprou seu corno para atrair Lorde Bolton para fora. Ao invés disso, ele encontrou os Freys. A neve tinha coberto as fossas, então eles cavaram direto para eles. Aenys quebrou seu pescoço, eu ouvi, mas Sor Hosteen apenas perdeu seu cavalo. Ele deve estar furioso agora.

Estranhamente, Stannis sorriu.

- Inimigos furiosos não me importam. Raiva faz os homens estúpidos, E Hosteen Frey é estúpido, se metade do que eu ouvi sobre ele é verdade. Deixe-o vir.

- Ele virá.

- Bolton cometeu um erro. – O rei declarou. – Tudo o que ele deveria fazer era sentar dentro de seu castelo enquanto nós morríamos de fome. Porém ele mandou uma porção de sua força em frente para nos dar batalha. Seus cavaleiros estarão a cavalo, os nossos devem lutar a pé. Seus homens estarão nutridos, os nossos vão a batalha de barriga vazia. Não importa. Sor Estúpido,

Lorde Muito-Gordo, o Bastardo, deixem eles virem. Nós temos o terreno, e isso eu pretendo fazer com que vire nossa vantagem.

- O terreno? – Disse Theon. – Que terreno? Aqui? Esta falsa torre? Esta infeliz vilinha? Você não tem um bom terreno aqui, não tem muralhas para se proteger, nenhuma defesa natural.

- Ainda.

- *Ainda* – os dois corvos gritaram em uníssono. Nisso um crocitou, e o outro murmurou. – *Árvore, árvore, árvore.*

A porta abriu. Além dela, o mundo era branco. O cavaleiro das três mariposas entrou, suas pernas endurecidas com neve. Ele bateu seus pés para livrá-las do gelo e disse:

- Vossa Graça, os Karstarks foram presos. Alguns deles resistiram, e morreram por isso. Muitos estavam confusos, e renderam-se calmamente. Nós os confinamos no grande salão.

- Bem feito.

- Eles dizem que não sabiam. Os que nós interrogamos.

- Eles deveriam saber.

- Nós poderemos interrogar mais bruscamente...

- Não. Eu acredito neles. Karstark nunca poderia esperar manter essa traição em segredo se ele dividisse seus planos com todos os malnascidos à seu serviço. Algum lanceiro bêbado poderia ter deixado escapar uma noite enquanto deitava-se com uma puta. Eles não precisavam saber. Eles eram homens de Karhold. Quando o momento viesse eles teriam obedecido seu lorde, como eles tinham feito por toda a vida.

- Como diz, Majestade.

- E quanto as suas perdas?

- Um dos homens de Lorde Peasebury foi morto, e dois dos meus foram feridos. Se aprover Vossa Graça, porém, os homens estão ficando ansiosos. Tem centenas deles juntando-se em torno da torre, se perguntando o que está acontecendo. Conversas de traição em todos os lábios. Ninguém sabe em quem confiar, ou quem pode ser preso em seguida. Os nortenhos especialmente.

- Eu preciso falar com eles. O Wull continua esperando?

- Ele e Artos Flint. Você os verá?

- Em pouco tempo. Alula primeiro.

- Como comanda. – O cavaleiro se retirou.

Minha irmã, Theon pensou, *minha doce irmã*. Apesar de ter perdido todos os sentidos nos braços, ele sentiu uma torção em seu intestino, a mesma de quando o cruel banqueiro Bravosiano entregou-o para Asha como um “presente”. A lembrança continuava a amargar. O robusto, cavaleiro careca que estava com ela não tinha perdido tempo gritando por ajuda, então eles não tiveram mais do que alguns momentos antes de Theon ser arrastado para ver o rei. Aquilo foi

tempo suficiente. Ele tinha odiado o olhar no rosto de Asha quando ela percebeu quem ele era; o choque em seus olhos, a piedade em sua voz, o jeito que a boca dela remexeu com nojo. Em vez de correr para abraçá-lo, ela tinha dado meio passo para trás.

- O Bastardo fez isso com você? – Ela havia perguntado.

- Não o chame assim. – Então as palavras vieram se derramando da boca de Theon. Ele tentou contar tudo a ela, sobre Fedor e o Forte do Pavor e Kyra e as chaves, o modo como Lorde Ramsay não tira nada além de pele a não ser que você implore a ele. Ele a contou como salvou a garota, saltando da muralha do castelo dentro da neve. – Nós voamos. Deixe Abel fazer uma canção sobre isso, nós voamos. – Então ele teve que dizer quem Abel era, e contar sobre as lavadeiras que na verdade não eram lavadeiras. À essa altura, Theon sabia o quão estranho e incoerente tudo isso soava, mesmo assim de algum modo as palavras não paravam. Ele estava com frio, doente e cansado...e fraco, tão fraco, muito fraco.

Ela tem que entender. Ela é minha irmã. Ele nunca quis fazer mal algum a Bran ou Rickon. Fedor o fez matar aqueles garotos, não ele Fedor, mas o outro.

- Eu não sou assassino de parentes. – Ele insistiu. Ele contou a ela como ele havia dormido com as cadelas do Ramsay, avisado a ela como Winterfell era cheia de fantasmas. – As espadas sumiram. Quatro, eu acho, ou cinco. Não me lembro. Os reis de pedra estão bravos. – Ele estava tremendo a essa altura, tremendo igual a uma folha de outono. – A árvore coração sabia meu nome. Os deuses antigos. *Theon*, eu os ouvi sussurrar. Não havia vento, mas as folhas estavam se mexendo. Theon, elas disseram. Meu nome é Theon. – Era bom dizer o nome. Quantos mais ele dizia, mais difícil seria esquecê-lo. – Você deve saber seu nome. – Ele disse a sua irmã. – Você...você me disse que era Esgred, mas essa é uma mentira. Seu nome é Asha.

- É – sua irmã disse, tão carinhosamente que ele temeu que ela fosse chorar.

Theon odiava aquilo. Ele odiava mulheres chorando. Jeyne Poole tinha chorado todo o caminho de Winterfell até ali, chorado até que sua face ficou roxa como uma beterraba e as lágrimas haviam congelado em suas bochechas, e tudo porque ele disse a ela que ela deveria ser Arya, do contrário os lobos poderiam mandá-los de volta.

- Eles a treinaram em um bordel. – Ele a lembrou, sussurrando em seu ouvido para que os outros não pudessem ouvir. – Jeyne é quase uma puta, você precisa ser Arya. – Ele não desejava mal a ela. Era para o seu próprio bem, e o dele. Ela precisava lembrar seu nome. Quando a ponta do nariz dela ficou preta por queimadura de frio, e um dos homens da Patrulha da Noite disse a ela que ela poderia perder um pedaço dele, Jeyne tinha chorado por isso também. – Ninguém vai se importar de como Arya parece, contanto que ela seja a herdeira de Winterfell. – Ele assegurou. – Uma centena de homens vai querer se casar

com ela. Mil.

A lembrança deixou Theon contorcendo-se em suas correntes.

- Me deixe descer. – Ele suplicou. – Só por um pouco de tempo, depois o senhor pode me pendurar de novo.

Stannis Baratheon olhou para ele, mas não respondeu.

- *Árvore*. – Um corvo gritou. – *Árvore, árvore, árvore*.

E outra ave disse.

- *Theon*.

Tão claro como o dia, Asha veio avançando pela porta.

Qarl o Donzelo estava com ela, e Tristifer Botley. Theon conhecia Botley desde que eles eram garotos, em Pyke. Porque ela trouxe seus bichinhos? Ela pretende me libertar? Eles teriam o mesmo fim dos Karstarks, se ela tentasse.

O rei estava descontente com a presença deles também.

- Seus guardas aguardarão lá fora. Se eu pretendesse te machucar, dois homens não iriam me dissuadir.

Os homens de ferro fizeram uma reverência e se retiraram. Asha ficou sobre um joelho.

- Vossa Graça. Meu irmão precisa ficar acorrentado daquele jeito? Parece uma pobre recompensa por trazer a garota Stark.

A boca do rei contraiu-se.

- Você tem uma língua atrevida, minha senhora. Não é diferente de seu irmão vira-casaca.

- Obrigado, Vossa Graça.

- Não foi um elogio. – Stannis deu um olhar a Theon. – Falta uma masmorra na vila, e eu tenho mais prisioneiros do que eu antecipei quando nós paramos aqui. – Ele acenou para Asha ficar em pé. – Você pode se levantar.

Ela levantou-se.

- O Bravosiano resgatou sete dos meus homens da Senhora Glover. Eu pagaria alegremente um resgate pelo meu irmão.

- Não tem ouro suficiente em todas as suas Ilhas de Ferro. As mãos de seu irmão estão encharcadas de sangue. Farring está ansiando para eu o dar a R'hllor.

- Clayton Suggs também, eu não duvido.

- Ele, Corliss Penny, e todo o resto. Até Sor Richard aqui, que só ama o Senhor da Luz quando ele serve aos seus propósitos.

- O coro do deus vermelho conhece apenas uma canção.

- Contanto que a canção esteja agradando os ouvidos de deus, deixe-os cantar. Os homens de Lorde Bolton estarão aqui mais breve do que desejaríamos. Apenas Mors Umber está entre nós, e o seu irmão me diz que suas forças são formadas inteiramente de garotos verdes. Os homens gostam de saber que seu deus está com eles quando eles vão à batalha.

- Nem todos os seus homens adoram o mesmo deus.

- Estou ciente disso. Eu não sou o tolo que meu irmão era.

- Theon é o último filho vivo de minha mãe. Quando nossos irmãos morreram, isso a despedaçou. Sua morte irá quebrar o que sobrou dela..., mas eu não vim aqui para implorar pela vida dele.

- Sábio. Eu sinto pela sua mãe, mas eu não poupo a vida de vira-casacas. Deste especialmente. Ele assassinou dois filhos de Eddard Stark. Todos os nortenhos em meu serviço iriam me abandonar se eu mostrasse alguma clemência a ele. Seu irmão precisa morrer.

- Então faça o senhor mesmo, Vossa Graça. – O frio na voz de Asha fez Theon tremer em suas correntes. – Leve-o através do lago na ilhota onde os carvalhos crescem, e corte sua cabeça fora com a espada mágica que o senhor carrega. É assim que Eddard Stark teria feito. Theon assassinou os filhos de Lorde Eddard. Dê-o aos deuses de Lorde Eddard. Os deuses antigos do norte. Dê-o a árvore.

E de repente veio uma selvageria colossal, com os corvos do mestre saltando e batendo-se dentro de suas gaiolas, suas negras penas voando enquanto eles batiam contra as barras com crocitos altos e roucos.

- *Árvore*. – um graniu. – *árvore, árvore* – enquanto o segundo gritava apenas – *Theon, Theon, Theon*.

Theon Greyjoy sorriu. Eles sabem meu nome, ele pensou.

Arianne II (resumo)

A Princesa Arianne foi enviada por seu pai para se encontrar com Lorde Jon Connington e Príncipe Aegon. Ela está acompanhada por uma comitiva que inclui Elia Sand - a mais velha das quatro mais jovens Serpentes de Areia, Ellaria Sand - e Daemon Sand, o Bastardo de Graçadivina. Nymeria e Tyene também ficaram em Dorne, com a princesa Myrcella e 300 lanças. Trystane, o irmão de Arianne, permanece seguro em Jardins de Água.

Enquanto estão a caminho de Poleiro do Grifo, Arianne se pergunta se Quentyn chegou a Daenerys e se casou com ela. Ela pensa em como Dany está solteira, mas um jovem como Quentyn, com um futuro normal e não muito bonito, é improvável que impressione alguém da idade de Dany. Ainda assim, Arianne pensa que Dany vai querer Dorne o suficiente para se casar com Quentyn. Ela se pergunta se vai ter que chamar seu irmão de 'Rei Quentyn', e acha que soa um pouco boba. Ela fica abalada com seu devaneio quando percebe que sua prima Elia desapareceu, e vai procurá-la.

Elia está em uma caverna, capturando peixes com as mãos nuas, em uma piscina. Arianne fica furiosa com ela por ter saído, e Elia reage com petulância porque ela não acha que tenha feito algo errado. Arianne faz ela prometer se comportar, já que ela deveria estar fingindo ser uma das servas da princesa. Ela grita para Elia que a menina poderia ter morrido na caverna, e "*morrer*" ecoa sinistramente três vezes contra as paredes. Arianne conta a Elia que muitas vezes ela desejou que Obery'n tivesse sido seu pai, em vez de Doran. Nas paredes da caverna elas encontram esculturas deixadas pelos filhos da floresta.

Dois homens da Companhia Dourada encontram o grupo, Jovem John Mudd e Cadeia. Eles não dizem muita coisa a Arianne, mas eventualmente ela faz Cadeia admitir que Connington foi para Ponta Tempestade. Ela acha que é absurdo, já que dentre os vários castelos em Westeros, Ponta Tempestade seria o mais difícil de capturar.

Apesar da promessa anterior, Elia continua a se comportar mal; Arianne encontra ela beijando um servo chamado Penas, que tem o dobro de sua idade. Arianne grita com ela e Elia protesta dizendo que estava apenas beijando; Arianne se lembra de ter perdido a virgindade com Daemon na mesma idade. As duas mulheres discutem sobre quem seria uma refém mais atraente, e depois Elia promete novamente se comportar.

O mestre espião da Companhia Dourada Lysono Maar encontra o grupo e os conduz. Arianne não se importa com ele, e descreve-o como parecendo um Targaryen. Lysono e Arianne discutem sobre Aegon vs. Dany. Lysono diz que Aegon tem sangue dornense, e Arianne diz que Daenerys também. Ele, então, proclama que Aegon é o Dragão, para o qual Arianne responde que Daenerys

tem três. Ao longo do caminho Arianne avalia se Connington é digno da assistência de Dorne, ela acredita que ele vai precisar dos dorneses para tomar Porto Real.

Ao chegar a Poleiro do Grifo, Arianne é informada por Haldon Meio-Mestre que Connington não só partiu para Ponta Tempestade, mas que já havia conquistado o castelo, e o exército dos Tyrell estava vindo de Porto Real para tentar tomá-lo de volta. Arianne se impressiona com o sucesso de Connington. Haldon diz a ela que Connington e Aegon querem se encontrar com ela em Ponta Tempestade, Daemon implora para que ela não entre em perigo. Arianne o repreende, dizendo que ela deve ser a verdadeira herdeira de seu pai, e irá encontrar esse 'Dragão'.

Tyrion I (*resumo*)

Nesse capítulo vemos Tyrion jogando cyvasse com Ben Mulato, enquanto eles esperam o exército do 'Sor Vovô' navegar adiante e tentar quebrar o cerco de Meereen. Os dois brincam com outros do pessoal de Ben Mulato sobre o que é a pior coisa da espera pelo começo da batalha, pontuado pelo som dos trabucos arremessando mais cadáveres em Meereen.

Ben Mulato reflete que os dois dragões são curingas que podem atacar qualquer coisa em ambos os lados durante a batalha. Eles assumem que Dany voltará no terceiro dragão e especulam sobre o resgate dos três reféns - Daario, o eunuco e o menino cavalo - e entregá-los a Meereen para, assim, mudar de lado uma segunda vez, mas afirmando que só fingiu mudar de lado antes, de modo a descobrir os planos Yunkaítas.

Tyrion pensa com ceticismo sobre isso, se será compensado com gratidão por ter matado o inimigo mais perigoso de Dany - Tywin. Quando Tyrion está prestes a ganhar a partida de cyvasse, Jorah explode com notícias de velas negras na baía (navios dos homens de ferro) hasteando bandeiras de dragão.

Barristan I (*completo*)

Pelas sombras da noite homens mortos voavam, caindo como chuva sobre as ruas da cidade. Os corpos mais antigos se despedaçavam ainda no ar, e se rompiam quando caíam esmagadoramente nos tijolos, espalhando vermes e larvas e coisas piores. Outros rebatiam nas paredes de pirâmides e torres, deixando manchas de sangue e coágulos e marcando os lugares onde haviam batido.

Apesar de enormes, os trabucos yunkaitas não tinham alcance o bastante para arremessar sua carga medonha muito longe cidade adentro. A maioria dos mortos aterrissava logo após as muralhas, ou batia nos barbacãs, parapeitos e torres defensivas. Com as seis irmãs configuradas numa crescente ao redor de Meereen, todas as partes da cidade estavam sendo atingidas, a não ser pelos distritos ribeirinhos ao norte. Nenhum trabuco conseguia arremessar ao longo da largura do Skahazadhan.

Uma pequena misericórdia, essa, pensou Barristan Selmy, enquanto cavalgava praça do mercado adentro, no grande portão ocidental de Meereen. Quando Daenerys havia tomado a cidade, eles haviam irrompido por esse mesmo portão com o ariete gigante chamado de Pica de Joso, feito do mastro de um navio. Os Grandes Mestres e seus soldados escravos haviam encontrado os invasores ali, e a luta durou nas ruas adjacentes por horas. Quando a cidade finalmente caiu, centenas de mortos e moribundos se espalhavam na praça.

Agora novamente o mercado era uma cena de carnificina, apesar de estes mortos virem cavalgando a égua descorada. Durante o dia os tijolos de Meereen mostravam meia centena de tons, mas a noite os transformava em uma miscelânea de preto e branco e cinza. Luzes de tochas tremulavam em poças deixadas por chuvas recentes, e em linhas pintadas de fogo nos elmos e grevas e placas de peito dos homens.

Sor Barristan Selmy passou por eles vagarosamente. O velho cavaleiro vestia a armadura que sua rainha havia lhe dado – um traje de aço esmaltado, incrustado e ornado com ouro. A capa que caía de seus ombros era branca como a neve do inverno, bem como o escudo pendurado em sua sela. Sob si estava a montaria da própria rainha, a égua prateada que Khal Drogo havia lhe dado no dia de seu casamento. Isso era presunçoso, ele sabia, mas se Daenerys em pessoa não podia estar com eles em sua hora de perigo, Sor Barristan esperava que a visão de sua prata no combate poderia dar ânimo aos guerreiros, lembrando-os de por quem e pelo que eles lutavam. Além disso, a prata havia estado por anos na companhia dos dragões da rainha, e se acostumara com a visão e o cheiro deles. Isso não era algo que pudesse ser dito dos cavalos dos inimigos.

Com ele cavalgavam três de seus rapazes. Tumco Lho carregava o estandarte

com o dragão de três cabeças da Casa Targaryen, vermelho sobre preto. Larraq, o Chicote, levava o estandarte bifurcado da Guarda Real, sete espadas prateadas rodeando uma coroa dourada. Para o Ovelha Vermelha, Selmy dera um grande berrante de guerra com faixas prateadas, para soar comandos pelo campo de batalha. Seus outros garotos permaneceram na Grande Pirâmide. Eles lutariam outro dia, ou nunca. Nem todo escudeiro estava destinado a ser um cavaleiro. Era a hora do lobo. A mais longa e mais escura hora da noite. Para muitos dos homens que haviam se juntado na praça do mercado, seria a última noite de suas vidas.

Abaixo da enorme fachada de tijolos da antiga Bolsa de Escravos de Meereen, cinco mil Imaculados estavam ordenados em dez longas fileiras. Eles permaneciam em pé como se esculpidos de pedra, cada um com suas três lanças, espada curta e escudo. Luz de tochas piscava dos espigões de seus elmos de bronze, e banhava as faces imberbes sob eles. Quando um corpo veio rodopiando sobre eles, os eunucos simplesmente chegaram para o lado, dando somente os passos necessários, e então fecharam as fileiras novamente. Estavam todos a pé, até seus oficiais: Verme Cinzento primeiro e à frente, diferenciado pelos três espigões em seu elmo.

Os Corvos Tormentosos haviam se reunido abaixo da arcada do mercador, de frente para o lado sul da praça, onde os arcos lhes davam alguma proteção dos homens mortos. Os arqueiros de Jokín estavam ajustando cordas em seus arcos enquanto Sor Barristan passava. O Viúvo estava sentado com uma expressão sombria montado sobre um magro cavalo cinza, com seu escudo sobre seu braço e seu machado de batalha com ponta de ferro na mão. Um leque de penas pretas brotava de uma têmpora em seu meio-elmo de ferro. O garoto a seu lado segurava o estandarte da companhia: uma dúzia de bandeirolas esfarrapadas em um mastro alto, coroada por um corvo de madeira entalhada.

Os senhores dos cavalos também haviam vindo. Aggo e Rakhro haviam levado a maior parte do pequeno *khalasar* da rainha além do Skahazadhan, mas o velho e meio-aleijado *jaqqa rhan* Rommo havia amontoado vinte cavaleiros daqueles deixados para trás. Alguns eram tão velhos quanto ele, muitos marcados por alguma velha ferida ou deformidade. O resto eram garotos imberbes, rapazotes em busca de seu primeiro sino e do direito de entrançar o cabelo. Eles se juntaram perto da gasta estátua de bronze do Fazedor de correntes, ansiosos para sair, dançando seus cavalos para o lado sempre que um corpo vinha rodopiando de cima.

Não muito longe deles, perto do sinistro monumento que os Grandes Mestres chamavam de Espiral de Caveiras, várias centenas de gladiadores se reuniram. Selmy viu o Gato Malhado entre eles. Ao lado dele estava Ithoke Destemido, e em outros lugares, Senerra Cobra, Camarron da Conta, o Açougueiro Tigrado, Togosh, Marrigo, Orlos o Catamita. Até Goghor o Gigante estava lá, acima de

todos como um homem em meio a meninos. *A liberdade significa alguma coisa para eles afinal, ao que parece.* Os gladiadores sentiam mais amor por Hizdahr do que jamais haviam demonstrado por Daenerys, mas Selmy estava contente de tê-los todos da mesma forma. *Alguns até estão usando armadura,* ele observou. Talvez sua vitória sobre Khrazz os tivesse ensinado alguma coisa.

Acima, as ameias da portaria estavam abarrotadas com homens em capas remendadas e máscaras de bronze: o Cabeça Raspada havia enviado suas Bestas de Bronze às muralhas da cidade, para liberar os Imaculados para o campo. Se a batalha estiver perdida, estará nas mãos de Skahaz e seus homens manter Meereen contra os yunkaitas... até o momento em que a Rainha Daenerys retorne.

Se é que ela retornará.

Por toda a cidade outras forças haviam se reunido em outros portões. Tal Toraq e seus Escudos Robustos haviam se juntado no portão leste, às vezes chamado de Portão da Colina ou Portão Khyzai, já que viajantes com destino a Lhazar pelo Passo Khyzai sempre saíam por ali. Marselen e os Homens da Mãe haviam se concentrado ao lado do portão sul, o Portão Amarelo. Os Irmãos Livres e Symon Costaslistradas haviam ficado com o portão norte, de frente para o rio. Eles teriam a saída mais fácil, sem inimigos à sua frente exceto por alguns poucos navios. Os yunkaitas haviam colocado duas legiões ghiscari ao norte, mas elas estavam acampadas além do Skahazadhan, com toda a extensão do rio entre eles e as muralhas de Meereen.

O principal acampamento yunkaíta estava a oeste, entre as muralhas de Meereen e as quentes águas verdes da Baía dos Escravos. Dois dos trabucos haviam sido levantados ali, um ao lado do rio, o outro em oposição aos portões principais de Meereen, defendidos por duas dúzias de Sábios Mestres de Yunkai, cada um com seus próprios soldados escravos. Entre as grandes armas de cerco estavam os acampamentos fortificados de duas legiões ghiscari. A Companhia do Gato tinha seu acampamento entre a cidade e o mar. O inimigo também tinha fundeiros tolosinos, e em algum lugar na noite estavam trezentos besteiros elirianos.

Inimigos demais, Sor Barristan ruminou. *Os números deles certamente estão contra nós.* Este ataque ia contra todos os instintos do velho cavaleiro. As muralhas de Meereen eram grossas e fortes. Dentro dessas muralhas, os defensores detinham toda a vantagem. Entretanto ele não tinha escolha a não ser liderar seus homens rumo aos dentes das linhas de cerco yunkaitas, contra inimigos de força bem maior.

O Touro Branco teria chamado de insensatez. Ele teria advertido Barristan sobre confiar em mercenários também. *Foi a isso que chegou, minha rainha,* Sor Barristan pensou. *Nossos destinos dependem da ganância de um mercenário. Sua cidade, seu povo, nossas vidas... o Príncipe Esfarrapado nos tem a todos em suas*

mãos sujas de sangue.

Mesmo se suas maiores esperanças se provassem esperanças perdidas, Selmy sabia que ele não tinha outra escolha. Ele poderia ter segurado Meereen por anos contra os yunkaítas, mas ele não poderia segurá-la nem por uma virada de lua com a égua descorada galopando por suas ruas.

Um silêncio caiu sobre a praça do mercado à medida em que o velho cavaleiro e seus porta-estandartes cavalgavam em direção à portaria. Selmy podia ouvir o murmúrio de vozes incontáveis, o som de cavalos bufando, relinchando, e cascos ferrados raspando sobre tijolos desmoronados, o fraco tinir de espada e escudo. Tudo parecia abafado e longínquo. Não era um silêncio, simplesmente uma quietude, a inspiração que vem antes do grito. Tochas fumegavam e crepitavam, enchendo a escuridão com uma inconstante luz laranja.

Milhares viraram juntos para olhar quando o velho cavaleiro girou seu cavalo na sombra dos grandes portões com anilhas de ferro. Barristan Selmy podia ver seus olhos sobre si. Os capitães e comandantes se adiantaram para encontrá-lo. Jokin e o Viúvo pelos Corvos Tormentosos, cota de malha tinindo sob capas desbotadas; Verme Cinzento, Lança Certa e Matador de Cães, em capacetes de bronze com espigões e armadura acolchoada; Rommo pelos Dothraki; Camarron, Goghor e o Gato Malhado pelos gladiadores.

“Vocês conhecem nosso plano de ataque,” o velho cavaleiro disse, quando os capitães estavam reunidos ao seu redor. “Nós os atingiremos primeiro com nossa cavalaria, logo que o portão se abra. Cavalguem forte e rápido, direto sobre os soldados escravos. Quando as legiões se formarem, circulem ao redor delas. Peguem-nas por trás ou pelo flanco, mas não tentem suas lanças. Lembrem-se de seus objetivos.”

“O trabuco,” disse o Viúvo. “A que os yunkaítas chamam Bruxa. Tomá-la, derrubá-la ou queimá-la.”

Jokin assentiu. “Alvejar o maior número dos nobres deles que conseguirmos. E queimar suas barracas, as grandes, os pavilhões.”

“Matar muito homem” disse Rommo. “Não pegar escravos.”

Sor Barristan se virou na sela. “Gato, Goghor, Camarron, seus homens vão seguir a pé. Vocês são conhecidos como guerreiros destemidos. Assustem-nos. Gritem e berrem. Quando chegarem às linhas yunkaítas, nossa cavalaria já deverá ter entrado. Sigam-nos pela brecha, e abatam o máximo que puderem. Onde puderem, poupem os escravos e cortem seus mestres, os nobres e oficiais. Recuem antes que estejam cercados.”

Goghor bateu um punho contra o peito. “Goghor não recua. Nunca.”

Então Goghor morre, o velho cavaleiro pensou. Mas este não era o momento nem o lugar para essa discussão. Ele deixou passar, e disse: “Estes ataques devem distrair os yunkaítas o bastante para que Verme Cinzento marche com os

Imaculados para fora dos portões e entre em formação.” Era então que seu plano iria ter sucesso ou fracassar, ele sabia. Se os comandantes yunkaítas tivessem algum bom senso, eles mandariam sua cavalaria trovejando contra os eunucos antes mesmo que eles formassem suas fileiras, quando eles estariam mais vulneráveis. Sua própria cavalaria teria que impedir isso o bastante para que os Imaculados fechassem seus escudos e erguessem sua parede de lanças. “Ao som de meu berrante, Verme Cinzento vai avançar em linha e atropelar os escravagistas e seus soldados. Pode ser que uma ou mais legiões ghiscari marchem para encontrá-los, escudo com escudo e lança com lança. Essa batalha nós certamente venceremos.”

O cavalo do Víuvo bandeou para sua esquerda. “E se seus berrantes silenciarem, Sor cavaleiro? Se você e esses seus garotos verdes caírem?”

Era uma pergunta justa. Sor Barristan pretendia ser o primeiro das linhas yunkaítas adentro. Ele poderia muito bem ser o primeiro a morrer. Muitas vezes acontecia assim. “Se eu cair, o comando é seu. Depois você, Jokin. E então Verme Cinzento.” Se todos nós formos mortos, o dia está perdido, ele poderia ter dito ainda, mas todos sabiam disso, certamente, e nenhum deles queria ouvir isso dito em voz alta. Nunca fale sobre derrota antes de uma batalha, o Senhor Comandante Hightower uma vez lhe dissera, quando o mundo era jovem, pois os deuses poderiam estar ouvindo.

“E se encontrarmos o capitão?”, perguntou o Víuvo.

Daario Naharis. “Deem-lhe uma espada e o sigam.” Apesar de Barristan Selmy ter pouco amor e menos ainda confiança pelo amante da rainha, ele não duvidava de sua coragem, nem de sua habilidade em armas. E se ele morrer heroicamente em batalha, ainda melhor. “Se não há mais perguntas, voltem para seus homens e façam uma oração para seja qual for o deus em que acreditem. A alvorada cairá sobre nós em breve.”

“Uma alvorada vermelha,” disse Jokin dos Corvos Tormentosos.

Uma alvorada de dragão, pensou Sor Barristan.

Ele tinha feito sua própria oração antes, enquanto seus escudeiros lhe ajudavam a vestir a armadura. Seus deuses estavam longe, para além do mar em Westeros. Mas se os septões tivessem razão, os Sete olhavam por seus filhos por onde quer que eles andassem. Sor Barristan havia feito uma oração para a Velha, suplicando a ela que lhe concedesse um pouco de sua sabedoria, para que ele pudesse levar seus homens à vitória. Para seu velho amigo Guerreiro ele orou por força. Ele pediu à Mãe por sua misericórdia, se ele caísse. Ao Pai ele rogou que olhasse por seus rapazes, esses escudeiros meio-treinados que eram as coisas mais próximas de filhos que ele jamais conheceria. Finalmente ele baixou sua cabeça para o Estranho. “Você vem para todos os homens no fim,” ele orou, “mas se lhe aprouver, poupe a mim e aos meus hoje, e ao invés disso recolha os espíritos dos nossos inimigos.”

Lá fora além das muralhas, o baque distante de um trabuco lançando podia ser ouvido. Homens mortos e partes de corpos vinham rodopiando pela noite. Um caiu em meio aos gladiadores, encharcando-os com pedaços de ossos e miolos e carne. Outro rebateu na cabeça de bronze gasta do Fazedor de Correntes e tombou por seu braço para aterrisar com um baque molhado em seus pés. Uma perna inchada chapinhou em uma poça a nem três metros de onde Selmy estava sentado esperando no cavalo da rainha.

“A égua descorada,” murmurou Tumco Lho. Sua voz estava carregada, seus olhos negros brilhantes em sua face negra. Então ele disse algo na língua das Ilhas Basilisco que poderia ser uma oração.

Ele teme a égua descorada mais do que teme nossos inimigos, percebeu Sor Barristan. Seus outros rapazes estavam assustados também. Por mais corajosos que fossem, nenhum deles havia visto sangue ainda.

Ele circulou sua égua prateada. “Juntem-se ao meu redor, homens.” Quando eles trouxeram seus cavalos para mais perto, ele disse: “Eu sei o que estão sentindo. Eu senti o mesmo, centenas de vezes. Sua respiração está mais rápida do que deveria. Em sua barriga um nó de medo se enrola como um verme preto frio. Você sente como se tivesse que esvaziar a bexiga, talvez descarregar as entranhas. Sua boca está seca como as areias de Dorne. E se você se envergonhar lá?, vocês pensam. E se você esquecer todo seu treinamento? Você anseia ser um herói, mas lá dentro você tem medo de que possa ser covarde. Todos os garotos se sentem da mesma forma na véspera da batalha. Sim, e homens feitos também. Aqueles Corvos Tormentosos ali estão sentindo a mesma coisa. E também os Dothraki. Não há vergonha no medo, a não ser que você deixe ele te dominar. Todos sentimos nossos momentos de terror.”

“Eu não estou com medo.” A voz do Ovelha Vermelha estava alta, quase a ponto de gritar. “Se eu morrer, irei ao Grande Pastor de Lhazar, quebrarei seu cajado em meu joelho, e direi a ele: ‘Por que você fez de seu povo ovelhas, quando o mundo está cheio de lobos?’ E então eu cuspirei em seu olho.”

Sor Barristan sorriu. “Bem-dito... mas tome cuidado para não procurar a morte lá fora, ou certamente a encontrará. O Estranho vem para todos nós, mas não precisamos correr de encontro a seus braços.”

“O que quer que aconteça a nós no campo de batalha, lembrem-se, aconteceu antes, e a homens melhores que vocês. Eu sou um homem velho, um velho cavaleiro, e vi mais batalhas do que a maioria de vocês tem de idade. Nada é mais terrível nesta terra, nada mais glorioso, nada mais absurdo. Vocês podem vomitar. Vocês não serão os primeiros. Vocês podem soltar suas espadas, seus escudos, suas lanças. Outros fizeram o mesmo. Apanhem-nos e continuem a lutar. Vocês podem sujar suas calças. Eu sujei, na minha primeira batalha. Ninguém vai se importar. Todos os campos de batalha fedem a merda. Vocês podem chorar por suas mães, orar para seus deuses que vocês pensaram ter

esquecido, uivar obscenidades que vocês nunca sonharam passar pelos seus lábios. Tudo isso também aconteceu.

“Alguns homens morrem em todas as batalhas. Mais sobrevivem. Leste ou oeste, em qualquer estalagem ou botequim de vinho, vocês encontrarão homens com barba grisalha lutando novamente e infinitamente as guerras de suas juventudes. Eles sobreviveram a suas batalhas. Vocês também podem. Disso vocês podem ter certeza: o inimigo que você vê à sua frente é apenas outro homem, e quase certamente ele está tão assustado quanto você. Odeie-o se precisar, ame-o se puder, mas levante sua espada e a abaixe, e então siga em frente. Acima de tudo, se mantenha em movimento. Somos muito poucos para vencer a batalha. Nós cavalgamos para causar o caos, para ganhar tempo para que os Imaculados possam formar sua parede de lanças, nós —”

“Sor?” Larraq apontou com o estandarte da Guarda Real, ao mesmo tempo em que um murmúrio sem palavras saiu de mil pares de lábios.

Longe na cidade, onde os degraus sombreados da Grande Pirâmide de Meereen levantavam oitocentos pés em direção a um céu sem estrelas, um fogo acendeu onde antes havia uma harpia. Uma faísca amarela no ápice da pirâmide, cintilou e morreu novamente, e por meia batida de coração Sor Barristan teve medo de que o vento a havia apagado. Então ela retornou, mais brilhante, mais feroz, as chamas rodopiando, ora amarelas, ora vermelhas, ora laranjas, subindo, rasgando a escuridão.

Além, a leste, a alvorada surgia atrás das colinas. Mais mil vozes exclamavam agora.

Outros mil homens olhavam, apontavam, colocando seus capacetes, procurando suas espadas e machados. Sor Barristan ouviu o chocalhar de correntes. Era a ponte levadiça se erguendo. Em seguida viriam os gemidos das enormes dobradiças de ferro do portão. Era hora.

O Ovelha Vermelha lhe passou seu elmo alado. Barristan Selmy o deslizou por sobre sua cabeça, o amarrou a seu gorjal, levantou seu escudo, deslizou seu braço alças adentro. O ar parecia estranhamente doce. Não havia nada como a expectativa da morte para fazer um homem se sentir vivo. “Que o Guerreiro nos proteja a todos”, ele disse a seus rapazes. “Soem o ataque.”

Barristan II (resumo)

Ele sente suas tripas se contorcerem de nervosismo enquanto cavalga através dos portões. Ele sabe que o sentimento irá embora quando o tempo desacelerar no caos da batalha. A água de Dany facilmente ultrapassa os rapazes e o resto da cavalaria; Barristan sente-se feliz pois pretende ultrapassar o Viúvo e desferir o primeiro golpe. Os Yunkaítas estão totalmente despreparados, e Barristan aproxima-se de Harridan, a maior das catapultas. Os Corvos Tormentosos gritam “Daario!” e “Corvos Tormentosos, voem!”; Barristan pensa que nunca mais duvidará do valor de mercenários.

Existem apenas vinte e sete metros entre a cavalaria e as legiões Yunkaítas quando as defesas começam a ser montadas. O ar enche-se de flechas. Um escudeiro dos Corvos Tormentosos é morto, e um dardo atravessa o escudo de Barristan. Ouvem-se três sopros de chifre, e os lutadores de arena emergem do portão atrás deles.

Barristan olha para trás para ver os lutadores de arena. Existem cerca de duzentos deles, mas eles fazem barulho o suficiente para dois mil. Uma mulher se destaca, vestindo nada mais do que grevas, sandálias, uma saia de cota de malha, e um pitão. Barristan está um pouco chocado e, observando seus seios balançarem, pensa que este dia certamente será o último dela. Os lutadores de arena gritam, principalmente “Loraq!” e “Hizdahr!”, mas alguns berram “Daenerys!”. Larraq é atingido no peito por uma flecha, trazendo a atenção de Barristan para a frente, mas o escudeiro mantém os estandartes erguidos, e remove-a.

Barristan chega em Harridan, mas uma legião de seis mil Ghiscari formou uma linha para defender a enorme catapulta. Ela possui seis colunas - a primeira, ajoelhada e com suas lanças apontando para cima, a segunda segura suas lanças na altura da cintura, e a terceira, na altura dos ombros. As outras têm pequenas lanças de atirar e estão prontas para avançarem quando seus companheiros caírem.

Barristan sabe que a corrente de um meistre é tão forte quanto seu elo mais fraco, e identifica as companhias dos Yunkaítas como os seus inimigos mais fracos, certamente mais fracos que as legiões de escravos. Em particular, Barristan mira Paezhar zo Myraq e suas Garças. Os escravos escolhidos para serem Garças são bizarramente altos, mesmo antes de subirem em suas pernas de pau, e vestem escamas e penas rosas, e bicos de aço. Mas Barristan percebe que eles serão cegados pelo amanhecer sobre a cidade, e gostaria de quebrar suas colunas defensivas, então Barristan se afasta da legião protegendo a catapulta e vai em direção às Garças.

Ele corta a cabeça de uma das Garças, e seus rapazes juntam-se à briga. A

égua de Dany atira uma Garça em três outras, e todas elas caem. Em poucos instantes, as Garças estão se espalhando e fugindo, lideradas pelo próprio Pombinho. Infelizmente, para Paezhar, ele tropeça em sua armadura de pássaro, e é pego pelo Ovelha Vermelha. O Pombinho pede misericórdia, dizendo que ele irá entregar-lhes uma grande recompensa. O Ovelha Vermelha diz apenas “Eu vim para sangue, não ouro”, e amassa a cabeça do Pombinho com sua maça, jorrando sangue em Barristan e na Prata.

Os Imaculados começam a marchar através dos portões, e Barristan vê que os Yunkaítas perderam sua chance de lançar um contra-ataque. Enquanto ele vê mais legiões de escravos serem massacradas, em sua maioria aquelas que estavam presas juntas e não podiam recuar, ele pergunta a si mesmo onde as companhias mercenárias como os Segundos Filhos foram. Os Imaculados terminam de formar a linha no exterior dos portões, implacáveis até mesmo quando um dos seus cai com um dardo de besta no pescoço.

Tumco traz a atenção de Barristan para a baía, dizendo “Porque existem tantos navios?”. Barristan se lembra que ontem eram vinte, mas agora são o triplo disso. Seu coração pesa quando deduz que os navios de Volantis teriam chegado, mas então vê que alguns dos navios estão lutando uns com os outros.

Ele pergunta a Tumco, cujos jovens olhos podem ver melhor, para identificar os estandartes. Tumco diz “Lulas, grandes lulas. Como nas Ilhas Basilisco, quando algumas vezes elas puxam os navios para o fundo”.

Barristan responde, “De onde venho, nós as chamamos de lulas gigantes”.

Percebendo que os Greyjoy chegaram, seu primeiro pensamento é “Balon se juntou a Joffrey, ou aos Stark?”, mas então lembra-se que ouviu dizerem que Balon está morto, e se pergunta se isto tem algo a ver com o filho de Balon, o menino que era protegido dos Stark. Ele vê que os homens de ferro estão subindo a praia, lutando contra os Yunkaítas, e diz, surpreso “Eles estão do nosso lado! As companhias mercenárias não se juntaram a ele em sua investida pois estavam preocupadas com os nascidos do ferro!”

Barristan está muito contente. “É como Baelor Quebra-Lanças e o Príncipe Maekar, o Martelo e a Forja. Nós os temos! Nós os temos!”

Tyrion II (completo)

Em algum lugar muito distante, um moribundo chamava por sua mãe. “Aos cavalos!”, um homem rugia em Ghiscari, no acampamento ao norte de onde estavam os Segundos Filhos. “Aos cavalos! *Aos cavalos!*” Alta e estridente, sua voz perdurou longamente no ar da manhã, muito além de seu próprio acampamento. Tyrion sabia Ghiscari o suficiente para entender aquelas palavras, mas o medo em sua voz seria discernível em qualquer língua. *Eu sei como ele se sente.*

Ele sabia que era hora de encontrar seu próprio cavalo. Hora de vestir a armadura de algum garoto morto, afivelar o punhal à armadura e escorregar o sofrido elmo por sua cabeça. O alvorecer despontava e a lasca de um sol nascente era vista além das muralhas e torres da cidade, com um brilho cegante. A oeste as estrelas desapareciam uma por uma. Trombetas sopravam por toda Skahazadhan enquanto cornetas de guerra respondiam em Meereen. Um navio afundava em chamas na foz do rio. Homens mortos e dragões se moviam pelo céu, enquanto navios de guerra colidiam e caíam na Baía dos Escravos. Tyrion não conseguia vê-los dali, mas podia escutá-los. A colisão de casco contra casco enquanto batiam, o profundo toque da corneta do homem de ferro e os estranhos assobios estridentes de Qarth. Remos quebravam-se com os berros e choros da batalha, o estampido da armadura contra o machado, espada contra escudo, tudo misturava-se com o grito penetrante de homens feridos. Muitos dos navios ainda estavam distantes da baía, mas ele os reconhecia bem. A música da carnificina.

A 300 metros dali, estava a *Irmã Cruel*, seu longo braço balançando agarrado a cadáveres - *chunck-THUMP!* - e dali voaram, nus e inchados, pálidos pássaros mortos feito ossos caindo pelos ares. O acampamento ao redor estava envolto em uma neblina rosa e dourada, mas as famosas pirâmides de Meereen projetavam uma sombra negra contra as cores. Algo se movia sobre elas, ele via. *Um dragão, mas qual?* Naquela distância, poderia facilmente ser até mesmo uma águia. *Uma águia enorme.*

Depois de dias escondido em tendas mofadas dos Segundos Filhos, o ar exterior era fresco e limpo. Apesar de não conseguir ver a baía de onde estava, o aroma de sal dizia que estava perto. Tyrion encheu seus pulmões com ele. *Um ótimo dia para batalha.* Do leste o som de tambores corria sobre a planície árida. Uma formação de homens montados passava pelo Harrikan exibindo o estandarte azul dos Soprados pelo Vento.

Um homem jovem teria achado aquilo tudo emocionante. Um homem mais idiota teria achado aquilo grande e glorioso, até o momento em que um soldado escravo yunkaíta com anéis em seus mamilos repousasse um machado no meio

de sua testa. Tyrion Lannister sabia. *Os deuses não me agradeceram com o dom da espada*, ele pensou, *então por que continuam me colocando no meio das batalhas? Ninguém ouviu. Ninguém respondeu. Ninguém se importava.*

Tyrion pegou-se pensando em sua primeira batalha. Shae havia sido a primeira a se dar conta, acordada pelas cornetas de seu pai. A doce rameira que havia lhe dado prazer por mais da metade da noite tremia nua em seus braços, uma criança assustada. *Ou tudo aquilo havia sido uma mentira também, um artifício que ela usou para fazê-lo sentir-se bravo e brilhante? Uma bela atriz deve ter sido.* Quando Tyrion gritou por Podrick para ajudá-lo com sua armadura, encontrou o garoto dormindo e roncando. *Não é o rapaz mais rápido que conheci, mas um escudeiro decente no fim das contas. Espero que tenha encontrado um homem melhor para servir.*

Era estranho, mas Tyrion lembrava-se do Ramo Verde melhor do que lembrava-se de Água Negra. *Foi a minha primeira. Nunca se esquece a primeira.* Ele lembrava-se da neblina deslizando pelo rio em direção aos juncos como pálidos dedos brancos. E a beleza daquele nascer do sol, ele lembrava-se também: estrelas derramavam-se sob um céu púrpura, a grama brilhava no orvalho da manhã como vidro, um esplendor vermelho vindo a leste. Ele lembrou-se do toque dos dedos de Shae, quando ela ajudava Podrick a vesti-lo com uma armadura desigual. *Aquele elmo maldito. Era como um balde com um prego.* Aquele prego o havia salvado, no entanto. Aliás, o fez vencer sua primeira luta, mas Centavo e Merreca nunca pareceram tão estúpidos como ele pareceu aquele dia. Shae o chamava "destemido" quando o viu em seu aço, lembrou-se. Como é que pude ser tão cego, surdo e idiota? Deveria ter percebido, ao invés de pensar com o meu pau.

Os Segundos Filhos selavam seus cavalos. O faziam calmamente, despreocupados, de maneira eficiente. Nada que não tivessem feito umas cem vezes antes. Passavam entre eles um odre, se era água ou vinho não sabia dizer. Bokkoko beijava seu amante sem pudor, amassando as nádegas do garoto com uma mão pesada, a outra passava por seus cabelos. Atrás deles, Sor Garibald escovava a crina de seu castrado. Quem sentou em uma pedra, contemplando o chão... lembrando de seu irmão morto, talvez, ou sonhando com um amigo que estava em Porto Real. Martelo e Prego passavam de homem a homem, checando espadas e lanças, ajustando armaduras, afiando o gume de qualquer lâmina que precisasse. Bocados mastigava sua folha amarga fazendo zombarias e coçando suas bolas com sua mão de gancho. Algo sobre suas maneiras fazia Tyrion lembrar-se de Bronn. *Sor Bronn da Água Negra, agora.* A não ser que minha irmã o tenha matado. *E isso não é algo tão fácil de se fazer quanto ela imagina.* Ele pensou em quantas batalhas esses Segundos Filhos haviam lutado. *Quantas rixas, quantos ataques surpresas, quantas cidades atormentaram, quantos irmãos queimaram ou deixaram para trás, quanta podridão?* Comparado a eles, Tyrion era um garoto verde, não testado, apesar de ter contado em si mais anos

do que metade dos soldados daquela companhia.

Essa seria sua terceira batalha. *Temperado e sangrento, carimbado e selado, um guerreiro comprovado, este sou eu. Matei alguns homens e feri outros, tive minhas próprias feridas e vivi para contá-las. Fui acusado, ouvi homens gritarem meu nome, cortei homens maiores e melhores, e até tive pequenas porções de glória... já que fui servido do fino e rico vinho dos heróis, não gostaria de provar novamente?* Apesar de tudo o que fez e tudo o que viu, a possibilidade de uma outra batalha fez seu sangue gelar. Ele viajou meio mundo através de liteiras, barcos e porcos, navegou em navios de escravos e galerias mercantis, montou putas e cavalos, sempre dizendo a si mesmo que não se importava se vivesse ou morresse... para descobrir que na verdade se importava sim.

O Estranho montou sua égua descorada e cavalgava através deles com sua espada em mãos, mas Tyrion Lannister não pensava em encontrar-se com ele mais uma vez. Não agora. Não ainda. Não hoje. *Que fraude você é, Duende. Deixou que centenas de homens da guarda estuprassem sua mulher, atirou em seu pai na barriga com uma besta, torceu uma corrente de ouro na garganta de sua amante até sua face tornar-se negra, e ainda assim acha que merece viver.*

Merrecia já estava em sua armadura quando Tyrion deslizou para a tenda que dividiam. Ela envolvia seu corpo em placas de madeira por conta dos anos apresentando-se como pantomimeira. Madeira e couraça não eram tão evidentes quando amarradas a fivelas e cintos. E se o aço da companhia era amassado aqui e gasto ali, arranhado, manchado e descolorido, não importava. Deveria ser bom o bastante para bloquear uma espada.

A única peça que ela não vestiu foi seu capacete. Quando ele entrou, ela o olhou. *"Você não está armado, o que está acontecendo?"*.

"O de sempre. Lama, sangue e heroísmo, assassinato e morte. Há uma batalha acontecendo na baía, outra entre as muralhas da cidade. Seja lá para qual lado os yunkaítas virem, eles terão um inimigo atrás deles. A luta mais próxima ainda está longe, mas estaremos nela em breve." *De um lado ou de outro.*

Os Segundos Filhos estavam prontos para escolher um novo mestre, Tyrion tinha quase certeza disso. Apesar de haver um abismo entre a "certeza" e a "quase certeza". *Se julguei mal meu homem, todos estaremos mortos.* "Coloque seu elmo e certifique-se que os fechos estejam firmes. Tirei o meu uma vez para não me afogar e isso me custou o nariz." Tyrion tocou sua cicatriz.

"Precisamos colocá-lo em sua armadura primeiro".

"Se você prefere. O justilho primeiro. O couro fervido com tachas de aço. Cota de malha por cima disso e então a proteção para o pescoço." Ele olhou pela tenda. "Há vinho aqui?"

"Não."

"Tinhaamos meia jarra da última ceia".

"Um quarto da jarra, e você já o bebeu".

Ele suspirou. "Eu venderia minha irmã por um copo de vinho."

“Você venderia sua irmã por um copo de mijo de cavalo.” Aquilo foi tão inesperado que fez ele rir alto. “O meu gosto por mijo de cavalo é assim tão famoso ou você conheceu minha irmã?”

“Eu só a vi daquela vez, quando nos apresentamos para o rei menino. Centavo achou ela bonita.”

Centavo era um bajuladorzinho atrofiado com um nome estúpido. “Apenas um tolo cavalga sóbrio para a batalha. Plumm deve ter algum vinho. E se ele morrer em batalha? Seria um crime desperdiçá-lo.”

“Silêncio. Eu preciso atar esse gibão.”

Tyrion tentou, mas parecia para ele que os sons do massacre estavam aumentando, e não pôde conter a língua. “Cara de Pudim quer usar a companhia para atirar os homens de ferro de volta ao mar,” ele ouviu-se dizer à Merreca, enquanto ela o vestia. “O que ele devia fazer era usar seus cavalos contra os eunucos, com força total, antes que eles chegassem perto de seus portões. Mandar os Gatos atacarem pela esquerda, nós e os Soprados pelo Vento pela direita, arruinar seus flancos de ambas as extremidades. Homem a homem, os Imaculados não são piores ou melhores do que nenhum outro lanceiro. É sua disciplina que os faz perigosos, mas se eles não puderem formar uma parede de lanças...”

“Levante os braços,” disse Merreca. “Assim, está melhor. Talvez você devesse comandar os yunkaítas.”

“Eles usam escravos como soldados, por que não como comandantes? Mas isso arruinaria a disputa. Isso é só uma partida de *cyvasse* para os Sábios Mestres. Nós somos as peças.” Tyrion inclinou a cabeça para um lado, pensando. “Eles têm isso em comum com meu pai, esses escravistas.”

“Seu pai? O que você quer dizer?”

“Estava apenas lembrando da minha primeira batalha. O Ramo Verde. Nós lutávamos entre um rio e uma estrada. Quando vi meu pai em seu posto, lembro de ficar pensando o quão bonito ele era. Como uma flor abrindo suas pétalas para o sol. Uma rosa carmesim com espinhos de aço. E meu pai, ah, ele nunca pareceu tão resplandecente. Ele vestia armadura carmesim com um longo manto dourado. Um par de leões dourados em seus ombros, outro em seu elmo. Seu garanhão era magnífico. Sua senhoria assistiu a batalha inteira montado naquele cavalo e não chegou perto de inimigo algum. Não se moveu, não sorriu e nem sequer suou, enquanto centenas morriam abaixo dele. Imagine a mim empoleirado numa cadeira de acampamento, contemplando um tabuleiro de *cyvasse*. Nós poderíamos ser gêmeos... Se eu tivesse um cavalo, uma armadura carmesim e um manto longo e dourado. Ele era mais alto também. Mas eu tenho mais cabelo.”

Merreca o beijou.

Foi tão repentino que ele não teve tempo de pensar. Ela se arremessou, ligeira

como um pássaro, e pressionou seus lábios contra o dele. Tão rápido quanto durou. *Por que fez isso?*, ele quase disse, mas sabia pelo que era. *Obrigado*, ele poderia ter dito, mas ela poderia interpretar como uma abertura para que fizesse aquilo de novo. *Criança, não tenho desejo de machucá-la*, ele podia ter tentado, mas Merreca não era criança, e essa afirmação não seria exatamente verdadeira. Pela primeira vez em muito tempo, mais do que ousaria lembrar, Tyrion Lannister estava sem palavras.

Ela parece tão jovem, ele pensou. *Uma garota, é tudo que ela é. Uma garota, e quase bonita se você esquecer que ela é uma anã*. Seus cabelos eram castanhos, grossos e ondulados, e seus olhos eram grandes e confiáveis. *Confiáveis demais*.

“Consegue ouvir esse som?”, disse Tyrion.

Ela ouvia. “O que é isso?” ela disse enquanto prendia um par de caneleiras incompatíveis em suas pernas deformadas.

“Guerra. Por todos os lados. É um massacre, Merreca. São homens sendo jogados na lama com suas entranhas do lado de fora. São membros decepados e ossos quebrados e piscinas de sangue. Você já ouviu sobre como os vermes surgem depois de uma forte chuva? Eu ouvi que eles fazem o mesmo depois de uma grande batalha, se sangue suficiente for absorvido pela terra. É o Estranho chegando, Merreca. A Cabra Negra, a Criança Pálida, Aquele de Muitas Faces, chame como quiser. Isso é a morte.”

“Você está me assustando.”

“Estou? Bom. Você *devia* estar assustada. Temos homens de ferro na costa e Sor Barristan com seus Imaculados nos portões da cidade, com a gente no meio deles, lutando pelo lado errado. Eu mesmo estou apavoradíssimo.”

“Você diz isso, mas continua fazendo piadas.”

“Piadas são a uma maneira de afastar o medo. O vinho é outra.”

“Você é corajoso. Pequenininhos podem ser corajosos.”

Meu gigante de Lannister, ele ouviu. *Ela está gozando de mim*. Ele quase a esbofeteou novamente. Sua cabeça doía.

“Eu nunca quis te irritar”, Merreca disse. “Perdoe-me. Estou assustada, é tudo.” Ela tocou sua mão.

Tyrion afastou-se. “*Eu estou assustada*.” Essas foram as mesmas palavras que Shae usou. *Seus olhos estavam arregalados do tamanho de ovos, e eu engoli cada pedacinho deles. Eu sabia o que ela era. Pedi que Bronn me trouxesse uma mulher e ele me trouxe Shae*. Ele cerrou os punhos, e a face de Shae apareceu diante dele, sorridente. Então a corrente ficou apertada ao redor do pescoço dela, as mãos douradas afundando profundamente em sua carne e as próprias mãos dela tremulando em sua face, com toda a força de uma borboleta. Se ele tivesse uma corrente... se ele tivesse uma besta, uma adaga, qualquer coisa, ele teria... ele poderia... ele...

Foi quando Tyrion escutou os gritos. Ele estava perdido em sua ira negra,

afofando-se em um mar de memórias, mas a gritaria trouxe o mundo de volta rapidamente. Ele abriu as mãos, respirou, afastou-se de Merreca. “Alguma coisa está acontecendo.” Ele saiu para ver o que era. *Dragões*.

O monstro verde estava rodeando a baía, revirando-se enquanto grandes navios e galés se chocavam e queimavam abaixo dele, mas era por causa do dragão branco que os mercenários gritavam. A trezentos metros dali, a Irmã Cruel balançava seu braço, *chunk-THUMP*, e seis novos corpos foram arremessados dançando no céu. Iam subindo, subindo, subindo. Dois deles entraram em chamas.

O dragão pegou um dos corpos queimados antes dele começar a cair, esmagando-o entre suas mandíbulas enquanto chamas pálidas corriam pelos seus dentes. Asas brancas destacavam-se no ar da manhã, e a besta começou a subir novamente. O segundo corpo caiu de uma garra estendida para aterrissar bruscamente no meio de alguns cavaleiros yunkaítas. Um dos cavalos empinou arremessando o cavaleiro longe. Os outros correram, tentando despistar as chamas mas, ao invés disso, as atçaram. Tyrion Lannister quase conseguia saborear o pânico que tomou conta dos acampamentos.

O cheiro forte e familiar de urina encheu o ar. O anão olhou em volta e ficou feliz ao perceber que fora Tinteiros que tinha se mijado, e não ele. “É melhor ir trocar suas ceroulas.” Tyrion disse a ele. “E enquanto você faz isso, vire a casaca.” O tesoureiro piscou, mas não se moveu.

Ele ainda estava ali de pé, observando o dragão capturando corpos no ar, quando o mensageiro chegou. *Um maldito oficial*, Tyrion logo percebeu. Ele vestia armadura dourada e estava montado em um cavalo dourado. Em alto e bom som, ele anunciou que viera em nome do comandante dos yunkaítas, Gorzhak zo Eraz. “O Senhor Gorzhak cumprimenta o Capitão Plumm e pede que ele leve seus homens para a costa. Nossos navios estão sendo atacados.”

Seus navios estão afundando, queimando, fugindo, Tyrion pensou. *Seus navios estão sendo tomados, seus homens passados na espada*. Ele era um Lannister de Rochedo Casterly, que ficava próximo das Ilhas de Ferro; homens de ferro saqueadores não eram estranhos em suas costas. Ao longo dos séculos eles queimaram e saquearam Lannisporto inúmeras vezes. Os homens do Oeste sabiam de que tipo de selvageria os homens de ferro eram capazes; esses escrivistas estavam apenas aprendendo.

“O Capitão não está aqui agora”, disse Tinteiros para o mensageiro. “Ele partiu para encontrar-se com a Garota General”.

O corsário apontou para o céu. “O domínio de Lady Malazza terminou ao nascer do sol. Faça como Lorde Gorzhak instruiu.”

“Atacar os navios da lula, você diz? Aquelas lá fora na água?” O mestre das moedas franziu o cenho. “Não vejo como, pessoalmente, mas quando Ben Mulato voltar eu lhe direi o que Gorzhak quer.”

"Eu te dei uma ordem. Fará isso agora".

"Só recebemos ordens de nosso capitão." Tinteiros disse em seu esquisito tom suave. "Ele não está aqui. Já lhe disse".

O mensageiro perdeu a paciência, Tyrion podia ver. "Batalha-se juntos. Seu comandante deveria estar aqui com você."

"Pode ser, mas ele não está. A garota mandou chamá-lo. Ele foi."

O mensageiro ficou roxo. "Você deve executar sua ordem!"

Bocados cuspiu um maço de uma folha amarga bem mastigada pelo canto da boca. "Perdoe-me", ele disse ao corsário yunkaíta, "mas somos todos cavaleiros aqui, igual ao senhor. Um bom cavalo de guerra pode pular uma muralha de lanças. Alguns podem pular uma fogueira. Mas nunca vi um cavalo andar sobre a água."

"Os navios estão trazendo homens", rugiu o fidalgo yunkaíta. "Eles bloquearam a boca do Skahazadhan com seus navios incendiários, e a cada minuto que permanece aqui parado falando, outras cem espadas surgem na encosta. Reúna seus homens e mova-os de volta para o mar. Imediatamente! Gorzhak ordena!"

"Quem é Gorzhak?" É o Coelho?

"Cara de Pudim" disse Tinteiros. "O Coelho não é bobo o bastante para enviar simples cavalos contra grandes navios."

O corsário ouviu o bastante. "Devo informar Gorzhak zo Eraz que você recusa-se a ouvir suas ordens" disse rigidamente. Então deu meia volta com seu cavalo e galopou de volta pelo caminho que veio, perseguido pela risada dos mercenários.

Tinteiros foi o primeiro que deixou o sorriso morrer. "Basta", disse solenemente. Voltemos. Selem estes cavalos, quero cada um de vocês pronto para partir quando Ben voltar para cá com ordens diretas. E apaguem essa fogueira. Vocês poderão fazer um jejum depois da luta, se viverem para tanto." Seu olhar fixo recaiu sobre Tyrion. "Porque esse sorriso irônico? Parece um tolo nessa armadura, Meio-Homem."

"Melhor parecer do que ser um", respondeu o anão. "Estamos do lado que está perdendo".

"O Meio-Homem está certo", disse Jorah Mormont. "Nós não queremos estar lutando pelos escravistas quando Daenerys voltar... e ela voltará, não se engane. Ataque agora e com vontade, e a rainha não se esquecerá. Encontre seus reféns e liberte-os. E eu irei jurar pela honra de minha casa que este foi o plano de Bem Mulato desde o início."

Nas águas da Baía dos Escravos, outras galerias qarthenas se viram no meio de um fogaréu de repente. Tyrion podia ouvir elefantes trombeteando ao leste. O brasão das seis irmãs subia e descia, arremessando corpos. Escudo batia contra escudo enquanto duas paredes de lanças enfrentavam-se entre as muralhas de

Meereen. Dragões rodopiavam no céu, suas sombras varrendo as faces de amigos e inimigos que viravam-se para olhar.

Tinteiros ergueu as mãos. "Eu fico com os livros. Eu tomo conta do nosso ouro. Eu preparo os nossos acordos, colete nossos salários, confiro se temos provisões e moedas o suficiente. Eu não decido com quem lutamos, ou quando. Isso é Ben Mulato quem diz. Acerte isso com ele quando ele voltar."

Quando Bem Mulato e seus companheiros voltaram galopando de volta do acampamento da Garota General, o dragão branco voou de volta para seu covil acima de Meereen. O verde ainda rondava, planando em grandes círculos, em cima da cidade e da baía com suas grandes asas verdes.

Ben Mulato Plumm usava placa peitoral e cota de malha embaixo de couro fervido. O manto de seda que fluuava de seus ombros era seu único traço de vaidade. Agitava-se quando ele se movia, a cor mudando do violeta para o púrpura escuro. Ele desceu do cavalo e o entregou a um criado, e então pediu para Bocados reunir seus capitães.

"Diga que se apressem", adicionou Kasporio, o Astuto.

Tyrion sequer era um sargento, mas seu cyvasse o fez conhecido na tenda de Ben Mulato, e ninguém tentou impedi-lo quando ele entrou com os outros. Além de Kaporio e Tinteiros, Uhlan e Bokoko estavam entre os convocados. O anão ficou surpreso ao ver que Sor Jorah Mormont também estava entre eles.

"Fomos ordenados a defender a Irmã Cruel", Ben Mulato os informou. Os outros homens tinham um olhar inquieto. Ninguém parecia querer falar até Sor Jorah perguntar: "Com a autoridade de quem?"

"Da garota. Sor Vovô está atacando Harridan, mas ela tem medo que ele se volte para a Irmã Cruel depois. O Fantasma já foi derrubado. Os homens livres de Marselen quebraram o Longas Lanças como um graveto podre, e o arrastou com correntes. A garota acha que Selmy pretende derrubar todas as catapultas."

"É o que eu faria no lugar dele", disse Sor Jorah. "Só que eu o teria feito mais depressa". "Porque essa garota ainda está dando ordens?" Tinteiros parecia perplexo. "O Alvorecer já chegou e já se foi. Ela não consegue ver o sol? Ela se comporta como se ainda fosse líder suprema". "Se você fosse ela, e soubesse que Cara de Pudim estava prestes a assumir o comando, você continuaria dando ordens também."

"Um não é melhor do que o outro" insistiu Kasporio.

"Verdade", disse Tyrion. Mas Malazzia tem as melhores tetas.

"Com bestas, é assim que devemos segurar a Irmã Cruel", disse Tinteiros. "Escorpiões. Manganelas. É disso que precisamos. Não se usa homens montados para proteger uma posição fixa. A garota deseja que desmontemos? Se for o caso, por que não usamos as lanças dela?"

Kem colocou sua cabeleira loura dentro da tenda. "Desculpe atrapalhar, meus senhores, mas outro corsário se aproxima. Diz que tem novas ordens do Comando Supremo."

Ben Mulato olhou para Tyrior e deu de ombros: "Mande-o entrar".

"Aqui?" Kem perguntou, confuso.

"É aparentemente aqui que estou", disse Plumm com um traço de irritação. "Se ele for a outro lugar, não me achará."

Kem saiu. Quando retornou abriu a entrada da tenda para um nobre yunkaíta com seda amarela e pantalonas combinando. O oleoso cabelo negro do homem foi torturado, torcido e laqueado para parecer que cem pequenas rosas brotavam de sua cabeça. Em sua placa peitoral, havia uma cena de tanta depravação que Tyrior sentiu um ar familiar.

"Os Imaculados avançam em direção aos Filhos da Harpia", disse o mensageiro. "Barba Sangrenta e duas legiões ghiscaris os enfrentam. Enquanto seguram a linha, vocês devem contorná-los e varrê-los, sem poupar ninguém. Este é o comando do mais nobre e poderoso Mhorgar zo Zherzyn, líder supremo de Yunkai."

"Mhorgar?", Kaspório franziu o cenho. "Não, Gorzhak comanda hoje."

"Ghorzhak zo Eraz está morto, foi cortado por desleais pentoshis. O vira-casaca que se nomeia Príncipe Esfarrapado deve morrer por sua infâmia, o nobre Mhorgar jura". Ben Mulato esticou a barba. "O Soprado pelo vento" está acabado, não é mesmo?", disse em um tom de suave interesse.

Tyrior gargalhou: "E trocamos Cara de Pudim pelo Conquistador Bêbado. É de se espantar que ele tenha conseguido ficar longe o bastante de sua jarra para conseguir emitir este sensível comando."

O yunkaíta olhou fixamente para o anão. "Segure sua língua, seu vermezinho" – o mensageiro replicou. "Este anão insolente é um escravo fugido", ele declarou chocado. "Ele é propriedade do nobre Yezzan zo Qaggaz, sua memória é sagrada".

"Você está equivocado, ele é meu irmão de armas. Um homem livre e um Segundo Filho. Os escravos de Yezzan usam coleiras de ouro". Ben Mulato sorriu da maneira mais amigável. "Coleiras de ouro com pequenos sinos. Você escuta algum sino aqui? Eu não escuto nenhum"

"Coleiras de Ouro podem ser removidas. Eu ordeno que o anão se entregue para que possa ser punido". "Isso parece um exagero. Jorah, o que você acha?"

"Isso". A longa espada de Jorah estava em sua mão. Quando o homem virou, Jorah a afundou em sua garganta. A ponta apareceu do outro lado do pescoço do yunkaíta, vermelha e molhada. Sangue escorria pelos seus lábios e queixo. O homem deu dois passos incertos e caiu por cima da mesa de cyvasse, espalhando espadas de madeira dos inimigos por todo o lado. Ele se contorceu mais algumas vezes engasgando com a lâmina de Mormont, a qual segurava com uma mão,

enquanto a outra arranhava debilmente a mesa. Só então o yunkaíta percebeu que havia morrido. Ele deitou a cabeça contra o tapete em uma poça de sangue e rosas negras oleosas. Sor Jorah arrancou a espada do pescoço do homem morto. Sangue corria aos montes.

O dragão branco do cyvasse acabou nos pés de Tyrion. Ele o pegou e limpou com sua manga, mas parte do sangue do yunkaíta penetrou nas linhas finas da gravura, e logo a madeira pálida parecia ter veias vermelhas. "Todos saúdem a amada rainha Daenerys." Esteja ela viva ou morta. Ele sacudiu o dragão sangrento no ar, o pegou de volta e sorriu. "Sempre fomos os homens da rainha", anunciou Ben Mulato Plumm. "Se juntar novamente à Yunkai foi apenas uma conspiração."

"E que conspiração inteligente, esta". Tyrion deu um empurrão no homem morto com sua bota. "Se esta placa peitoral me servir, eu a quero".

Mercy (completo)

Ela acordou com um suspiro, sem saber quem era, ou onde estava.

O cheiro de sangue era forte em suas narinas... ou era o pesadelo, prolongando-se? Ela tinha sonhado com lobos novamente, estava correndo em uma escura floresta de pinheiros com uma grande alcateia em seu encalço, seguindo o cheiro de uma presa.

Uma luz fraca encheu o cômodo, cinza e sombria. Tremendo, ela sentou-se na cama e passou a mão pelo couro cabeludo. O cabelo curto espetou a palma da mão. *Eu preciso raspar isso antes que Izembaro veja. Mercy, sou Mercy, e hoje à noite eu vou ser estuprada e assassinada.* Seu verdadeiro nome era Mercedene, mas só a chamavam Mercy.

Exceto em seus sonhos. Ela respirou fundo para aquietar os uivos em seu coração, tentando lembrar mais sobre o seu sonho, mas muito dele havia partido. Havia sangue, uma lua cheia e uma árvore que a vigiava enquanto corria.

Ela fechou as persianas para que o sol da manhã não pudesse acordá-la. Mas não havia sol do lado de fora da janela do quarto da pequena Mercy, apenas uma parede inquieta de névoa cinzenta. O ar estava frio... o que era bom, assim ela poderia dormir o dia inteiro. Só mesmo Mercy para dormir durante seu próprio estupro.

Arrepios cobriam suas pernas. Sua colcha tinha se torcido em torno dela como uma cobra. Ela desenrolou-a, jogou o cobertor no chão de tábuas e caminhou nua para a janela. Bravos estava perdida no nevoeiro. Ela podia ver a água verde do pequeno canal abaixo, a rua de paralelepípedos de pedra que corria debaixo de seu prédio, dois arcos da ponte musgo... mas o fim da ponte desaparecia no cinza, e nos edifícios em todo o canal apenas algumas luzes vagas permaneciam. Ela ouviu um "splash" suave quando um barco serpente surgiu sob o arco central da ponte. "Que horas são?" Mercy perguntou para o homem que estava na cauda da cobra, empurrando-a para a frente com seu remo.

O barqueiro olhou, procurando a voz. "Quatro, pelo rugido do Titã." Suas palavras ecoaram surdamente através do turbilhão de águas verdes e das paredes dos edifícios invisíveis.

Ela não estava atrasada, não ainda, mas ela não podia perder tempo. Mercy era uma alma feliz e uma trabalhadora árdua, e isso era bom de vez em quando. Não esta noite. O enviado de Westeros era esperado no Portão naquela noite, e Izembaro não estaria com humor para ouvir desculpas, mesmo que ela as servisse com um sorriso doce.

Ela encheu a bacia com a água do canal na noite anterior antes de ir dormir, preferindo a água salobra àquela água verde e viscosa da chuva que caía na cisterna dos fundos. Mergulhando um pano áspero, ela se lavou da cabeça às

canelas, equilibrando-se em uma perna de cada vez para poder esfregar os pés cheios de calos. Depois disso, achou sua navalha. Um couro cabeludo nu ajudava a peruca a se encaixar melhor, dizia Izembaro.

Ela raspou a cabeça, vestiu suas roupas de baixo e deslizou um vestido marrom de lã pela cabeça. Uma de suas meias precisava de remendo, ela percebeu enquanto a puxava para cima. Ela pediria a Cioba por ajuda; sua costura era tão miserável que a costureira frequentemente a olhava com pena. *Ou eu poderia roubar um par do armário.* Isso era arriscado, no entanto. Izembaro odiava quando os pantomimeiros usavam suas roupas nas ruas. Exceto por Wendyne. Uma chupada no pau de Izembaro e qualquer garota poderia usar a roupa que quisesse. Mercy não era tão tola. Daena a alertara. “Meninas que começam por esse caminho acabam no Navio, onde cada homem sabia que poderia ter qualquer coisinha bonita que aparecesse em cima do palco, se sua bolsa fosse gorda o suficiente.”

Suas botas eram pedaços de um velho couro marrom salpicado de manchas de sal e rachado pelo desgaste, seu cinto um pedaço de corda de cânhamo tingida de azul. Ela deu um nó na cintura, pendurou uma faca no quadril direito e uma bolsa de moedas no esquerdo. Por último, jogou um manto por cima dos ombros. Era um verdadeiro manto de pantomimeiro, lã roxa costurada em seda vermelha, com um capuz que a protegia da chuva, e também três bolsos secretos. Ela escondeu algumas moedas em um deles, uma chave de ferro em outro, uma lâmina no último. Lâmina de verdade, não uma faca de fruta como aquela que tinha no quadril. Mas aquilo não pertencia a Mercy, não mais do que os seus outros tesouros. A faca de frutas pertencia a Mercy. Ela foi feita para comer fruta, para sorrir e fazer piadas, para trabalhar duro e fazer o que lhe foi dito.

“Mercy, Mercy, Mercy,” ela cantava enquanto descia os degraus de madeira até a rua. O corrimão era escorregadio, os degraus íngremes e havia cinco andares, mas foi por isso que ela conseguiu o quarto por um preço tão barato. Por isso, e pelo sorriso de Mercy. Ela podia ser magricela e careca, mas Mercy tinha um belo sorriso e uma certa graça... Até Izembaro a achava graciosa. O Portão não estava tão longe para corvos, mas para uma garota com pés ao invés de asas, o caminho era mais longo. Bravos era uma cidade tortuosa. As ruas eram tortuosas, os becos ainda mais tortuosos, e os canais eram os mais tortuosos de todos. Na maioria dos dias ela preferia percorrer o caminho mais longo, pela Estrada de Ragman ao longo do Porto Exterior, onde ela tinha o mar em suas costas e o céu logo acima, e uma visão clara do outro lado da Lagoa Grande para o Arsenal e as colunas de pinheiros do Escudo de Sellagoro. Os marinheiros a elogiavam enquanto ela passava pelas docas, chamando-a dos conveses de baleeiros Ibbeneses e cocas barrigudas de Westeros. Nem sempre Mercy entendia suas palavras, mas sabia o que eles estavam falando. Algumas vezes ela sorria de volta e dizia que eles podiam encontrá-la no Portão se tivessem moedas

suficientes.

O longo caminho também a levaria até a Ponte dos Olhos, com suas faces esculpidas na pedra. À essa altura ela poderia olhar através dos arcos e ver toda a cidade: as cúpulas de cobre verde do Salão da Verdade, os mastros erguidos como uma floresta no Porto Lilás, as torres altas dos poderosos, o trovão dourado espiralando no topo da torre do Senhor do Mar... até os ombros de bronze do Titã, distantes, além das águas verde-escuras. Mas isso acontecia apenas quando o sol brilhava em Bravos. Se a névoa estivesse densa ela não veria nada além de cinza, então hoje Mercy escolheria o caminho mais curto, para poupar um pouco suas pobres botas velhas e rachadas.

A névoa parecia dissipar-se diante dela e fechar-se novamente quando ela passava. Os paralelepípedos estavam úmidos e escorregadios sob seus pés. Ela ouviu o miado melancólico de um gato. Bravos era uma cidade boa para os gatos, eles se esgueiravam por todos os lugares, especialmente à noite. *Na névoa todos os gatos eram cinzas*, Mercy pensou. *Na névoa todos os homens são assassinos*.

Ela nunca tinha visto uma névoa tão espessa quanto aquela. Nos canais mais largos, os barqueiros estariam passando seus barcos serpente uns pelos outros, impossibilitados de fazer mais do que ofuscar as luzes das casas que haviam de ambos os lados.

Mercy passou por um homem velho com uma lanterna caminhando para o outro lado, e invejava sua luz. A rua era tão sombria que ela mal podia ver onde pisava. Nas partes mais pobres da cidade, as casas, lojas, e armazéns lotados em conjuntos apoiavam-se uns nos outros como amantes bêbados, seus andares superiores tão próximos que você poderia passar de uma varanda para outra. As ruas abaixo eram agora túneis escuros onde cada passo seu ecoava. Os canais menores eram ainda mais perigosos, já que muitas das casas que se juntavam a eles tinham latrinas que jorravam por toda a água. Izembaro adorava falar o discurso do Senhor do Mar em A Melancolia da Filha do Mercador, que dizia “Eis aqui o último Titã, montado nos ombros de pedra de seus irmãos”, mas Mercy preferia a cena em que o gordo comerciante cagava na cabeça do Senhor do Mar enquanto ele passava em sua barca roxo-e-dourada. Apenas em Bravos algo como aquilo acontecia, era sabido, e apenas em Bravos um Senhor do Mar e um marinheiro ririam juntos ao ver isso.

O Portão ficava perto da borda da Cidade Afogada, entre o Árvore-de-Fora e o Árvore Púrpura. Um antigo armazém havia sido queimado ali e o chão afundava um pouco mais a cada ano, a terra não era boa. No topo da rocha que dava base para o armazém inundado, Izembaro construiu seu cavernoso parque. O Domo e a Lanterna Azul poderiam ter um ambiente mais majestoso, disse ele aos seus pantomimeiros, mas aqui entre as árvores nunca poderia faltar marinheiros e putas para preencher o vazio. A Navio estava ali perto, levando

uma multidão considerável para o cais onde ele havia sido amarrado por vinte anos, disse ele, e o Portão também iria florescer assim.

O tempo provou que ele estava certo. O palco do Portão havia desenvolvido uma inclinação conforme o prédio foi se estabelecendo, suas roupas estavam quase mofando, e cobras d'água aninhavam-se no porão inundado, mas nada daquilo era problema para os pantomimeiros, desde que a casa estivesse cheia.

A última ponte foi feita de corda e tábuas cruas, e parecia dissolver-se, mas era apenas por conta do nevoeiro. Mercy correu apressadamente por ela, seu salto batendo contra a madeira. O nevoeiro abriu-se diante dela como uma cortina velha, para revelar a casa de teatro. Uma luz amarelo-manteiga derramava-se pelas portas, e Mercy podia ouvir vozes. Ao lado da entrada, o Grande Brusco havia pintado algo em cima do tema do último espetáculo, e lia-se *A Mão Sangrenta* em grandes letras vermelhas. Ele estava pintando uma mão sangrenta entre as palavras, para aqueles que não podiam ler. Mercy parou para olhar. “Essa é uma ótima mão,” ela lhe disse.

“O polegar está torto.” Brusco praguejou, apontando com o pincel. “O Rei dos Pantomimeiros está procurando por você.”

“Estava escuro então eu dormi e dormi” Quando Izembaro apelidou-se pela primeira vez de 'O Rei dos Pantomimeiros', a companhia tomou-se de um prazer perverso, saboreando-se com a indignação dos seus rivais do Domo e do Lanterna Azul. Ultimamente, no entanto, Izembaro começou a levar isso a sério demais. “Ele interpretará apenas reis agora” Marro disse virando os olhos, “e se sua peça não tiver reis, ele sequer entrará no palco.”

A Mão Sangrenta tinha dois reis, o gordo e o garoto. Izembaro interpretaria o gordo. Não era um grande papel, mas ele tinha um ótimo discurso enquanto morria, e uma luta esplêndida com um javali demoníaco antes disso. Phario Forel havia escrito, e ele tinha a pena mais sangrenta de toda Bravos.

Mercy encontrou a companhia reunida atrás do palco, se escondeu atrás de Daena e de Cioba, esperando que seu atraso não fosse notado. Izembaro estava dizendo que esperava que o Portão ficasse lotado até o teto naquela noite, apesar da névoa. “O Rei de Westeros enviou alguém para trazer uma homenagem ao Rei dos pantomimeiros esta noite” ele contou a trupe. “Nós não desapontaremos nosso amigo monarca.”

“Nós?” disse Cioba, que fez todo o figurino dos pantomimeiros. “Há mais do que um rei, agora?”

“Ele é gordo o bastante para valer por dois,” sussurrou Bobono. Cada trupe de pantomimeiros tinha de ter um anão. Ele era o deles. Quando viu Mercy, lhe deu um olhar torto. “Oho,” ele disse, “aí está ela. A garotinha está pronta para o seu estupro?” e torceu os lábios.

Cioba o estapeou na cabeça. “Fique quieto.”

O Rei dos Saltimbancos ignorou a breve comoção. Ele ainda estava falando,

dizendo aos pantomimeiros como eles deveriam ser esplêndidos. Além do enviado de Westeros, haveria um supervisor no meio da multidão esta noite, e cortesãs famosas também. Ele não tinha a intenção de que o público saísse com uma má impressão do Portão. "As coisas ficarão ruins para qualquer homem que falhar comigo", ele prometeu, uma ameaça que ele emprestou do discurso que Príncipe Garin deu na véspera da batalha em A Ira dos Senhores Dragões, primeira peça de Phario Forel.

Quando Izembaro finalmente terminou seu discurso, faltava menos de uma hora para o show começar, e os pantomimeiros começaram a ficar frenéticos e inquietos, um por um. O Portão abriu ao som do nome de Mercy.

"Mercy," sua amiga Daena implorava, "Lady Stork pisou na bainha de seu vestido de novo. Venha me ajudar a costurá-lo."

"Mercy," o Estranho chamou, "traga-me a pasta sangrenta, meu chifre está se soltando."

"Mercy," trovejou Izembaro o Grande, "o que você fez com a minha coroa, garota? Não posso fazer minha entrada sem minha coroa. Como saberão que eu sou o rei?"

"Mercy," guinchou o anão Bobono, "Mercy, algo está errado com os meus cordões, meu pau fica caindo para fora."

Ela pegou a pasta pegajosa e prendeu o chifre esquerdo do Estranho de volta na testa. Encontrou a coroa de Izembaro na latrina onde ele a deixou e ajudou-o a fixá-la na sua peruca, e, em seguida, correu para pegar agulha e linha para que Cioba pudesse costurar a bainha da renda de volta no vestido de pano-de-ouro que a rainha usaria na cena do casamento.

E o pau de Bobono de fato estava escorregando. Foi feito assim, para o estupro. Que coisa horrorosa, pensava Mercy enquanto ajoelhava-se em frente ao anão para consertá-lo. O pau tinha o tamanho de um pé e era grosso como seu braço, grande o bastante para ser visto do mais alto nível. O tintureiro havia feito um péssimo trabalho com o couro, o negócio era uma mancha rosa e branca, com uma cabeça bulbosa da cor de uma ameixa. Mercy colocou de volta na traseira de Bobono e o prendeu. "Mercy," ele cantou enquanto ela o amarrava, "Mercy, Mercy, venha ao meu quarto esta noite e me faça homem."

"Te farei um eunuco se não parar de se mexer só para que eu toque sua virilha". "Fomos feitos para ficarmos juntos, Mercy," Bobono insistiu. "Veja, temos a mesma altura."

"Somente quando estou de joelhos. Lembra-se da sua primeira fala?" Havia apenas uma quinzena desde que o anão cambaleou até o palco com seus copos e abriu *A Angústia do Arconte* com o discurso do gramequim de *A Senhora de Luxo do Mercador*. Izembaro o esfolaria vivo se fizesse isso de novo, e não se importaria com o fato do quão difícil se é achar um bom anão.

"O que interpretaremos hoje, Mercy?" Bobono perguntou inconscientemente.

Está brincando comigo, Mercy pensou. Ele não está bêbado hoje, conhece a peça perfeitamente bem. “Faremos *A Mão Sangrenta de Phario*, em honra do enviado dos Sete Reinos.”

“Agora me lembro.” Bobono baixou sua voz para um coxo sombrio. “O Deus das Sete Faces me enganou,” ele disse. “Meu nobre pai fez-me em puro ouro, e de ouro fez meus irmãos, menino e menina. Mas sou feito de um material mais escuro, de ossos, sangue e barro, torcido nessa rude forma que vê diante de seus olhos.” Com isso, ele agarrou em seu peito, procurando por um mamilo. “Você não tem peitos. Como posso estuprar uma menina sem peitos?”

Ela pegou o nariz dele entre o polegar e o indicador e o torceu. “Você ficará sem nariz até tirar as mãos de mim.”

“Owwwww,” o anão gritou, soltando-a.

“Meus peitos crescerão em um ano, ou dois” Mercy levantou, era uma torre sobre o anãozinho. “Mas você jamais crescerá um nariz sequer. Pense nisso antes de me tocar”

Bobono esfregou o nariz. “Não há motivo para ficar tão tímida. Te estuprarei em breve.”

“Não antes do segundo ato.”

“Eu sempre dou um bom apertão nas tetas da Wendeyne quando a estupro em A Angústia do Arconte,” o anão reclamou. “Ela gosta, e a plateia também. Você precisa agradar a plateia.”

Essa era uma das “sabedorias” de Izembaro, ou assim gostava de chamar. Você precisa agradar a plateia. “Aposto que eu agradaria a plateia se arrancasse o pau do anão e desse com ele em sua cabeça,” Mercy respondeu. “Isso é algo que eles jamais viram antes.” Dar sempre a eles algo que não viram antes era outra “sabedoria” de Izembaro, e Bobono não tinha resposta para esta. “Está pronto” Mercy anunciou. “Agora veja se consegue manter suas calças no lugar até que seja necessário.”

Izembaro chamava por ela de novo. Agora ele não conseguia encontrar sua lança de javali. Mercy a encontrou para ele, ajudou Grande Brusco a vestir sua roupa de javali, conferiu as adagas para ter certeza de que alguém não as teria trocado por adagas de verdade (alguém fez isso no Domo uma vez, e um pantomimeiro morreu), e serviu a Lady Stork o pouquinho de vinho que ela gostava de beber antes de cada apresentação. Quando todo o chororô por “Mercy, Mercy, Mercy” finalmente morreu, ela tirou um momento para dar uma espiada na casa.

A plateia estava mais cheia do que já tinha visto, e eles já estavam se divertindo, brincando e brigando, comendo e bebendo. Ela viu um mendigo vendendo pedaços de queijo, rasgando-os com os dedos quando achava um comprador. Uma mulher tinha um saco de maçãs enrugadas. Odres de vinho eram passados de mão em mão, algumas meninas estavam vendendo beijos, e

um marinheiro tocava seu apito. Um homem com o olhar triste chamado Quill encarava ao fundo; veio ver o que poderia roubar para suas próprias apresentações. Cossomo o Conjurador também estava lá, e em seus braços estava Yna, a puta-de-um-olho de Porto Feliz, mas Mercy não poderia reconhecê-los, e eles não poderiam reconhecer Mercy. Daena reconheceu gente que já frequentava o Portão na plateia, e os apontou para ela; o tintureiro Dellono com seu rosto manchado de branco e suas mãos roxas mosqueadas, Galeo fazedor-de-salsichas em seu gorduroso avental de couro, o alto Tomarro com seu rato de estimação no ombro. “É melhor Tomarro não deixar que Galeo veja o rato,” Daena alertou. “Ouvi que essa é a única carne que ele usa nas salsichas.” Mercy cobriu a boca para rir.

Os terraços também estavam enchendo-se. O primeiro e terceiro nível eram para mercadores e capitães e outras pessoas de respeito. Os bravosi preferiam do quarto nível para cima, onde os assentos eram mais baratos. Havia uma profusão de cores brilhantes na parte de cima, enquanto na parte de baixo predominava sombras e tons escuros. O segundo terraço foi reservado para camarotes privados onde os poderosos pudessem se acomodar com mais privacidade e conforto, seguramente longe da vulgaridade que viam na parte de cima e de baixo. Eles tinham a melhor vista do palco, os serventes lhe traziam comida, vinho, almofadas, tudo o que desejassem. Era raro encontrar o segundo terraço muito cheio; já que os poderosos que apreciavam as noites de pantomima estavam mais inclinados a visitar o Domo ou o Lanterna Azul, onde a oferta era considerada mais sutil e poética.

Aquela noite estava diferente, no entanto, sem dúvida por conta do enviado de Westeros. Em um camarote sentaram-se três descendentes de Otharys, cada um acompanhado por uma cortesã famosa; Prestayn sentou sozinho, um homem tão ancião que você se perguntaria como foi que ele conseguiu alcançar o assento; Torone e Pranelis dividiam um camarote, como se compartilhassem de uma desconfortável aliança; o Terceira Espada recebia doze amigos.

“Eu conto cinco supervisores” disse Daena.

“Bessaro é tão gordo que terá que contá-lo duas vezes,” Mercy respondeu, dando risadinhas. Izembaro tinha sua barriga, mas comparado a Bessaro, ele era esbelto como um salgueiro. O supervisor era tão grande que precisou de um assento especial, três vezes o tamanho de uma cadeira normal.

“São todos gordos, esses Reyaans,” Daena disse. “Barrigas tão grandes quanto seus navios. Você deveria ver o pai deles. Ele faz o navio dele parecer pequeno. Uma vez ele foi convocado para o *Salão da Verdade* para votar, mas quando ele entrou no seu barco, o barco afundou.” Ela apertou Mercy no cotovelo “Olhe, o camarote do Senhor do Mar.” O Senhor do Mar jamais havia visitado o Portão, mas Izembaro reservou um camarote para ele mesmo assim, o maior e mais luxuoso da casa. “Este deve ser o enviado de Westeros. Já viu tais roupas vestindo

um homem velho? E olhe, ele trouxe a Pérola Negra!”

O enviado era franzino e careca, com uma engraçada linha fina de barba crescendo em seu queixo. Sua capa era de veludo amarelo, suas calças também. Seu gibão era de um azul tão brilhante que quase vez os olhos de Mercy lacrimejarem. Em seu peito um escudo havia sido bordado em linhas amarelas, e tinha um orgulhoso galo lápis-lazúli desenhado. Um de seus guardas o ajudou a sentar-se, enquanto outros dois ficaram em pé na parte de trás do camarote.

A mulher que o acompanhava não deveria ter mais que um terço da sua idade. Era tão adorável que as lâmpadas pareciam brilhar mais enquanto ela passava. Vestia um traje decotado de uma seda amarelo-clara, brilhando contra sua pele marrom. Seu cabelo preto era preso em uma rede de fios de ouro, e um colar dourado roçava em seus seios nus. Enquanto observavam, ela inclinou-se para o enviado e sussurrou algo em seu ouvido que o fez rir. "Eles deveriam chamá-la de a Pérola Marrom", disse Mercy para Daena. "Ela é mais marrom do que negra."

"A primeira Pérola Negra era tão negra quanto um pote de tinta" disse Daena. "Ela era uma rainha pirata, filha de um filho de Senhor do Mar com uma princesa das Ilhas de Verão. Um rei Dragão de Westeros a tomou como sua amante."

"Eu gostaria de ver um dragão" Mercy disse melancolicamente. "Por que o enviado tem uma galinha no peito?"

Daena gemeu. "Mercy, você não sabe nada? É o seu símbolo. Nos Reinos do Pôr-do-Sol todos os senhores têm símbolos. Alguns têm flores, alguns têm peixes, alguns têm ursos e alces e outras coisas. Veja, os guardas do enviado usam leões."

Era verdade. Eram quatro guardas; grandes, homens mal-encarados em cota de malha, com pesadas espadas westerosis acopladas em seus quadris. Seus mantos carmesins foram feitos com espirais de ouro, e leões de ouro com pedras vermelhas nos olhos apertavam suas capas no ombro. Quando Mercy olhou para os rostos sob o a cor dourada e elmos com um leão encrustado, sua barriga revirou-se. Os deuses me deram um presente. Seus dedos agarraram-se fortemente ao braço de Daena. "Aquele guarda. Aquele último, atrás de Pérola Negra."

"O que tem ele? Você o conhece?"

"Não." Mercy foi nascida e criada em Bravos, como poderia conhecer algum Westerosi? Teve que pensar por um momento. "Apenas que... bem, é um bom homem de se olhar, não acha?" Ele era, de um modo tosco, mas seu olhar era duro.

Daena deu de ombros. "Ele é muito velho. Não tão velho quanto os outros, mas... ele pode ter trinta anos. E é Westerosi. São selvagens terríveis, Mercy. Melhor manter distância desse tipo."

“Manter distância?” Mercy riu. Um tipo de garota que ria muito, essa era Mercy. “Não. Tenho que me aproximar.” Deu um apertão em Daena e disse, “Se Cioba vier me procurar, diga que saí para memorizar minhas falas de novo.” Ela tinha poucas, e a maior parte era, “Oh, não, não, não, não” e “Pare, pare, pare, não me toque” e “Por favor, meu senhor, ainda sou uma donzela” mas era a primeira vez que Izembaro lhe havia dado falas de qualquer modo, então era esperado que a pobre Mercy quisesse dizê-las corretamente.

O enviado dos Sete Reinos havia mantido dois de seus guardas atrás dele e de Pérola Negra, mas os outros dois foram posicionados do lado de fora da porta do camarote para que tivessem certeza de que não seriam incomodados. Falavam baixo na Língua Comum de Westeros enquanto ela deslizou por trás deles na entrada mais escura. Aquela não era uma língua que Mercy conhecia.

“Sete infernos, esse lugar é úmido” ela ouviu o guarda reclamar. “Estou gelado até os ossos. Onde estão as malditas laranjeiras? Sempre ouvi falar das laranjeiras nas Cidades Livres. Limões e limas. Romãs. Pimentas fortes, noites quentes, garotas com os ventres nus. Onde estão as garotas com os ventres nus, eu te pergunto?”

“Estão em Lys, e Myr, e na Velha Volantis,” o outro guarda respondeu. Era um homem mais velho, barrigudo e grisalho. “Fui a Lys com Lorde Tywin uma vez, quando ele era Mão de Aerys. Bravos fica ao norte de Porto Real, tolo. Não consegue ler um maldito mapa?”

“Quanto tempo acha que ficaremos aqui?”

“Mais tempo do que você gostaria,” o velho respondeu. “Se ele voltar sem o ouro, a rainha terá sua cabeça. Além disso, conheço aquela esposa dele. Há degraus em Rochedo Casterly que ela não desce com medo de ficar presa, de tão gorda que é. Porque voltaria para aquilo, agora que ele tem sua rainha fuligem?”

O guarda bonito sorriu. “Não acha que ele a dividirá conosco, depois?”

“O que, está louco? Acha que ele percebe o que queremos? O maldito mal sabe dizer nossos nomes na metade do tempo. Talvez fosse diferente com Clegane.”

“O Sor não tinha uma queda por espetáculos de pantomimeiros e putas chiques. Quando o Sor queria uma mulher ele pegava uma, mas às vezes nos deixava tê-la, depois. Não me importaria em experimentar a Pérola Negra. Acha que ela é rosa entre suas pernas?”

Mercy queria ouvir mais, mas não havia tempo. A Mão Sangrenta estava prestes a começar, e a Cioba procuraria por ela para que ajudasse com o figurino. Izembaro podia ser o Rei dos Pantomimeiros, mas a Cioba era a quem todos temiam. Haveria tempo o bastante para seus guardas mais tarde.

A Mão Sangrenta começou em um cemitério.

Quando o anão surgiu de repente de trás de uma lápide de madeira, a plateia

começou a assoviar e amaldiçoá-lo. Bobono gingou para frente do palco e olhou de soslaio para eles. “O Deus das Sete Faces me enganou,” começou, falando ríspidamente. “Meu nobre pai fez-me em puro ouro, e com ouro fez também meus irmãos, menino e menina. Mas sou feito de um material mais escuro, de ossos, sangue e barro...”

Mas então Marro surge atrás dele, magro e terrível, nas longas vestes do Estranho. Sua face também era negra, seus dedos vermelhos brilhavam com sangue, enquanto chifres de marfim projetavam-se de sua testa. Bobono não podia vê-lo, mas quem estava na sacada podia, e agora o público geral também. O Portão crescia em um silêncio mudo. Marro moveu-se silenciosamente.

E Mercy fez o mesmo. As roupas estavam todas penduradas, e Cioba estava ocupada costurando Daena em suas vestes para a cena do tribunal, assim a ausência de Mercy não seria notada. Silenciosa como uma sombra, ela escorregou para os fundos de novo, subindo para onde os homens da guarda estavam ao lado da porta do camarote. Parada na alcova escurecida, imóvel como uma pedra, ela deu uma boa olhada em seu rosto. O estudou cuidadosamente, para ter certeza. Sou muito nova para ele? perguntou-se. Reta demais? Magra demais? Ela esperou que ele não fosse o tipo de homem que gostava de garotas com seios grandes. Bobono estava certo sobre seu peito. Seria bom se eu pudesse levá-lo para meus aposentos, tê-lo só para mim. Mas ele virá comigo?

“Você acha que pode ser ele?” o homem bonito dizia.

“O quê? Os Outros levaram seu juízo?”

“Por que não? Ele é um anão, não é?”

“O Duende não era o único anão no mundo.”

“Talvez não, mas olhe aqui, todos falam sobre como ele era inteligente, certo? Então talvez ele pense que o último lugar que sua irmã o procuraria seria em um show de pantomimeiros fazendo-se de bobo. Então ele faz isso mesmo, para confundir-la.”

“Ah, está louco.”

“Bem, talvez eu o siga depois do espetáculo. E descubro sozinho.” O guarda colocou a mão no cabo da espada. “Se eu estiver certo serei um senhor, e se eu estiver errado, bem, que sangue, ele é só um anão.” Deu uma gargalhada.

No palco, Bobono estava bargainando com o Estranho sinistro de Marro. Ele tinha uma voz potente para um homem pequeno, e fazia vibrar as mais altas vigas agora. “Me dê o copo,” ele dizia ao Estranho, “para que eu beba profundamente. Se tiver gosto de ouro e sangue de leão, melhor ainda. Como não posso ser o herói, deixe-me ser o monstro, para ensinar-lhes medo ao invés de amor.”

Mercy balbuciou as últimas palavras junto dele. Eram falas melhores do que as dela, e inteligentes. Ele vai me querer ou não vai, ela pensou, então que a peça

comece. Ela fez uma oração silenciosa ao Deus das Muitas Faces, saiu da alcova e, sacudiu um dos guardas. Mercy, Mercy, Mercy. “Meus senhores” ela disse, “falam Bravosi? Oh, por favor, digam-me que sim.”

Os dois guardas trocaram um olhar. “Mas o que é isso?” o mais velho perguntou. “Quem é ela?”

“Um dos pantomimeiros” disse o bonito. Ele tirou o cabelo da testa e sorriu para ela. “Desculpe, docinho, não falamos essa sua linguinha.”

Barulho e penas, Mercy pensou, eles sabem apenas a língua comum. Isso não era bom. Desistir ou continuar. Ela não podia desistir. Ela o queria tanto. “Conheço sua língua, um pouco,” mentiu, com o sorriso mais doce de Mercy. “Vocês são lordes de Westeros, meu amigo disse.”

O velho riu. “Lordes? Aye, nós somos.”

Mercy olhou para os próprios pés, tão tímida. “Izembaro disse para eu agradar os lordes,” ela sussurrou. “Se houver algo que queiram, qualquer coisa mesmo...”

Os dois guardas trocaram um olhar. Então o bonito alcançou e tocou seus seios. “Qualquer coisa?”

“Você é nojento” disse o velho.

“Por quê? Se esse Izembaro quer ser hospitaleiro, seria rude recusar.” Ele torceu seu mamilo pelo tecido do vestido, do mesmo jeito que o anão havia feito enquanto ela ajeitava seu pau para ele. “Pantomimeiras são a melhor coisa depois das putas.”

“Pode ser, mas esta é uma criança.”

“Não sou,” mentiu Mercy. “Sou uma donzela agora.”

“Não por muito tempo,” disse o gracioso. “Sou o Lorde Rafford, docinho, e sei exatamente o que quero. Levante essa saia agora, e vire-se contra a parede.”

“Não aqui,” Mercy disse, afastando as mãos dele. “Não onde acontece a peça. Posso acabar chorando, e Izembaro ficaria bravo.”

“Onde, então?”

“Conheço um lugar”.

O guarda mais velho estava carrancudo. “O quê, você acha que pode simplesmente cair fora? E se o senhor vier procurar por você?”

“Por que o faria? Ele tem um show para assistir. Ele tem sua própria puta, por que não posso ter a minha? Isso não levará muito tempo.”

Não, ela pensou, não levará. Mercy o pegou pela mão, o levou escada a baixo e para fora na noite nebulosa. “Poderia ser um pantomimeiro, se quisesse,” disse a ele, enquanto ele a apertava contra a parede do teatro.

“Eu?” O guarda bufou. “Eu não, garota. Todo esse maldito falatório, não me lembraria nem da metade.”

“É difícil no começo,” ela admitiu. “Mas depois de um tempo fica fácil. Eu poderia te ensinar uma fala. Eu poderia.”

Ele agarrou seu pulso. “Sou eu quem ensina. Hora da sua primeira lição.” Ele puxou-a com força contra ele e beijou-a nos lábios, forçando a língua em sua boca. Foi molhado e viscoso, como uma enguia. Mercy lambeu-o com sua própria língua, e em seguida o repeliu, sem fôlego. “Aqui não. Alguém pode ver. Meu quarto não é muito longe, mas apresse-se. Eu tenho que estar de volta antes do segundo ato, ou vou perder meu estupro.”

Ele sorriu. “Tenha medo não, menina.” Mas ele deixou que ela o puxasse para segui-la. De mãos dadas, eles corriam pela névoa, sobre pontes e através de becos, até subirem cinco lances de escadas de madeira lascadas. O guarda estava ofegante no momento em que irrompeu pela porta de seu pequeno quarto. Mercy acendeu uma vela de sebo, então dançou para ele, rindo. “Ah, agora está tão cansado. Esqueci-me que era velho, senhor. Você quer tirar um cochilo? Deite-se e feche os olhos, e eu voltarei depois de o anão me ter estuprado”.

“Não irá a lugar nenhum.” Ele a puxou para si, bruscamente. “Tire esses trapos, e eu te mostrarei como sou velho, garota.”

“Mercy,” ela disse. “Meu nome é Mercy. Pode dizer?”

“Mercy,” ele disse. “Meu nome é Raff.”

“Eu sei” Ela escorregou as mãos entre suas pernas, e sentiu o quanto estava duro por cima de suas calças.

“O cordão,” ele a apressou. “Seja uma doce garota e desenlace-o.” Em vez disso, ela deslizou seu dedo ao longo do interior de sua coxa. Ele deu um grunhido. “Caramba, seja cuidadosa aí, sua — “

Mercy deu um sobressalto e se afastou, o rosto confuso e assustado. “Você está sangrando.”

“O q... ” Ele se olhou em baixo. “Deuses sejam bons. O que fez comigo, vadiazinha?” A mancha vermelha se espalhava por sua coxa, ensopando o tecido pesado.

“Nada,” Mercy chiou. “Eu nunca... oh, oh, nunca vi tanto sangue. Pare, pare está me assustando”

Ele balançou a cabeça, com uma expressão atordoada no rosto. Quando apertou a mão na coxa, o sangue esguichou por entre os dedos. Foi descendo para sua perna, e em sua bota. Ele não parece tão gracioso agora, pensou. Ele apenas parece branco e assustado.

“Uma toalha,” o guarda guinchou. “Traga-me uma toalha, um pano, e pressione. Deuses. Sinto-me tonto.” Estava encharcado com o sangue da coxa para baixo. Quando ele tentou colocar o seu peso nas pernas, os joelhos se dobraram e ele caiu. “Ajude-me”, suplicou, com a virilha avermelhada. “Que a Mãe, tenha misericórdia garota. Um curandeiro ... corra e me encontre um curandeiro, rápido.”

“Há um no próximo canal, mas ele não virá até aqui. Você terá que ir até ele. Você consegue andar?”

"Andar?" Seus dedos estavam escorregadios de sangue. "É cega, menina? Estou sangrando como um porco. Eu não posso andar assim. "

"Bem," ela disse, "Não sei como chegará até lá, então."

"Precisa me carregar."

Vê?; pensou Mercy. Você sabe a sua fala e eu sei a minha.

"Preciso?" perguntou Arya, docemente.

Raff, o Querido ergueu os olhos rapidamente enquanto uma longa e fina lâmina deslizava de sua manga. Ela a colocou em sua garganta abaixo do queixo, torceu, e rasgou para o lado com um único movimento. Uma fina chuva vermelha seguiu-se, e a luz de seus olhos apagou-se.

"Valar morghulis," Arya sussurrou, mas Raff estava morto e não ouvia. Ela fungou. "Deveria tê-lo ajudado a descer as escadas antes de matá-lo. Agora precisarei arrastá-lo até o canal e empurrá-lo." *As enguias fariam o resto.*

"Mercy, Mercy, Mercy," ela cantou tristemente. Ela era uma garota tola, mas com um bom coração. Arya sentiria sua falta, e a falta de Daena e de Cioba e dos outros, até Izembaro e Bobono. Isso traria problemas para o Senhor do Mar e o enviado com a galinha no peito, ela não duvidava.

Pensaria nisso mais tarde, então. Agora não havia tempo. Preciso correr. Mercy ainda tem falas a dizer, as primeiras e últimas, e Izembaro teria sua bela cabecinha vazia se ela se atrasasse para seu próprio estupro.

Alayne I (completo)

Ela lia para seu pequeno senhor a lenda do Cavaleiro Alado quando Mya Stone veio bater na porta de seu quarto, vestida com botas e couros de montaria, cheirando fortemente a estábulo. Mya tinha palha em seu cabelo e uma careta na face. *A careta é por ter Mychel Redfort por perto, Alayne sabia.*

“Vossa Senhoria”, Mya informava Lorde Robert, “Os estandartes da Senhora Waynwood foram vistos há uma hora na estrada. Ela estará aqui em breve, com seu primo Harry. Vai querer cumprimentá-los?”

Por que ela tinha de mencionar Harry? Alayne pensou. *Agora nunca conseguiremos tirar Doce Robin da cama.* O garoto estapeou um travesseiro. “Mande-os embora. Não os chamei aqui.”

Mya pareceu desconcertada. Ninguém no Vale era melhor em lidar com uma mula como ela, mas fidalgos era outra questão. “Eles foram convidados”, disse ela, hesitante, “para o torneio. Eu não ...”

Alayne fechou o livro. “Obrigada, Mya. Deixe-me falar com Lorde Robert, por favor.” Com o semblante aliviado, Mya saiu sem dizer outra palavra.

“Odeio aquele Harry,” Doce Robin disse quando ela saiu. “Ele me chama de primo, mas está só esperando que eu morra para que tome conta do Ninho da Águia. Ele pensa que não sei, mas sei.”

“Vossa Senhoria não deve acreditar em tal absurdo”, disse Alayne. “Tenho certeza de que Sor Harrold o ama.” *E se os deuses forem bons, ele vai me amar também.* Seu estômago se agitou. “Ele não ama” Lorde Robert insistiu. “Ele quer o castelo de meu pai, isso é tudo, então ele finge.” O menino apertou o cobertor contra o peito espinhento. “Não quero que se case com ele, Alayne. Sou o Senhor do Ninho da Águia, e a proíbo.” Ele soou como se estivesse prestes a chorar. “Você deveria se casar comigo ao invés disso. Poderíamos dormir na mesma cama todas as noites, e você poderia me ler histórias”.

Nenhum homem pode se casar comigo enquanto meu marido não ainda viver em algum lugar deste mundo. A Rainha Cersei recolhera doze cabeças de anões, Petyr dissera, mas nenhuma era a de Tyrion. “Doce Robin, não deve dizer tais coisas. Você é o Senhor do Ninho da Águia e Protetor do Vale, e deve se casar com uma donzela de alto nascimento e ser pai de um filho que se sente no Alto Salão da Casa Arryn quando você partir.”

Robert limpou o nariz. “Mas eu quero —” Ela colocou um dedo sobre os lábios dele. “Eu sei o que você quer, mas não pode ser assim. Não sou uma esposa adequada para você. Sou bastarda.” “Não me importo. Eu te amo mais do que qualquer um.”

Você é tão tolinho. “Seus senhores vassalos se importarão. Alguns chamam o

meu pai de arrivista e ambicioso. Se você me fizesse esposa, eles diriam que ele te obrigou a fazer isso, que não seria sua vontade. Os Senhores Declarantes podem levantar armas contra ele mais uma vez, e ele e eu seríamos ambos condenados à morte.”

“Eu não iria deixar que a machucassem!” disse Lorde Robert. “Se eles tentarem, faço-os voar.” Sua mão começou a tremer. Alayne acariciou seus dedos. “Isso, meu Doce Robin, fique quieto agora.” Quando o tremor passou, ela disse: “Você deve ter uma esposa adequada, uma donzela legítima de nascimento nobre.”

“Não. Quero me casar com você, Alayne.”

Certa vez, a senhora sua mãe pretendeu a mesma coisa, mas eu era uma filha legítima, e nobre. “Meu senhor é gentil em dizê-lo.” Alayne alisou seu cabelo. A Senhora Lysa nunca havia deixado os servos o tocarem, e depois que morreu, Robert sofria terríveis crises de tremores sempre que alguém chegava perto dele com uma lâmina, de modo que tinha sido permitido crescer até cair sobre os ombros e passar metade de seu flácido peito branco. *Ele tem um cabelo bonito. Se os deuses forem bons e ele viver tempo suficiente para se casar, sua esposa irá admirar o cabelo dele, com certeza. Nisso ela irá amá-lo.* “Qualquer filho nosso seria ilegítimo. Apenas uma criança legítima da Casa Arryn poderia substituir Sor Harrold como seu herdeiro. Meu pai vai encontrar uma esposa adequada para você, uma garota bem-nascida muito mais bonita do que eu. Vocês caçarão juntos, e ela irá lhe dar seu favor para usar em torneios. Em pouco tempo, você terá me esquecido por completo.”

“Não terei!”

“Você terá. Você deve.” Sua voz era firme, mas suave. “O Senhor do Ninho da Águia pode fazer o que quiser. Ainda poderei te amar, mesmo se eu tiver que me casar com ela? Sor Harrold tem uma mulher comum. Benjicot diz que ela carrega seu filho bastardo.” *Benjicot deveria aprender a manter sua boca fechada.* “É isso que você teria de mim? Um bastardo?” Ela puxou os dedos de sua mão. “Você me desonraria dessa maneira?”

O menino pareceu chocado. “Não. Eu nunca quis — ”

Alayne se levantou. “Se for do agrado de meu senhor, devo ir encontrar meu pai. Alguém precisa saudar a Senhora Waynwood.” Antes de seu pequeno senhor conseguir encontrar as palavras para protestar, ela lhe ofereceu uma rápida reverência e fugiu do quarto, escorregando pelo corredor e correndo através de uma ponte em direção aos aposentos do Senhor Protetor.

Quando ela deixou Petyr Baelish naquela manhã ele quebrava o jejum com o velho Oswell, que chegara na noite passada de Vila Gaivota em um cavalo suado. Ela esperava que eles ainda pudessem estar conversando, mas o solar de Petyr se mostrou vazio. Alguém havia deixado uma janela aberta e uma pilha de papéis se espalhou pelo chão. O sol se projetava através das grossas janelas

amarelas, e grãos de poeira dançavam à luz como pequenos insetos dourados. Apesar da neve ter coberto tudo na altura da Lança do Gigante, abaixo da montanha o outono se demorava e o trigo de inverno começava a amadurecer nos campos. Do lado de fora da janela, ela podia ouvir o riso das lavadeiras no poço e o barulho de aço sobre aço na ala onde os cavaleiros treinavam. *Bons sons.*

Alayne amava esse lugar. Sentia-se viva novamente, pela primeira vez desde que seu pai ... desde que Lorde Eddard Stark havia morrido.

Ela fechou a janela, juntou os papéis caídos, e os colocou sobre a mesa. Um deles era uma lista dos concorrentes. Sessenta e quatro cavaleiros haviam sido convidados a disputar lugares entre os membros da nova Irmandade dos Cavaleiros Alados de Robert Arryn, e sessenta e quatro cavaleiros vieram disputar o direito de usar as asas da águia em seus elmos e proteger seu senhor.

Os competidores vieram de todo o Vale, desde os vales das montanhas e da costa, de Vila Gaivota e do Portão Sangrento, e até mesmo das Três Irmãs. Embora alguns tivessem sido prometidos, apenas três eram casados; os oito vencedores deveriam passar os próximos três anos ao lado de Lorde Robert, como sua guarda pessoal (Alayne havia sugerido sete, como a Guarda Real, mas Doce Robin havia insistido que ele deveria ter mais cavaleiros do que o Rei Tommen), então homens mais velhos com esposas e filhos não haviam sido convidados.

E eles vieram, Alayne pensou com orgulho. *Todos eles vieram.*

Aconteceu exatamente como Petyr previra, no dia em que os corvos voaram. “Eles são jovens, ansiosos, com fome de aventura e renome. Lysa não os deixaria ir para a guerra. Essa era a segunda melhor coisa depois disso. A oportunidade de servir a seu senhor e provar sua valentia. Eles virão. Mesmo Harry o Herdeiro.” Ele alisara seu cabelo e beijara sua testa. “Que filha inteligente você é.”

Aquilo era mesmo inteligente. O torneio, os prêmios, os cavaleiros alados, tudo havia sido ideia sua. A mãe de Lorde Robert o havia enchido de medos, mas ele sempre ganhava coragem com os contos que ela lia para ele sobre Sor Artys Arryn, o Cavaleiro Alado das lendas, fundador de sua linhagem. *Por que não cercá-lo de Cavaleiros Alados?* Certa noite, depois de Doce Robin adormecer, ela teve a ideia. *Sua própria Guarda Real, para mantê-lo seguro e fazê-lo corajoso.* E assim que ela contou a Petyr sua ideia, ele fez acontecer. *Ele vai querer estar lá para cumprimentar Sor Harrold. Onde poderia ter ido?*

Alayne desceu a escada da torre para entrar na galeria de pilares na parte de trás do Alto Salão. No andar de baixo, empregados montavam mesas de armar para o banquete da noite, enquanto suas esposas e filhas varriam os velhos juncos e espalhavam novos. Lorde Nestor estava mostrando para Senhora Waxley suas premiadas tapeçarias, com cenas de caça e perseguição. Os mesmos painéis

estiveram pendurados na Fortaleza Vermelha de Porto Real, quando Robert sentava no Trono de Ferro. Joffrey os removera, e eles estavam definhando em algum porão até que Petyr Baelish providenciou que fossem trazidos para o Vale como um presente para Nestor Royce. Não só eram peças belas, como faziam o Alto Intendente satisfeito em dizer para quem quisesse ouvir que haviam pertencido a um rei.

Petyr não estava no Alto Salão. Alayne cruzou a galeria e desceu a escada construída na grossa parede oeste, para sair na ala interior, onde a justa seria realizada. Arquibancadas haviam sido levantadas para todos aqueles que vieram assistir, com quatro longas barreiras de torneio ao meio. Homens de Lorde Nestor estavam pintando as barreiras com cal, drapejando as bancadas com estandartes brilhantes, e pendurando escudos no portão por onde os concorrentes passariam quando fizessem sua entrada.

Ao norte do pátio, três estafermos haviam sido montados, e alguns dos concorrentes cavalgavam em direção a eles. Alayne os conheceu por seus escudos; os sinos de Belmore, as víboras verdes dos Lynderlys, a carroça vermelha de Breakstone, os dentes pretos e cinzas da Casa Tollett. Sor Mychel Redfort deixou um dos estafermos girando com um golpe preciso. Ele era um dos favoritos a ganhar as asas.

Petyr não estava nos estafermos, nem em nenhum lugar do pátio, mas quando ela se virou para sair uma voz de mulher chamou. “Alayne!”, gritou Myranda Royce, de um banco de pedra esculpida embaixo de uma faia, onde ela estava sentada entre dois homens. Ela parecia precisar ser resgatada. Sorrindo, Alayne caminhou em direção a amiga.

Myranda usava um vestido de lã cinza, uma capa com capuz verde, e um olhar um tanto desesperado. Em cada um de seus lados sentava um cavaleiro. O da sua direita tinha uma barba grisalha, uma cabeça careca, e uma barriga que transbordava do cinto da espada até onde deveria ser seu colo. O da sua esquerda não tinha mais que dezoito anos, e era magro como uma lança. Seus bigodes cor de gengibre serviam apenas parcialmente para disfarçar as raivosas espinhas vermelhas que pontilhavam seu rosto.

O cavaleiro careca usava um sobretudo azul escuro estampado com um enorme par de lábios rosados. O espinha-de-gengibre tinha nove gaivotas brancas em um campo castanho, o que o indicava como um Shett de Vila Gaivota. Ele estava olhando tão atentamente para os seios de Myranda que quase não notou que Alayne chegara até que Myranda se levantasse para abraçá-la. “Obrigada, obrigada, obrigada” Randa sussurrou em seu ouvido, antes de se virar para dizer: “Sores, posso lhes apresentar a Senhora Alayne Stone?”

“A filha do Senhor Protetor”, o cavaleiro careca anunciou, cheio de galanteria calorosa. Ele se levantou pesadamente. “E tão linda quanto o que contam sobre ela, vejo.”

Para não ficar atrás, o cavaleiro espinhento se levantou e disse: “Sor Ossifer fala a verdade, você é a mais bela donzela em todos os Sete Reinos.” Poderia ter sido uma cortesia mais doce se não tivesse sido direcionada para seu peito.

“E já viu todas essas donzelas você mesmo, sor?” Alayne perguntou a ele. “É jovem para ser tão viajado.”

Ele corou, o que só fez suas espinhas parecerem mais irritadas. “Não, minha senhora. Sou de Vila Gaivota.”

E eu não sou, embora Alayne tenha nascido lá. Ela precisaria ter cuidado perto deste. “Lembro-me com carinho de Vila Gaivota”, disse a ele, com um sorriso tão vago quanto agradável. Para Myranda ela disse: “Você sabe aonde foi meu pai, por acaso?”

“Deixe-me levá-la até ele, minha senhora.”

“Espero que me perdoem por privá-los da companhia da Senhora Myranda”, Alayne disse aos cavaleiros. Ela não esperou por uma resposta, mas pegou o braço da garota mais velha e a puxou do banco. Só quando elas estavam fora do alcance de seus ouvidos, sussurrou, “Você realmente sabe onde meu pai está?”

“Claro que não. Ande mais rápido, meus novos pretendentes podem estar nos seguindo.” Myranda fez uma careta. “Ossifer Lipps é o cavaleiro mais estúpido do Vale, mas Uther Shett aspira a seus louros. Estou orando para que travem um duelo por minha mão, e que se matem.”

Alayne deu um risinho. “Certamente Lorde Nestor não levaria a sério um pedido de homens desse tipo.”

“Oh, ele poderia. O senhor meu pai está chateado comigo por ter matado o meu último marido e ter lhe dado todo esse trabalho.”

“Não foi culpa sua que ele morreu.”

“Não havia mais ninguém na cama que eu me lembre.”

Alayne preferiu se calar. O marido de Myranda havia morrido enquanto fazia amor com ela. “Aqueles Homens das Irmãs que chegaram ontem eram galantes” disse ela, para mudar de assunto. “Se você não gosta de Sor Ossifer ou Sor Uther, case-se com um deles. Achei o mais novo deles muito belo.”

“O do manto de pele de foca?”, Disse Randa, incrédula.

“Um de seus irmãos, então.”

Myranda revirou os olhos. “Eles são das Irmãs. Você já conheceu um Homem das Irmãs que participou de uma justa? Eles limpam suas espadas com óleo de bacalhau e se lavam em banheiras de água do mar fria”.

“Bem”, disse Alayne, “pelo menos eles são limpos.”

“Alguns deles têm teias entre os dedos dos pés. Preferiria me casar com Lorde Petyr. Então seria sua mãe. Quão pequeno é aquele *mindinho*, lhe pergunto?”

Alayne não se dignou a responder aquela pergunta. “A Senhora Waynwood estará aqui em breve, com seus filhos.”

“Isso é uma promessa ou uma ameaça?”, disse Myranda. “A primeira

Senhora Waynwood deve ter sido uma égua, eu acho. De que outra forma se explica por que todos os homens Waynwood têm cara de cavalo? Se algum dia eu fosse me casar com um Waynwood, ele teria que fazer um voto para vestir o seu elmo sempre que quisesse me foder, e manter a viseira *fechada*. "Ela deu um beliscão no braço de Alayne. "Meu Harry estará com eles, no entanto. Percebo que você o deixou de fora. Nunca irei perdoá-la por roubá-lo de mim. Ele é o garoto com quem quero me casar".

"O noivado foi obra do meu pai", Alayne protestou, como fizera uma centena de vezes antes. *Ela só está provocando*, disse a si mesma... mas por trás das piadas, ela podia ouvir a mágoa.

Myranda parou para contemplar pelo pátio os cavaleiros treinando. "Ali está exatamente o tipo de marido que preciso."

A poucos metros de distância, dois cavaleiros estavam praticando com espadas de treino embotadas. Suas lâminas se chocaram duas vezes, e deslizaram pelas laterais para serem bloqueadas por seus escudos levantados, mas o maior deles cedeu com o impacto. Alayne não conseguia ver a frente de seu escudo de onde estava, mas o atacante tinha três corvos em voo, cada um segurando um coração vermelho em suas garras. *Três corações e três corvos*.

Ela soube então como a luta acabaria.

Alguns momentos mais tarde e o maior estava esparramado na terra com seu elmo torto. Quando seu escudeiro desfez as amarras em sua cabeça, havia sangue escorrendo por seu couro cabeludo. *Se as espadas não fossem embotadas, haveria miolos também*. Esse último golpe na cabeça tinha sido tão duro que Alayne fez uma careta de simpatia quando desceu. Myranda Royce olhou para o vencedor pensativa. "Você acha que se eu pedisse gentilmente Sor Lyn mataria meus pretendentes para mim?"

"Ele poderia, por um gordo saco de ouro." Sor Lyn Corbray estava sempre precisando desesperadamente de dinheiro, todo o Vale sabia disso.

"Infelizmente, tudo que tenho é um gordo par de tetas. Embora com Sor Lyn, uma salsicha gorda sob minhas saias me serviria melhor."

A risadinha de Alayne chamou a atenção de Corbray. Ele entregou o seu escudo ao seu escudeiro desajeitado, tirou o elmo e a touca acolchoada. "Senhoras". Seus longos cabelos castanhos estavam grudados na testa pelo suor.

"Belo golpe, Sor Lyn", Alayne disse. "Apesar de que temo que tenha deixado o pobre Sor Owen sem sentido."

Corbray olhou de volta para onde seu adversário estava sendo ajudado por seu escudeiro a sair do pátio. "Ele nunca teve muito senso, ou não teria me desafiado."

Havia verdade nisso, Alayne pensou, mas algum demônio malicioso estava nela naquela manhã, então ela deu em Sor Lyn também uma estocada. Sorrindo docemente, ela disse: "O senhor meu pai me contou que a nova esposa de seu

irmão está esperando uma criança.”

Corbray lhe deu um olhar sombrio. “Lyonel envia seus remorsos. Ele permanece em Lar do Coração com sua filha de mascate, observando sua barriga inchar como se fosse o primeiro homem que fez uma mulher grávida.”

Oh, essa é uma ferida aberta, pensou Alayne. A primeira esposa de Lyonel Corbray não havia lhe dado nada além de um frágil e doentio bebê que morreu na infância, e durante todos esses anos Sor Lyn permanecera herdeiro de seu irmão. Quando a pobre mulher finalmente morreu, no entanto, Petyr Baelish interveio e intermediou um novo casamento para Lorde Corbray. A segunda Senhora Corbray tinha dezesseis anos, filha de um rico comerciante de Vila Gaivota, mas ela tinha vindo com um imenso dote, e os homens diziam que ela era uma garota alta, robusta, saudável, com os seios grandes e quadris largos. E fértil também, ao que parece.

“Estamos todos rezando para que a Mãe conceda a Senhora Corbray um parto fácil e uma criança saudável”, disse Myranda.

Alayne não se conteve. Ela sorriu e disse: “Para meu pai é sempre um prazer servir a um dos leais vassalos de Lorde Robert. Tenho certeza de que seria um prazer para ele ajudar a negociar um casamento para você também, Sor Lyn.”

“Que gentil da parte dele.” Os lábios de Corbray se retraíram em algo que poderia ter sido dado como um sorriso, embora tenha dado a Alayne um calafrio. “Mas que uso tenho eu para herdeiros, quando não tenho terras e provavelmente continuarei assim, graças ao nosso Senhor Protetor? Não. Diga ao senhor seu pai que não preciso de nenhuma de suas éguas de cria.”

O veneno em sua voz era tão carregado que por um momento ela quase esqueceu que Lyn Corbray era na verdade um peão de seu pai, comprado e pago. *Mas era mesmo?* Talvez, em vez de ser um homem de Petyr fingindo ser inimigo de Petyr, ele fosse na verdade seu inimigo fingindo ser seu homem fingindo ser seu inimigo.

Pensar nisso foi o suficiente para sua cabeça girar. Alayne virou-se abruptamente do pátio... e esbarrou em um homem baixo, de feições angulosas e um punhado de cabelos laranja que vinha atrás dela. A mão dele disparou e pegou seu braço antes que ela pudesse cair. “Minha senhora. Meus perdões se a surpreendi.”

“A culpa foi minha. Eu não o vi.”

“Nós ratos somos criaturas silenciosas.” Sor Shadrich era tão baixo que poderia ser confundido com um escudeiro, mas seu rosto pertencia a um homem muito mais velho. Ela viu longas rugas no canto de sua boca, velhas batalhas na cicatriz abaixo de sua orelha, e uma dureza atrás dos olhos que nenhum garoto jamais teria. Este era um homem feito. Mesmo Randa era mais alta do que ele, no entanto.

“Você irá atrás das asas?”, a garota Royce disse.

“Um rato com asas seria algo tolo.”

“Talvez você vá tentar o corpo a corpo em vez disso?” Alayne sugeriu. O corpo a corpo era um adendo, um presente para todos os irmãos, tios, pais e amigos que acompanharam os concorrentes aos Portões da Lua para vê-los ganhar suas asas de prata, mas haveria prêmios para os campeões, e uma chance de ganhar resgates.

“Um bom corpo a corpo é tudo por que um cavaleiro andante pode esperar, a menos que ele tropece em um saco de dragões. E isso não é provável, não é mesmo?”

“Suponho que não. Mas agora deve nos desculpar, sor, temos de encontrar o senhor meu pai.”

Cornetas soaram do alto da muralha. “Tarde demais”, disse Myranda. “Eles estão aqui. Precisaremos fazer as honras nós mesmas.” Ela sorriu abertamente. “A última que chegar ao portão deverá se casar com Uther Shett.”

Elas fizeram daquilo uma corrida, disparando pelo pátio e passando pelos estábulos, suas saias se agitando, enquanto tanto cavaleiros quanto serventes olhavam, e porcos e galinhas se espalhavam diante delas. Não era nada donzelesco, mas Alayne rapidamente se viu rindo. Por um breve momento, enquanto corria, ela se esqueceu de quem era, e onde estava, e viu-se lembrando de claros dias frios em Winterfell, quando corria pelo castelo com sua amiga Jeyne Poole, com Arya correndo atrás delas tentando acompanhá-las.

Quando chegaram a portaria, ambas estavam com o rosto vermelho e ofegantes. Myranda tinha perdido seu manto em algum lugar ao longo do caminho. Chegaram bem na hora. A porta levadiça tinha sido alçada, e uma coluna de vinte cavaleiros passava por baixo. Em sua ponta cavalgava Anya Waynwood, Senhora de Ferroles, austera e magra, com o cabelo castanho-acinzentado amarrado em um lenço. Sua capa de equitação era de lã verde pesada ornamentada com pele marrom, e fechada no pescoço por um broche de nielo na forma da roda quebrada de sua Casa.

Myranda Royce se adiantou e esboçou uma reverência. “Senhora Anya. Bem-vinda aos Portões da Lua.”

“Senhora Myranda. Senhora Alayne.” Anya Waynwood inclinou a cabeça a cada uma delas, uma de cada vez. “É gentil de sua parte nos cumprimentar. Permitam-me apresentar meu neto, Sor Roland Waynwood.” Ela assentiu com a cabeça para o cavaleiro que havia citado. “E este é o meu filho mais novo, Sor Wallace Waynwood. E, claro, meu protegido, Sor Harrold Hardyng.”

Harry o Herdeiro, Alayne pensou. *Meu futuro marido*, se ele me aceitar. Um terror repentino a invadiu. Ela se perguntou se seu rosto estava vermelho. *Não o encare*, ela lembrou a si mesma, *não encare, não boceje, não fique de boca aberta. Desvie o olhar*. Seu cabelo deve estar uma bagunça terrível depois de toda aquela correria. Custou-lhe toda sua força de vontade se impedir de tentar ajeitar

os fios soltos de volta no lugar. *Esqueça seu cabelo estúpido. Seu cabelo não importa. É ele que importa. Ele, e os Waynwoods.*

Sor Roland era o mais velho dos três, apesar de não ter mais do que vinte e cinco. Ele era mais alto e mais musculoso do que Sor Wallace, mas ambos tinham rostos longos e queixo saliente, com grossos cabelos castanhos e narizes finos. Cara-de-cavalo e desajeitado, Alayne pensou.

Harry, no entanto...

Meu Harry. Meu senhor, meu amante, meu prometido.

Sor Harrold Hardyng era um futuro senhor em cada centímetro; proporcional e bonito, apumado como uma lança, duro de músculos. Homens com idade suficiente para terem conhecido Jon Arryn em sua juventude haviam dito que Sor Harrold tinha sua aparência, ela sabia. Ele tinha um tufo de cabelo loiro-areia, olhos azuis pálidos, nariz aquilino. *Joffrey também era gracioso, ela se lembrou. Um monstro gracioso, é isso o que ele era. O Pequeno Lorde Tyrion era mais gentil, embora fosse retorcido.*

Harry a encarava. *Ele sabe quem eu sou, ela percebeu, e ele não parece contente em me ver.* Foi só então que ela tomou conhecimento de sua heráldica. Apesar de seu casaco e cavalo estarem decorados com diamantes vermelho-e-branco da Casa Hardyng, seu escudo era esquartejado. As armas de Hardyng e Waynwood eram exibidas no primeiro e terceiro cantos, respectivamente, mas no segundo e no quarto ele ostentava a lua-e-águia da Casa Arryn, céu azul e creme. Doce Robin não vai gostar disso.

Sor Wallace disse, “Somos os ú-ú-últimos?”

“Sim, sores,” respondeu Myranda Royce, sem tomar conhecimento algum de sua gagueira.

“Qu-qu-quando as j-j-justas começam?”

“Oh, em breve, espero”, disse Randa. “Alguns dos concorrentes estão aqui há quase uma lua, partilhando da comida e da bebida de meu pai. Todos bons companheiros, e muito corajosos... mas eles comem muito.”

Os Waynwoods riram, e até mesmo Harry o Herdeiro esboçou um pequeno sorriso. “Estava nevando nos passos, do contrário teríamos chegado mais cedo”, disse a Senhora Anya.

“Se soubéssemos que tal beleza nos esperava nos Portões, teríamos voado”, disse Sor Roland. Apesar de suas palavras serem dirigidas a Myranda Royce, ele sorriu para Alayne quando as disse.

“Para voar você precisaria de asas”, Randa respondeu, “e há alguns cavaleiros aqui que poderiam ter alguma coisa a dizer sobre isso.”

“Estou ansioso para uma discussão animada.” Sor Roland desceu de seu cavalo, virou-se para Alayne, e sorriu. “Eu tinha ouvido falar que a filha de Lorde Mindinho tinha um rosto belo e era cheia de graça, mas ninguém nunca me disse que ela era uma ladra.”

“Me confunde, sor. Eu não sou ladra!”

Sor Roland colocou a mão sobre o coração. “Então como explica esse buraco em meu peito, de onde roubou meu coração?”

“Ele está apenas p-provocando-lhe, minha senhora”, gaguejou Sor Wallace. “Meu s-s-sobrinho nunca teve um c-c-coração”.

“A roda Waynwood tem um aro quebrado, e temos meu tio aqui.” Sor Roland deu a Wallace um tabefe atrás da orelha. “Escudeiros devem ficar quietos quando cavaleiros estão falando.”

Sor Wallace ficou vermelho. “Não sou mais um es-escudeiro, minha senhora. Meu s-sobrinho sabe muito bem que eu fui n-n-nom-n-n-nom-a --”

“Armado?” Alayne sugeriu gentilmente.

“Armado”, disse Wallace Waynwood, agradecido.

Robb teria sua idade, se ainda estivesse vivo, ela não pôde deixar de pensar, mas Robb morreu um rei, e este é apenas um garoto.

“O senhor meu pai lhe reservou quartos na Torre Leste”, a Senhora Myranda estava dizendo a Senhora Waynwood, “mas temo que seus cavaleiros terão de dividir uma cama. Os Portões da Lua não foram feitos para abrigar tantos nobres visitantes.”

“Ficará na Torre do Falcão, Sor Harrold,” Alayne disse. *Longe de Doce Robin.* Isso era intencional, ela sabia. Petyr Baelish não deixava coisas como essa ao acaso. “Se lhe aprouver, posso eu mesma levá-lo aos seus aposentos.” Desta vez, seus olhos encontraram os de Harry. Ela sorriu apenas para ele, e fez uma oração silenciosa para a Donzela. *Por favor, ele não precisa me amar, faça-o apenas gostar de mim, só um pouco, isso seria o suficiente por enquanto.*

Sor Harrold a olhou friamente. “Por que deveria me agradecer ser acompanhada para qualquer lugar pela bastarda de Mindinho?”

Os três Waynwoods olharam para ele de soslaio. “Você é um convidado aqui, Harry,” Senhora Anya lembrou-lhe, com um tom gelado. “Lembre-se disso.”

A Armadura de uma senhora é a sua cortesia. Alayne podia sentir o sangue correndo em seu rosto. Sem lágrimas, ela rezou. *Por favor, por favor, eu não devo chorar.* “Como quiser, sor. E agora, se me dão licença, a bastarda de Mindinho deve encontrar o senhor seu pai e o informar de que vocês chegaram, para que possamos começar o torneio pela manhã.” *E que o seu cavalo tropece, Harry o Herdeiro, para que caia com sua estúpida cabeça no chão em sua primeira justa.* Ela mostrou aos Waynwoods um rosto de pedra, enquanto eles soltavam desculpas desajeitadas por seu companheiro. Quando eles terminaram, ela se virou e saiu.

Perto do castelo, ela deu de cabeça com Sor Lothor Brune e quase o derrubou. “Harry o Herdeiro? Harry o Bundão, digo eu. Ele é só um escudeiro arrivista.”

Alayne ficou tão grata que o abraçou. “Obrigada. Viu meu pai, sor?”

“Lá embaixo, nas adegas”, Sor Lothar disse, “inspecionando os depósitos de

Lorde Nestor com Lorde Grafton e Lorde Belmore.”

As adegas eram grandes e escuras e imundas. Alayne acendeu uma vela e agarrou sua saia enquanto descia. Perto do fundo, ela ouviu a voz estrondosa do Senhor Grafton, e a seguiu.

“Os comerciantes estão clamando para comprar e os senhores estão clamando para vender”, o vilagaivotense estava dizendo quando ela os encontrou. Apesar de não ser um homem alto, Grafton era largo, com braços e ombros grossos. Seu cabelo era um esfregão loiro sujo. “Quem sou eu para parar com isso, meu senhor?”

“Coloque guardas nas docas. Se necessário, apreenda os navios. De que maneira não me importa, desde que nenhum alimento saia do Vale.”

“Esses preços, no entanto,” protestou o gordo Lorde Belmore, “estes preços são mais do que justos.”

“Você diz *mais do que justos*, meu senhor. *Digo que são menos do que gostaríamos*. Aguarde. Se necessário, compre a comida você mesmo e a mantenha armazenada. O inverno está chegando. Os preços devem subir.”

“Talvez”, disse Belmore, em dúvida.

“Bronze Yohn não vai esperar”, Grafton reclamou. “Ele não precisa navegar através de Vila Gaivota, ele tem seus próprios portos. Enquanto estamos acumulando nossa colheita, Royce e outros Senhores Declarantes transformarão as deles em prata, você pode ter certeza disso.”

“Esperemos que assim seja”, disse Petyr. “Quando seus depósitos estiverem vazios, eles vão precisar de cada pedacinho dessa prata para comprar o sustento de nós. E agora, se me dão licença, meus senhores, ao que parece minha filha precisa de mim.”

“Senhora Alayne”, disse Lorde Grafton. “Você está graciosa esta manhã.”

“É gentil em dizer isso, meu senhor. Pai, sinto muito por incomodá-lo, mas pensei que você gostaria de saber que os Waynwoods chegaram.”

“E Sor Harrold está com eles?”

Horrível Sor Harrold. “Ele está.”

Lorde Belmore riu. “Nunca pensei que Royce iria deixá-lo vir. Ele é cego, ou simplesmente estúpido?”

“Ele é honrado. Às vezes, é a mesma coisa. Se ele negasse ao rapaz a chance de se provar, poderia criar uma tensão entre eles, então por que não deixá-lo justar? O garoto de modo algum tem habilidade o suficiente para ganhar um lugar entre os Cavaleiros Alados.”

“Suponho que não”, disse Belmore, a contragosto. Lorde Grafton beijou Alayne na mão, e os dois senhores saíram, deixando-a sozinha com o senhor seu pai.

“Venha”, Petyr disse, “caminhe comigo.” Ele a pegou pelo braço e levou-a mais a fundo nas adegas, passando por um calabouço vazio. “E como foi o seu

primeiro encontro com Harry o Herdeiro?”

“Ele é horrível.”

“O mundo está cheio de horrores, querida. A essa altura você deveria saber disso. Já viu o suficiente deles.”

“Sim”, ela disse, “mas por que ele tinha que ser tão cruel? Ele me chamou de sua bastarda. Ali no pátio, na frente de todos.”

“Até onde ele sabe, é quem você é. Este noivado não foi ideia dele, e Bronze Yohn sem dúvida o advertiu contra minhas artimanhas. Você é minha filha. Ele não confia em você, e ele acredita que está abaixo dele.”

“Bem, eu não estou. Ele pode pensar que é algum grande cavaleiro, mas Sor Lother diz que ele não passa de um escudeiro arrivista.”

Petyr colocou seu braço ao redor dela. “Ele é, mas ele é o herdeiro de Robert também. Trazer Harry aqui foi o primeiro passo de nosso plano, mas agora temos de mantê-lo, e só você pode fazer isso. Ele tem uma fraqueza por um rosto bonito, e que rosto é mais bonito do que o seu? Encante-o. Fascine-o. Enfeite-o.”

“Eu não sei como”, ela disse tristemente.

“Oh, eu acho que sabe,” disse Mindinho, com um daqueles sorrisos que não alcançavam seus olhos. “Você será a mulher mais linda no salão essa noite, tão adorável quanto a senhora sua mãe na sua idade. Eu não posso te colocar sentada no estrado, mas você terá um lugar de honra acima do sal e embaixo de uma arandela. As chamas irão reluzir em seus cabelos, para que todos vejam o quão bela é sua face. Mantenha uma colher longa à mão para espantar os escudeiros, querida. Você não vai querer garotos verdes debaixo dos pés quando cavaleiros vierem suplicar pelo seu favor.”

“Quem usaria o favor de uma bastarda?”

“Harry, se ele tiver o juízo que os deuses concedem aos gansos... mas não o dê a ele. Escolha outro galante, e favoreça-o. Você não quer parecer muito ansiosa.”

“Não,” disse Alayne. “A Senhora Waynwood insistirá para que Harry dance com você, eu posso garantir isso. Essa será sua chance. Sorria para o rapaz. Toque-o enquanto você fala. Provoque-o, para despertar seu orgulho. Se ele estiver correspondendo, diga que está se sentindo fraco, e peça que ele te leve para fora, a fim de respirar um pouco de ar fresco. Nenhum cavaleiro recusaria tal pedido de uma bela dama.”

“Sim,” ela disse, “mas ele pensa que eu sou uma bastarda.”

“Uma bela bastarda, e filha do Senhor Protetor.” Petyr a puxou para perto e lhe deu um beijo em cada bochecha. “A noite pertence a você, querida. Lembre-se disso, sempre.”

“Eu tentarei, pai,” ela disse.

O banquete se provou ser tudo que seu pai prometera.

Sessenta e quatro pratos foram servidos, em honra aos sessenta e quatro concorrentes que haviam chegado até o momento para competir pelas asas prateadas perante seu senhor. Dos rios e dos lagos vieram lúcios, trutas e salmões, dos mares caranguejos, bacalhau e arenque. Havia patos, e capões, pavões em sua plumagem e cisnes ao leite de amêndoas. Leitões foram servidos torrados com maçãs em suas bocas, e três grandes auroques inteiros foram assados sobre fogueiras no pátio do castelo, visto que eram muito grandes para passarem pelas portas da cozinha. Nacos de pão quente encheram as mesas do salão de Lorde Nestor, e enormes rodas de queijo foram trazidas dos depósitos. A manteiga era recém-preparada, e havia alho-poró e cenouras, cebolas assadas, beterrabas, nabos e mais nabos. E o melhor de tudo, os cozinheiros de Lorde Nestor prepararam uma esplêndida sutileza, um bolo de limão com o formato da Lança do Gigante, doze pés de altura e adornado com um Ninho da Águia feito de açúcar.

Para mim, Alayne pensou, enquanto eles traziam o bolo. Passarinho também amava bolos de limão, mas só depois que ela lhe disse que eles eram seus favoritos. O bolo precisou de todos os limões do Vale, mas Petyr prometeu encomendar mais de Dorne.

Também havia presentes, presentes esplêndidos. Cada um dos competidores recebeu um manto de pano de prata e um broche de lápis-lazúli com a forma de asas de falcão. Boas adagas de aço foram dadas aos irmãos, pais, e amigos que vieram vê-los na disputa. Para suas mães, irmãs e damas havia peças de seda e renda de Myr.

“Lorde Nestor tem uma mão aberta,” Alayne ouviu Sor Edmund Breakstone dizer. “Uma mão aberta e um dedo mindinho,” Senhora Waynwood respondeu, com um aceno de cabeça em direção a Petyr Baelish. Breakstone não demorou a entender. A verdadeira fonte de tamanha generosidade não era Lorde Nestor, mas o Senhor Protetor.

Quando o último prato foi servido e retirado, as mesas foram levantadas de seus cavaletes a fim de liberar espaço para a dança, e os músicos foram trazidos.

“Não há cantores?” perguntou Ben Coldwater.

“O pequeno senhor não consegue tolerá-los,” Sor Lymond Lynderly respondeu. “Não desde Marillion.”

“Ah... esse foi o homem que matou a Senhora Lysa, sim?”

Alayne se manifestou. “Seu canto a agradava imensamente, e talvez ela o tenha favorecido demais. Quando ela se casou com meu pai ele enlouqueceu e a empurrou pela Porta da Lua. Lorde Robert odeia cantores desde então. Ele ainda aprecia música, porém.”

“Assim como eu,” Coldwater disse. Levantando-se, ele ofereceu sua mão a Alayne. “Me concederia a honra desta dança, minha senhora?”

“É muito gentil,” ela disse, enquanto ele a conduzia pelo salão.

Ele foi seu primeiro parceiro da noite, mas longe de ser o último. Bem como Petyr prometera, os jovens cavaleiros se amontoaram ao redor dela, disputando seu favor. Depois de Ben veio Andrew Tollett, o belo Sor Byron, Sor Morgarth do nariz vermelho, e Sor Shadrich, o Rato Louco. Então Sor Albar Royce, irmão robusto e maçante de Miranda e herdeiro de Lorde Nestor. Ela dançou com os três Sunderlands, nenhum dos quais tinha teias entre os dedos da mão, embora ela não pudesse dizer nada a respeito dos dedos dos pés. Uther Shett apareceu para elogiá-la pegajosamente enquanto pisava em seus pés, mas Sor Targon o Meioselvagem provou ser a alma da cortesia. Depois disso Sor Roland Waynwood a pegou e a fez rir com comentários zombeteiros sobre metade dos outros cavaleiros no salão. Seu tio Wallace também teve uma dança e tentou fazer o mesmo, mas as palavras não vieram. No final, Alayne teve pena dele e começou a tagarelar alegremente, para poupá-lo do embaraço. Quando a dança terminou ela pediu licença, e voltou para seu lugar a fim de beber algum vinho.

E lá estava ele, o próprio Harry o Herdeiro; alto, bonito, carrancudo. “Senhora Alayne. Posso ser seu parceiro nesta dança?”

Ela considerou por um momento. “Não. Acho que não.”

As bochechas dele ficaram coradas. “Fui imperdoavelmente rude com você no pátio. Você precisa me perdoar.”

“Preciso?” Ela jogou o cabelo, tomou um gole de vinho, o fez esperar. “Como você pode perdoar alguém que é imperdoavelmente rude? Vai explicar isso para mim, sor?”

Sor Harrold parecia confuso. “Por Favor. Uma dança.”

Encante-o. Fascine-o. Enfeite-o. “Se você insiste.”

Ele balançou a cabeça, ofereceu o braço, levou-a para a pista. Enquanto esperavam que a música continuasse, Alayne olhou para o estrado, onde Lorde Robert estava sentado os encarando. Por favor, ela rezou, que ele não comece a se contorcer e sacudir. Não aqui. Não agora. Mestre Colemon teria se certificado de fazê-lo beber uma forte dose de sonodoce antes da festa, mas mesmo assim.

Então, os músicos iniciaram uma canção, e ela dançou.

Diga alguma coisa, pediu a si mesma. Você nunca vai fazer Sor Harry te amar se não tiver a coragem de falar com ele. Ela deveria dizer a ele que bom dançarino ele era? *Não, ele provavelmente ouviu isso uma dúzia de vezes esta noite. Além disso, Petyr disse que eu não deveria parecer ansiosa.* Em vez disso, ela disse: “Ouvi dizer que você está prestes a ser pai.” Não era algo que a maioria das garotas diria ao seu quase-noivo, mas ela queria ver se Sor Harrold iria mentir.

“Pela segunda vez. Minha filha Alys tem dois anos de idade.”

Sua filha bastarda Alys, Alayne pensou, mas o que ela disse foi: “Aquela tinha uma mãe diferente, no entanto.”

“Sim. Cissy era uma coisinha bonita quando a encontrei, mas o parto a deixou

gorda como uma vaca, então a Senhora Anya arranhou para ela se casar com um de seus homens de armas. Com Açafrão é diferente."

"Açafrão?" Alayne tentou não rir. "Sério?"

Sor Harrold permitiu-se corar. "O pai dela diz que ela é mais preciosa para ele do que o ouro. Ele é rico, o homem mais rico da Vila Gaivota. Uma fortuna em especiarias."

"Que nome dará ao bebê?", perguntou ela. "*Canela* se for uma menina? *Cravo* se for um menino?"

Isso quase o fez tropeçar. "Minha senhora graceja."

"Oh, não". *Petyr irá uivar quando eu lhe contar o que disse.*

"Açafrão é muito bonita, lhe garanto. Alta e magra, com grandes olhos castanhos e cabelos como o mel."

Alayne levantou a cabeça. "Mais bela do que eu?"

Sor Harrold estudou seu rosto. "Você é graciosa o suficiente, admito. Quando a Senhora Anya me contou sobre este arranjo, eu estava com medo de que você pudesse se parecer com seu pai."

"Barbinha pontuda e tudo?" Alayne riu.

"Eu nunca quis dizer..."

"Espero que você juste melhor do que fala."

Por um momento ele pareceu chocado. Mas, conforme a música acabava, ele desatou a rir. "Ninguém me disse que você era inteligente."

Ele tem bons dentes, ela pensou, alinhados e brancos. E quando ele sorri, suas covinhas são belas. Ela correu um dedo pela sua bochecha. "Se um dia nos casarmos, terá que enviar Açafrão de volta para seu pai. Serei todo o tempero que irá desejar."

Ele sorriu. "Vou exigir essa promessa, minha senhora. Enquanto esse dia não chega, posso usar o seu favor no torneio?"

"Não pode. Está prometido para... outro." Ela ainda não tinha certeza de quem, mas sabia que encontraria alguém.

Fontes

Arianne I - Disponibilizado em www.georgerrmartin.com. Tradução de Ana Paula Lopez.

Victarion - [Youtube](#), transcrito pelo usuário do Reddit 'Icedune21'

Theon I - Disponibilizado em www.georgerrmartin.com. Tradução de Tony Cardia

Arianne II - Discussão [1](#), [2](#).

Tyrion I - [Discussão](#).

Barristan I - [Disponibilizado em app](#). Tradução: Equipe Game of Thrones BR.

Barristan II - Descrição detalhada da leitura feita por GRRM na Boskone, escrita por '[Azador](#)' do [Forum of Ice and Fire](#) e traduzida por Lorde Pedro Teixeira.

Tyrion II - [Disponibilizado em app](#). Tradução: Equipe Game of Thrones BR.

Mercy - Disponibilizado em www.georgerrmartin.com. Tradução: Equipe Game of Thrones BR.

Alayne I - Disponibilizado em www.georgerrmartin.com. Tradução: Equipe Game of Thrones BR.

Revisão dos capítulos e montagem do eBook por Marcelo Carvalho.

Trechos de “The Winds of Winter” - por George R. R. Martin.

A ser publicado pela Bantam Books; Copyright © por George RR Martin.

Todos os direitos reservados.

Traduzido para fins de entretenimento para os leitores ansiosos e fãs das Crônicas de Gelo e Fogo.

Table of Contents

[Arianne I \(completo\)](#)

[Victarion \(resumo\)](#)

[Theon I \(completo\)](#)

[Arianne II \(resumo\)](#)

[Tyrion I \(resumo\)](#)

[Barristan I \(completo\)](#)

[Barristan II \(resumo\)](#)

[Tyrion II \(completo\)](#)

[Mercy \(completo\)](#)

[Alayne I \(completo\)](#)

[Fontes](#)